

ALMA PORTUGUEZA

# Os Doze de Inglaterra

POEMA

POR

THEOPHILO BRAGA



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON

De Lello & Irmão, Editores

1902

Todos os direitos reservados.

24750

OBRAS COMPLETAS

---

ALMA PORTUGUEZA

---

OS DOZE DE INGLATERRA

ANTONIO PAES

## ALMA PORTUGUEZA

Rhapsodias da grande Epopéa de um pequeno Povo

---

- I. **VIRIATHO** — Narrativa epo-historica.
- II. **FREI GIL DE SANTAREM** — Drama-lenda.
- III. **LINDA IGNEZ** — Tragedia classica
  - TRILOGIA { 1.<sup>a</sup> A pallida Donzella.
  - { 2.<sup>a</sup> Morta e Rainha.
  - { 3.<sup>a</sup> A Vingança do Justiceiro.
- IV. **OS DOZE DE INGLATERRA** — Poema.
- V. **O PEITO LUSITANO** — Rhapsodias cyclicas das Navegações.
- VI. **CAMÕES** — Poema epo-lyrico.
- VII. **GOMES FREIRE** — Drama em cinco actos.



A Litteratura e a Arte tendem no seu desenvolvimento normal para a expressão universalista. Na obra dos grandes genios o que mais sobrevive e nos encanta por uma perenne actualidade, é o que elles sentiram pela intuição de um estado de consciencia acima do seu tempo. Destacaram-se do ambiente exclusivista da nacionalidade presentindo a humanidade. Mas, tendo a Litteratura e a Arte attingido esta superior evolução esthetica, deverão renegar os seus nacionalismos?

Nunca.

A feição nacional é tão necessaria á idealisação esthetica, como o idioma patrio para aquelle que escreve; e como cada nação só pode existir historicamente sendo orgão do progresso humano, é suggerindo esta missão, que a Litteratura e a Arte têm de ser primeiramente *nacionaes*, para na sua elevação definirem o ideal humano, e reflectirem o sentimento universalista.

Na VISÃO DOS TEMPOS ficou esboçada uma Epopêa das Edades, em que se approximam os Symbolos tradicionaes de todas as raças e Civilisações dando relêvo ás aspirações implicitas n'elles, e fazendo sentir pela representação pittoresca do viver de cada povo as luctas para alargar as fronteiras dos separatismos dos Dogmas religiosos e das bandeiras das nacionalidades.

Por esta via comprehendemos a missão historica de Portugal. Hoje completamos a nossa evolução esthetica, elaborando os themas mais suggestivos do ideal da Nacionalidade, que se identifica com a missão universalista de Portugal no progresso humano. E esta necessidade de dar expressão artistica consciante ao sentimento nacional, impõe-se ante a obliteração proposital d'esse sentimento que tem occasionado as crises da nossa degradação e ruina.

Sob o titulo de ALMA PORTUGUEZA empreendemos uma serie de Poemas em que são idealisadas as manifestações do genio d'este Povo, com que se tem revelado na Historia e actuado na Civilisação moderna. O espirito de independencia da raça *lusitana*, ainda hoje não confundida com a *iberica* apesar de todos os planos dynasticos e desastres sociaes, acha a sua nitida expressão artistica em uma narrativa epo-historica das luctas do caudilho d'essa autonómia — *Viriatho*.

O sentimento amoroso e o espirito de aventura, feições das mais caracteristicas da Alma portugueza, são agora representados no poema *Os Doze de Inglaterra*.

---

Tem esta lenda cavalheiresca a importancia de precisar o momento em que esse sentimento tem por objectivo a *ditosa Patria* amada, e em que a audacia aventureira se vae exercer nas Explorações maritimas pela costa africana e Atlantico, até á realisação dos grandes Descobrimientos da róta da India, do Brasil e da Circumducção do globo. Este momento em que o vago impulso tenta exercer-se em uma acção historica, fica accentuado nos *Doze de Inglaterra*. A revivescencia plena do *lusismo*, achando = por mares nunca d'antes navegados = a sua missão nacional, dá thema a novas idealisações segundo o estado actual de consciencia; procurando-se por essa emoção artistica sustar o processo lento de desnacionalisação que tem como resultado inevitavel o acabamento de Portugal, só pela concentração do sentimento se porá termo á incoherencia e desagregação politica que tanto nos degrada.





## PROEMIO

---

QUEM ha hoje que crêa  
N'isto de almas penadas ?  
Por mim, liberto de uma tal ideia,  
Da obsessão das cousas do outro mundo  
Que amedrontára as gerações passadas,  
Tinha-a como ridicula, irrisoria ;  
Agora não !... Vereis em que me fundo.  
Peço licença ; entremos já na historia :

Um vulto magro, com o olhar sombrio,  
De afilado nariz, unctuoso, esguio,  
Conscio de dignidade, postulante,  
Com incerto sorriso, poz-se diante  
Da minha mesa de trabalho, e falla  
Uma estranha linguagem, que me abala  
Pelo influxo dos mysteriosos sêres :

«Cavalheiro! Eu sou Mestre Pero Pérez,  
Graduado na sacra Theologia  
Pela Universidade de Siguença;  
Ante a vossa presença,  
Direi o que queria :

No mundo, sabel-o-heis, quanto é fallado  
Esse Cura manchêgo celebrado,  
O austero sacerdote,  
Que arrojou no quintal de Don Quijote  
De uma fogueira á irremissivel chamma  
As Novellas que tinham maior fama  
De altas Cavallerias?  
Com boa fé fiz estas tropelias,  
Não porque eu fosse um chatarrão ou tolo,  
Mas só por terem dado volta ao meôlo  
Do Cavalleiro da Figura triste,  
Que á pobreza, á desgraça não resiste  
Absorto em tanto engano!  
Quiz salvar este meu parochiano,  
E comprazer com a infeliz sobrinha  
Que em lamurias constantes me entretinha.

Mas... Tudo a aziaga sorte me invertia!

Essas Novellas de Cavalleria,  
Contra as quaes se revolta o meu bom senso.  
Eram exemplos de heroismo immenso,  
De protecção aos fracos pelo forte!

Quando, enfim, me averguei á lei da morte  
E parti d'este mundo, oh desventura,  
Não encontrei a paz da sepultura,

Nem pôde algum funéreo responsorio  
 Guiar minha alma para o Purgatorio;  
 Achei-me condemnado a andar errante  
 No mundo, para traz e para diante,  
                   Castigo, expiação rude  
 Por extinguir exemplos de virtude  
 N'essas Novellas de Cavalleria,  
 Da Justiça, do Bem espelho e guia.  
 Das peregrinações sentindo o tédio,  
 Como o termo da expiação já tarda,  
 Interoguei o Anjo meu da Guarda,  
 Que me diga: Se existe algum remedio  
 Com que fosse minha alma despenada?

Volveu :

— Na Bemaventurança entrada  
 Tens por certo, se na terrena vida  
 De covardia e sordido interesse,  
 Algum Poeta ingenuo se atrevesse  
 A restituir á admiração devida  
 As Novellas em que ninguem já pensa  
 Sem desdem, pela estúpida sentença  
 Com que ao auto de fé as condemnaras. —

Lembrei-me então, que da fogueira raras  
 Foram as Obras que escaparam... Mas,  
 Esse *Amadis de Gaula* portuguez,  
 A flor das flores da Cavalleria,  
 Especial excepção me merecia!  
 Do meu bom gosto agora me não jacto;  
                   Talvez, por este facto,

Pode algum poeta portuguez, acaso,  
Ter compaixão de mim, e restituindo  
As Novellas á sympathia antiga,  
Assim, assim dê aso  
A que o negro fadario seja findo,  
E de minha alma em pena a atroz fadiga.

Nos meus errores pelo mundo insanos  
Vim pois a Portugal ha setenta annos ;  
E a GARRETT expondo os meus tormentos,  
Condoeu-se de mim ! Que sentimentos  
Ao Poeta inspira um amoroso fogo !  
Para me despenar, um Poema logo  
Da Tradição dos *Doze de Inglaterra*,  
Que o ideal da Cavalleria encerra,  
Começou, dando vida ao heroico thema.

No seu final estava quasi o Poema ;  
(Fatalidade que persegue a um morto !)  
Trazido dos Açores para o Porto,  
O navio em que vem se submergia,  
Mettido a pique pela artilheria  
Do miguelino Cêrco, ao qual incita  
A hora do saque da Cidade invicta !  
Perdeu-se o Poema, quando entrava a barra ;  
Magoado o Poeta este desastre narra ;  
Só eu comprehendo essas palavras sérias,  
Continuando um fadario de miserias.

Bem tarde tive alfim conhecimento  
Do quanto admiras o genial portento,

E a perda sentes d'essa excelsa joia ;  
Como é pois natural, não perdi boia,  
E o antigo pedido hoje renovo :  
Não é para fazeres Poema novo !  
Basta dar luz ao Poema que se occulta,  
Que então minha alma assim liberta exulta.»

---

Ouvindo estas palavras, isto tudo,  
A sombria figura eu fitei mudo,  
De Mestre Pero Pérez a presença,  
Do Theologo graduado por Siguença !  
Julguei ter ante mim algum maluco  
Fugido ao manicomio. Já retruco :

— Aqui estou prompto, Mestre Pero Pérez,  
A trabalhar na empreza que quizeres,  
Sendo a libertação vossa o pretexto ;  
Como posso eu adivinhar o texto  
Do Poema dos *Doze de Inglaterra*,  
Perdido, quando a nave ao Porto aferra . . .  
Lá no fundo do mar ha tantos annos ?

«Eu vos descobrirei esses arcanos,  
Patenteando o Poema ideal, sublime !  
(Diz o graduado por Siguença.) Ouvi-me :  
Sabereis, que afundando-se o navio  
Que trazia o Poema, lhe accudiu  
A Rainha das Fadas, pressurosa,  
Titania, bella mais que a fresca rosa ;

Com o Ramo de Lirios, que fascina,  
Tornou em vólta a agua cristalina  
Em fórma de umia urna surprehendente ;  
Guardou dentro o Poema, reverente !  
Não contrariá em nada a Sciencia isto ;  
Sob as grandes geleiras tem-se visto  
Typos primévos, antediluvianos,  
Que se conservam ha milhares de annos.  
A Natureza aos seculos vindouros  
Ensinou a guardar os seus thezouros.  
Podereis lêr o Poema linha a linha,  
Se Titania, das Fadas a Rainha,  
A tns olhos, que o véo mortal conteve,  
Com o Ramo de Lirios toque leve . . . »

Crendo que Mestre Pero com tal rogo  
Me estava disfructando, adverti logo :

— Já não é pouco a minha transigencia  
Com as Almas penadas ! acquiescencia  
Dou aos sonhos de Fadas espontanea ;  
Emfim, se conseguires que Titania  
Tocando-me com o Ramo seu de Lirios  
Me figure na mente mil delirios. —

Sorriu-se o Licenciado. O ár me opprime,  
Não sei então que se passou ; senti-me  
N'uma atmospherá que fascina e enleva,  
Immovel, sem que um passo a dar me atreva ;  
Por momentos a vista se me offusca !  
Pela fronte perpassa uma aura brusca  
De indizível frescura, almo perfume  
Como a presença incognita de um nume.

Na visão subjectiva toma vulto  
O que aos olhos mortaes estava occulto :  
    N'uma oceanica furna  
Eu vi grandiosa a cristalina Urna  
Que se me abriu; pousei a mão no Poema,  
Na surpresa da admiração suprema!  
Li...

    Acordando inesperadamente,  
Acho-me á mesa de trabalho. Em frente  
De Mestre Pero Pérez a figura  
O meu olhar attonito procura;  
E esse vulto que alli ante mim vira,  
Como doentio sonho se esvaíra!  
Na aérea decepção busco equilibrio;  
Que importa? Da illusão não fui ludibrio,  
Nem a imaginação inane aberra,  
Se ainda de longe nos meus versos brilha  
A influência da ignota maravilha,  
Do Poema dos *Doze de Inglaterra*.





# OS DOZE DE INGLATERRA

## INVOCAÇÃO

FICÇÕES encantadoras, deliciosos  
Contos da antiga Armórica, Lais bellos,  
Lendas, Tríadas, Chronicons piedosos,  
Devaneios de amor meigos, singelos,  
Feitos do Rey Arthur imaginarios,  
Cantados pelos Bardos solitarios ;  
Quando prendiam da barbárie os élos  
A Europa, em lucta de tristeza e espanto,  
Vós trouxestes ás almas puro encanto.

Vós ensinastes a galanteria  
Pelo enlêvo da feminina graça !  
Déstes um alto ideal á valentia,  
Aos Bardos a expressão do sentimento  
Da independencia de opprimida raça.  
Das edades, do sepulchral moimento  
Evocando bem viva a Tradição,  
Trouxestes forte apoio na desgraça  
Da saxonía invasão.

Oh, deixae-me poisar sedentos labios  
No mysterioso cymbio do Graal Santo,  
    Onde se prova o travo  
Que nos torna prophetas, vates, sabios,  
Que nos liberta do lethal quebranto,  
E nos dá da immortalidade o favo !

Quando hoje impera a abjecta idolatria  
    Do vil Bezerro de oiro,  
Afastae-nos do estólido desdouro,  
Guiando-nos ás fontes da Poesia !  
Merlin, traze-me o dom da prophecia  
Para vêr se do Luso a antiga gloria,  
    Se esta pequena Terra  
Se tornará suprema ainda na Historia !  
Percival, Lancelot, Flores, Tristão,  
Nas vossas almas todo o amor se encerra;  
N'este egoismo da sociedade em guerra  
Vinde-nos aquecer o coração.

Deixae-me em vosso seio hoje sonhar,  
Vós, oh bella rainha Gwenivar,  
Brancaflor, e Yseult a sem ventura,  
    Que achaes tanta doçura  
    N'um amor infeliz !  
    Vinde, Fadas gentis,  
    Morgane e Viviana,  
Pois tendes do encantamento o dom  
Nos sonhos amorosos de esperança ;  
Lá quando a realidade a alma nos cansa,  
Arrebatae-me á Ilha de Avalon,  
Para os lindos palacios de esmeralda,  
Ou do Monte Salvat levae-me á falda.

N'esta gehena de odios  
 De um seculo que expira  
 Da força bruta nos sangrentos brodios,  
 Para o espirito do desalentado  
     Quando incerto delira,  
 Como um refugio ostenta-se o passado;  
 Do Amor, Valor e Honra os episodios  
 Dão-nos contra as miserias do presente  
 Da Poesia a miragem absorvente.



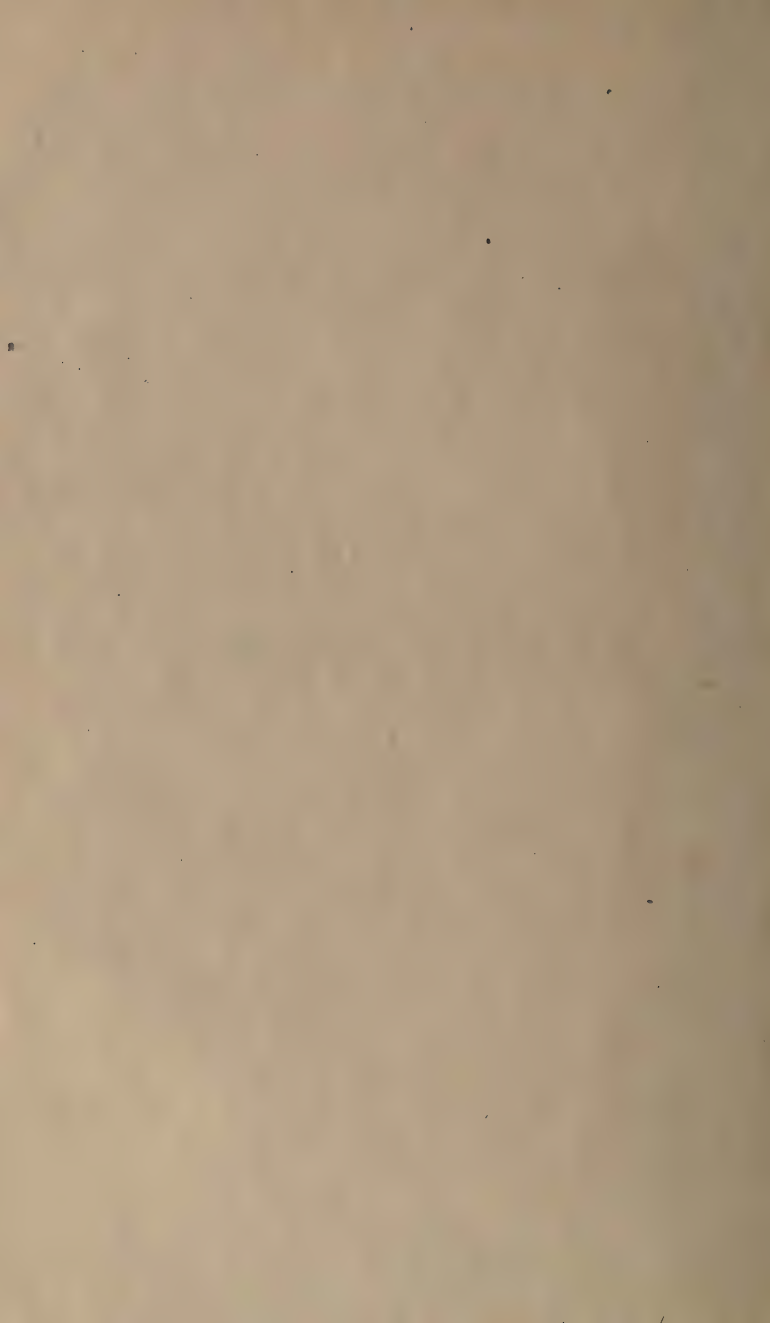
Ficções consoladoras,  
 Que os roqueiros castellos  
 Sombrios, solitarios,  
 Povoastes de tantos vultos bellos!  
     Abri-nos os cancellos  
 D'esses caminhos tortuosos, varios,  
 Que levam á região de outras auroras.

A seducção das vossas maravilhas,  
 Por esse Tenebroso Mar profundo  
     Que ao Luso não aterra,  
 Fez-nos buscar as Encantadas Ilhas,  
     Desvendar Novo mundo,  
 Dando ao homem pôsse integral da Terra.  
 Quando de Portugal murchas as palmas  
 Caíu no cativoiro castelhano,  
     Pelo suave engano  
     O poetico mysterio  
 Das ficções, nos fortificou as almas  
 Entrevendo a visão de um Quinto Imperio.

N'este tremendo e funebre momento  
Em que um Povo deslisa para a vala,  
    E apathico se cala,  
Sem ter a consciencia do seu fim,  
Quem podesse vibrar o sentimento  
Das harpas de Taliésin, de Aneurin!  
Quando do paroxismo a hora avança  
N'um hausto do Ideal dar-lhe esperança.

CANTO I

O AGGRAVO DAS DAMAS





## I

### TREGUA final da Guerra dos Cem annos!

N'aquelle tempo, e pouco tempo havia,  
Contam-no assim veridicas historias,  
Que Ricardo Segundo de Inglaterra  
Ridente á Côrte regressou de Londres.  
D'essa entrevista apparatusa volta  
D'entre Ardres e Calais com o Rei de França,  
Carlos o Sexto, espelho de lealdade.  
O que foram os memorandos dias  
De sumptuosa e real magnificencia,  
Só Chronista sincero e talentoso  
Como era o bom Froissart pôde contal-o.  
Lá andou elle, preocupado sempre  
Em narrar aos vindouros os successos  
Do triumphal encontro dos monarchas,  
Que entre as duas Nações a Paz celebram,  
Trégua final da Guerra dos Cem annos.

## II

Quem sabe, acaso, se é a Paz estavel ?

Com o Tratado que a assegura firme,  
Foi tambem assignado o casamento  
Do joven rei Ricardo de Inglaterra  
Com Isabel, princeza infantil, filha  
Do rei de França.

A benção do Arcebispo  
De Cantorbéry em Calais os une.

## III

Já na Sala estrellada o Rei sentado  
No solio está, da côrte recebendo  
Mil felicitações dos Duques, Condes,  
Das gentis damas. Bem feliz regresso !  
Entre os presentes, notam-se os dois tios  
Do soberano, o Duque de Glocéster,  
E o de Lencastre, a quem sorrindo abraça,  
Com effusão : á côrte participa  
Do casamento a venturosa nova.

Entre applausos, malicioso exclama  
N'um francez culto, usual em toda a côrte  
Desde a conquista antiga dos Normandos,  
O Duque de Gloucester :



— Senhor! déstes

Frisante exemplo de prudencia e tino,  
Desposando Princeza de sete annos,  
Na idade toda de pureza estreme!  
Ah, por certo, esse meio é o mais seguro  
De colher uma flôr incomparavel,  
A edênica flôr da virgindade,  
Em época como esta, quando as Damas  
Da mais alta linhagem fazem gala  
De delirante e audaz desenvoltura,  
Tornando-nos odiosos os costumes  
Da outr'ora celebrada Côrte ingleza.

Logo o Duque de Yorck, de atrevido  
Sólta um remoque sobre o mesmo assumpto :

— Tambem os casamentos prematuros  
Vantagens trazem; dão ás vezes tempo  
De se fazerem dois ou mais divorcios,  
Sucedendo-se em séries os maridos.

O Rei sorriu-se, e alguns dos cavalleiros.

Certas Damas córaram despeitadas...  
Assim, a formosissima Joanna,  
Mãe do monarcha, que em primeiras nupcias  
De Salisbury o Conde desposara;  
Desquitando-se d'este, a Thomas Holland  
Depois se consorciou, para deixal-o  
Por sua vez, e a final casando  
Com o glorioso Principe de Galles,  
O da negra armadura, o cavalleiro  
Mais apôsto e gentil da christandade,

O Justador mais firme e destemido  
De quantos floream lança e espada.  
Ao lado da Rainha mãe, ainda  
Do povo pelo nome conhecida  
Da Donzella de Kent, alli se achava  
A galante, graciosa e seductora  
Isabel de Lencastre, filha excelsa  
Do Duque João de Gaunt; pela face  
Espalha-se uma sombra de despeito  
As acerbos palavras escutando,  
Que ferem tanto o seu orgulho altivo.  
Ella fôra tambem casada outr'ora  
Com o Conde de Penbroke, e desquitou-se;  
Ao Conde de Huntingden se consorcia,  
Talvez sonhando em convolar de novo  
Para a surpresa das terceiras nupcias.

## IV

Na fausta recepção da Côrte ingleza  
Katterina Bonet, sempre formosa,  
Brilhava alli tambem; — antiga amante  
Do Duque de Lencastre, ainda ha pouco  
Por sua esposa o Duque a recebera!  
O Rei Ricardo o casamento approva  
Do poderoso tio, firme apoio.  
Nos assaltos contra a soberania  
De outros tios prepotentes, que o rodeiam;  
Do magnanimo Duque de Lencastre  
E Katterina os filhos legítima,

Os quatro filhos de uns amores loucos  
Que datam lá dos paços de Saboya,  
De quando o Duque em tempo era casado  
Com Branca, a encantadora prima sua.  
Amores continuados ante a Infanta  
De Pedro Cruel, Dona Constança, filha,  
A orfã compassiva, que trouxera  
O direito á Corôa de Castella.

Quando o povo em revolta lançou fogo  
Ao palacio do Duque de Lencastre,  
Vendo n'essa catastrophe um aviso  
Dos céos, desposa a ardente Katterina  
Com Sir Owen Swinford... Mas, quem pode  
Vencer paixão fatal, irresistivel?  
Katterina abandona o bom marido,  
Ao palacio regressa, com pretexto  
Da educação das duas filhas lindas  
Do Duque, obsexso de uns amores loucos...

## V

Em volta das tres Damas, a quem frios  
Os acerados epigrammas ferem  
De Gloucester e Yorck, outras senhoras  
Por melindradas da Estrellada Sala  
Combinam de ausentar-se.

Malicioso

O Rei Ricardo, que sorria, intenta  
Prolongar um tal lance; o Duque fita.

Compreendeu-o Glocéster : lisongeando  
Pela escolha da esposa de sete annos  
O monarchá risonho, volve prompto :

— Accusações, não serei eu que as faça ;  
Não sobe a tanto o meu atrevimento !  
O tribunal da Historia incorruptivel  
Sentencia severo e com clareza.  
« Com clareza ? E aonde ha Chronista ousado  
Que as memorias indignas perpetúe !  
Devolve o Duque de Lencastre inquieto.

Triumphante Glocéster respondia :  
— Lêde o velho Chronista, o apaniguado  
Do Solar vosso ; do erudito Kuyghton  
*De Eventibus Angliae*, obra eximia !

O Rei deu ordem logo, que trouxessem  
Da sua bibliotheca o magno in-folio,  
Pergamináceo Codice encadeado.

O Conde de Arundel aproximou-se  
Da marchetada estante ; abre ao acaso,  
Começa a lêr... com pasmo a Côrte escuta :

— Das mais altas linhagens, as Senhoras  
Alarde fazem de desenvoltura !  
Vestidas de homem, trajam com donaire  
Cotas de seda com variadas côres ;  
Com cintos de ouro ; levam na cabeça  
Longos capuzes, que com garbo enrolam  
Em fôrma de turbante, andando armadas

De punhaes ponteagudos. Sofreando  
Indomitos cavallos, imprevistas  
Aventuras no seu capricho correm  
Essas Damas inglezas, que acompanham,  
Taes como ellas, mancebos desregrados...  
Os matrimoniaes laços dissolvendo. =

## VI

Fez Ricardo Segundo menção breve,  
Que a pungente leitura se interrompa.  
Alli, d'entre as Donzellas mais graciosas  
Da côrte, uma se ergueu, quebra o silencio:

« Rei, Senhor! Nós pedimos-vos justiça  
Contra este aggravo estólido, flagrante,  
Pelas leis santas da Cavalleria!

O Rei voltou-se para os circūmstantes:

— As palavras da Chronica, que ouvistes  
Dos *Eventibus Angliae*, facilmente  
Poderão apagar-se! De que serve  
Pelo Poder real mandar trancar-as,  
Taes palavras, se d'ellas convencidos  
Se mostrarem diversos Cavalleiros?

Perplexos todos, falla uma outra Dama:

« Vós, Senhor ! perguntae n'este momento,  
Para nós bem solemne e angustioso,  
Se os Cavalleiros, que presentes vêmos,  
Convencidos confirmam o sentido  
Das iniquas e estupidas palavras !

A pergunta formúla o Rei Ricardo.

No mesmo instante doze Cavalleiros  
Estenderam as dextras para o livro,  
Que estava franco sobre a estante aberto !

Sob a impressão de attonita surpresa  
A Côrte inteira fica. Com amargo  
Sorriso, o Rei Ricardo olhou em volta,  
E com serenidade imperturbavel  
Ergueu a voz:

— Está o campo aberto  
Para quem d'estas Damas aggravadas  
Por paladino appresentar-se entenda !

Do seu logar nenhum dos Cavalleiros  
Deu um passo. O silencio gela o sangue !  
A estupefacção geral comprime  
Os corações sob emoção tremenda.

## VII

Com generosa e intrepida linguagem,  
Tranquillo o Rei Ricardo proseguia :

— Aqui, presente está um Cavalleiro,  
Da Inglaterra o mais intemerato ;  
O que mais longe tem levado a fama  
Das valentias suas e proêzas.  
Vêde o preclaro Duque de Lencastre !  
Sir João de Gaunt, que é o quarto filho  
Do rei magnifico o terceiro Eduardo.  
Ninguem, como elle, sabe das leis de honra,  
E da Cavalleria as questões graves  
Resolver com aprazimento e acerto !  
Seu proprio pae o armára cavalleiro ;  
Quando tenra criança andou nas guerras  
Entre Inglaterra e França, floreado  
Desde Calais até Bordéus as armas !  
Elle tambem se achou longe, em Castella  
Capitaneando indomito a vanguarda  
Na terrivel batalha de Najarra,  
Que ao despojado Rei repoz no solio.  
E quando de Trastámara o Bastardo  
Ao desditoso irmão roubou o throno  
Na derrota de Montiel, e o assassina  
Por suas mãos indignas, fraticidas,  
Mais outra vez o Duque de Lencastre  
Mostrou-se o Cavalleiro incomparavel :  
Do Rei assassinado, a delicada

A desvalida filha elle desposa ;  
Dona Constança, em breve falecida...  
Ao Duque de Lencastre eu encarrego  
Do protesto das aggravadas Damas...

Para os degrãos do throno o Duque avança,  
Do Rei, sobrinho caro, a mão beijando :

— No meu palacio de Saboya góso  
O prazer da amoravel companhia  
De dois claros espiritos, que me honram  
Sendo meus commensaes : é Geoffroy Chaucer,  
O primacial poeta de Inglaterra ;  
Micer Froissart, o principal Chronista  
Da França illustre, e com certeza o julgo  
Nas europêas côrtes o primeiro.  
Sobre este delicado ponto eu quero  
Conferir com taes sabios. Eu convido  
Para um festim no paço de Saboya  
As Damas e Donzellas resentidas,  
Ámanhã...

« Muito bem ! (Bradaram todos :)  
Ahi, resoluções definitivas  
Devem tomar-se... »

A Côrte applaude alegre  
Do generoso Duque o pensamento.



## VIII

Ao outro dia, sendo já sol alto,  
Dos paços de Westminster, doze Damas  
E Donzellas gentis de inclyta stirpe,  
Descendo pela extensa escadaria  
Que dá sobre o Tamisa, sorridentes  
Em um dourado bergantim entraram;  
Rio acima, lá vão arrebatadas  
Ao impulso de impavidos remeiros,  
Desfraldada a bandeira de Inglaterra.

Entre as galantes damas se destacam  
Pela belleza e graça incomparavel,  
Egberte, como a ondina do nevoeiro;  
Ao lado, mais do que uma rosa fresca  
Na rorida alvorada, brilha Ethwalda!  
Que diaphana alvura alabastrina  
Tem Adhelm, vencendo a propria neve!  
Para que repetir agora os nomes  
Das sylphides que encantam? certo, a barca  
Açafate de flôres parecia  
Fluctuando ao som de agua pelo rio.  
E rio acima, ao longo do Tamisa  
Pelas auras primaveraes levado,  
Era o baixel sagrado da Theoria  
Dos mysterios do Amor...

Então, de longe  
Se avistam, negrejando no horisonte,  
Os sumptuosos paços de Saboya,  
Solar do excelso Duque de Lencastre.

Na superfície nítida das aguas  
O estandarte real roçava ao leve,  
Ostentando bordado a fios de ouro  
De Inglaterra o Leopardo, emblema altivo.

Um menestrel á prôa vae cantando  
Lai vehemente, que as virações decóram,  
E os remos em compasso cadenceiam :

Pensamento  
Indeciso  
Do momento  
Que se gosa,  
No perfume  
De uma rosa  
Vagamente  
Se resume,  
Pois suggere  
E provoca  
De repente  
Um sorriso  
Sobre a bocca  
Da mulher.

\*

Um sorriso...  
Da belleza  
Pura norma  
Não se finge,  
Casto emblema  
Da visão  
Sem igual ;

---

Mas o Poeta  
O transforma  
Na expressão  
De um Poema,  
Em que attinge  
Com surpresa  
O Ideal.

\*

D'esse Poema  
Tira o povo  
Cantar novo,  
Vivo thema!  
Mas ignora  
Quem o fez;  
Na voz solta  
Que resume  
O perfume,  
Riso e verso,  
D'essa hora  
Fugidia,  
Tudo volta  
A' energia  
Do universo  
Outra vez.

## IX

Sobre o eirado do palacio, o Duque  
Com o bom poeta Chaucer, velho amigo,  
Com uma irmã da esbelta Katterina  
Agora consorciado, conversava ;  
O chronista Froissart, embevecido  
Na perspectiva das correntes aguas,  
Avista ao longe o bergantim soberbo,  
Que traz da Côrte as Damas e as Donzellas.

Desde o palacio até ao rio se estendem,  
Revestindo os degrãos do desembarque,  
Peças extensas de veludo rubro.  
O Duque avança a receber as Damas,  
Dando a mão, cada uma salta em terra  
Com gentileza em tudo inimitavel.  
Katterina, a duqueza, e antiga amante,  
Na sala do docel aguarda-as leda,  
E ao som dos estridentes instrumentos  
Que os menestreis embocam, entre todas  
Trocam-se affaveis saudações e beijos.

## X

Do matinal banquete se annuncia  
A hora: uma corneta retroando  
Pelas arcadas vastas do palacio,  
O toque de agua ás mãos reconheceram.

Eis numerosos pagens vêm ligeiros  
Com jarros e gomis de prata fina,  
Alvas toalhas, com agua perfumada  
De rosa e de jasmim em refulgentes  
Bacias de um lavrado e rico argento.

Para o Tinnel, a sala apparatusa  
Do jantar se dirigem os convivas ;  
O Seneschal aponta-lhes logares.  
Mesa extensa, massiça, de carvalho  
Se estendia por toda essa ampla quadra  
Ladrilhada de marmores lustrosos,  
Juncada de alecrim, de madresilva ;  
Tapeçarias bellas de paizagens  
Com caçadas, torneios e paradas  
Revestem as paredes sumptuosas.  
Debaixo de um docel bordado a ouro  
De carmineo setim o espaldar vê-se  
Que o Duque cede ao Rei quando o visita.

Já são servidos os primeiros pratos :  
Vêm quartos de veado, um gamo inteiro,  
Vitella, pombos, lebres e cabrito,  
E pastellões dourados, entre flores.  
É rigorosa a ordem dos serviços !  
Em vez do *Entre-mets*, que é do costume,  
Em attenção ás Damas, manda o Duque  
Que o Menestrel, que as acompanha, cante  
A soláo, sobre a tiorba Aria de Côrte.

Olhou em roda o Menestrel, descobre  
De Katterina quasi á flôr dos labios  
Fugaz sorriso... e toma-o por thema :

## SOLÃO

Quando por tardes de agosto,  
A lisa face do lago  
Estremece ao leve affago  
De subtil, tēpida aragem,  
Do halito imperceptivel  
    D'essa brisa  
    Que deslisa,  
Reflecte a ignota passagem.

Tambem no suave rosto  
O sorriso indefinivel,  
Nos labios esbóça a imagem  
De um instantaneo momento,  
Revelando, em magoa e gosto,  
    O sorriso  
    Indeciso,  
Fugitivo pensamento.

Breve se apaga á flor de agua  
Da fagueira viração  
Alado, trémulo beijo;  
E o sorriso... expressão  
De intima e occulta magoa,  
    Mudo fica,  
    Mas indica  
A anciedade de um desejo.

---

Chaucer olhou para Froissart, que entende  
Bastante de Poesia, embora a Historia  
Seja a fôrma que mais o encanta e absorve;  
Disse-lhe breve:

— O Menestrel conhece  
Da Aria de Côrte a estructura bella;  
Notae como ella tem as tres estrophes,  
A *fronte* e a *sirimia*, apoz a *coda*,  
Suggerindo a expressão da melodia.

Froissart applaude; o Duque, que os escuta,  
Ao Menestrel entrega a barjoleta  
Que traz á cinta atarracada de ouro,  
Benevolente e mesmo lisongeadado  
Por que a Canção visara Katterina.  
A uma voz, frautistas, tangedores,  
Bradam: — *Largesse!* Ordena logo o Duque  
Que lhes dêem duzentos nobres de ouro,  
Correspondendo ao grito de *Largesse!*

Segue o banquete: Um javalí fingido  
Feito de crême; as trémulas gelêas,  
Branças, vermelhas; queijos, doces, vinhos,  
Com profusão! Os pagens vêm em roda  
As toalhas trocando e enchendo as taças.  
Ao ár erguem-se emphaticas saúdes!

O convívio desfaz-se, e vão das mesas  
Para a Sala do Paramento, aonde  
São servidos licôres exquisitos,  
Aromaticos vinhos capitosos,  
Ao som dos Lais dos Menestreis antigos,  
Arias de Côrte e deslumbrantes Córos.





CANTO II

NO PAÇO DE SABOYA





## I

PARA a Sala do Consistorio, a sala  
Circular, de espaldares guarnecida,  
Reservada a conselho, entrava o Duque,  
Vem ladeado por todos os convivas.  
Era alli, que o motivo que trouxera  
Da Côrte ingleza as delicadas Damas  
Ao palacio opulento de Saboya,  
Devia ser tratado. Deslumbradas  
As donairosas Damas contemplavam  
Vastos Pannos de Arraz, que estão pendentos  
Nas paredes; solícitas inquirem  
As historias, o intuito das figuras ?

Um quadro lindo e immenso representa  
A Côrte de Warthburgo, na Allemanha,  
Quando a bella Sophia, já viuva  
Do Márgrave, que um Poema encommendara  
A Eschembach, dá a Corôa de ouro,  
No afamado Torneio dos Poetas.

Chamou-se alli um Bardo do palacio  
 Para explicar o quadro. O Bardo narra,  
 Apontando cada uma das figuras :

— Quando a bella Sophia  
 Entregar alegre ia  
 A Eschembach uma Corôa de ouro,  
 Triste, o poeta exclama :

« Eu não mereço ainda um tal thesouro !  
 E da mão da alta Dama !  
 Hermann, o Landgrave, o vosso Esposo,  
 Pediu-me que, em repouso  
 Eu, poeta inculto que seduz a fama,  
 Compuzesse um Poema  
 Sobre o Santo Graal...  
 Cortou a morte o generoso estemma  
 De Hermann, do Cavalleiro sem rival,  
 Que amou tanto a Poesia... »

.....  
 Ah, desde o amargo dia  
 Trago em silencio n'alma o Poema ideal,  
 Aquelle Poema, que elle me pedia !  
 Prometteu-me Hermann a Corôa de ouro,  
 Que elle mandou fazer, e em premio dar-me,  
 Mas... doloroso agouro!  
 Não chegou a escutar o anciado carme  
 Que eu fiz para servil-o !... »

Todos, notando aquillo,  
 Todos se aproximaram para ouvil-o  
 Em piedoso alarme,  
 E n'um intimo encanto,  
 Como um celeste, indefinivel trilo.

Solta Eschembach o delicioso Canto.

E quando elle termina  
A estrophe divina  
Do Poema apaixonado,  
Sophia, a excelsa, desce do estrado,  
Corôa rica de ouro  
Vem pôr-lhe na cabeça :

« — Oh Poeta ! eu cumpro de Hermann a promessa,  
Quem ha, que mais que tu tanto a mereça ?

Tradição talismânica  
De tremebundo agouro,  
Dos Niebelungens material Thezouro,  
Fonte de odios, vinganças e de crimes,  
Tu, na alma germanica  
Com teus versos sublimes  
Substituiste pelo Sonho lindo  
Da espiritual Taça  
Do Amor puro, da Graça,  
Da Esperança e do Desejo infindo,  
O Santo Graal, que as nações congrassa. » —

## II

Dos dois lados da sala estão suspensos  
Mais dois Pannos de Arraz, representando  
Em figuras, ao vivo e com relêvo,  
O argumento de inimitaveis Poemas,  
Alludindo ao segredo nos conselhos  
N'esta Sala do Consistorio imposto.

De um lado vê-se **PERCIVAL ERRANTE**  
Affrontando mil provações tremendas,  
Por que não inquirira do sentido  
Da mysteriosa Taça, nem da Lança  
Que do Rei Peccador vêm á presença.  
Não poz termo ao atroz padecimento,  
Por que não devassara um tal segredo!

O **PERDÃO DE LOHENGRIN**, do outro lado  
Da sala está; ostenta com assombro  
A scena da aventura surprehendente  
Do Cavalleiro do San Graal bem vindo,  
Que de uma accusação iniqua salva  
A mesquinha Donzella desditosa,  
Por quem se apaixonou e a quem se entrega!  
Soffre Lohengrin de tanto amor a ruina,  
Perde a missão divina de Templista,  
Porque Elsa o obriga a revelar-lhe um dia  
Do Montsalvat o mystico segredo.

Pasmavam todos contemplando os casos,  
Dos Segredos a estranha antinomia!  
A Chaucer pedem com fervor as Damas  
Que explique de Eschembach o pensamento,  
O que exprime o conjuncto das figuras?

## III

## PERCIVAL ERRANTE

Ingenua, alegre, a criança  
Correndo por monte e val,  
Nunca de brincar se cansa,  
Desconhece todo o mal.  
Quem n'aquella meiga edade  
Terá mais docilidade,  
Tanta innocencia e candura?  
Oh, santa simplicidade,  
Que o vulgo chama loucura!  
Com que anciada esperança  
A mãe, viuva em amargura,  
Se via no unico filho!  
E afastal-ò procura  
Das armas ao fero brilho.

Correndo por valle e monte,  
Aquella criança leda,  
Viu surgirem no horisonte  
Transpondo a extensa alameda,  
Tres audazes Cavalleiros;  
E seguindo á desfilada,  
Mais do que o tufão ligeiros,  
Pararam, prompto, na estrada  
Vendo o gracioso Donzel;  
E assim dirigem-se a elle:

— Como é teu nome? O teu nome!  
Moço gentil, sem rival? —  
Sem que elle á pergunta tome  
Tenção occulta, responde:  
« Eu, chamo-me *Percival*. »

No olhar dos tres Cavalleiros  
A surpresa não se esconde;  
Sorrindo-se prazenteiros  
Para a ingenua criança,  
Entre-olham-se com espanto,  
Como quem rasgava o manto  
De impenetravel mysterio,  
Presentindo uma esperança!  
Exclamam em phrase mansa,  
Tomando um aspecto sério:

— Percival! tu não conheces  
O segredo do teu nome? —  
« Eu, não! Minha mãe, em preces.  
De tristeza se consome  
Quando o meu nome profere... »  
— Presente a pobre mulher,  
Que um dia da Ordem Santa  
A alta Lei o filho encanta;  
Fama terá, gloria tanta,  
Quanto mais soffrer poder. —

Tocando-lhe com a lança,  
Que suscita um nobre fogo,  
Os tres Cavalleiros logo  
Disseram para a criança:



— Oh Percival! *Per-suyval*,  
Pois tens a pureza, a graça  
Da candura virginal,  
Teu nome exprime o ideal  
De *Companheiro da Taça!*...  
A Taça de Ouro procura!  
Eis teu destino e ventura. —

De revelar mais temendo,  
E o moço nada entendendo,  
Partiram á desfilada,  
Deixando-o a sós na estrada,  
Enleiado n'um receio  
De incerteza e devaneio.  
Era já noite fechada,  
Para junto da mãe veiu.

\*

Anciosa a mãe o espera:  
Na viuvez desolada,  
Percival, Percival era  
A luz da sua alvorada,  
Extincta como a chiméra  
De uma ventura passada.  
Quando o filho a casa chega,  
A mãe de lagrimas cega  
Beijou-o, com que ternura!  
Elle contou-lhe a aventura  
D'aquelles tres Cavalleiros,  
Que desfilaram ligeiros.  
Uma tristeza profunda  
Dá-lhe o inesperado evento;  
Nas suas magoas abunda  
Dorido presentimento:

= Percival ! Percival, pensa  
 Em quanto o seu nome encerra !  
 Quererá por valle e serra  
 Buscar torneios e guerra,  
 Alcançar a gloria immensa  
 Da mysteriosa sentença. =

A mãe afflicta se aterra !

\*

Percival um dia exclama :  
 « Quem este nome me deu  
 Revelou-me o meu destino :  
 Por Cavalleiro do Céu  
 A' Ordem Santa me chama,  
 A' busca do Ideal divino.  
 Minha mocidade passa  
 N'esta inerte soledade !  
 Eu querò a heroica irmandade  
 D'aquelles tres Cavalleiros ;  
 Certo, são os Companheiros  
 Da occulta, mystica Taça ! »

Quem á vocação resiste ?  
 A mãe, desolada e triste,  
 Responde-lhe :

= Filho ! vae ;  
 Na guerra morreu teu pae ;  
 Morreram teus seis irmãos  
 Entrando em torneios vãos !  
 Tu, filho, só restas hoje ;  
 E este consolo me foje !

*Fatal curiosidade*

Te leva a abraçar o escudo,  
Na tua simplicidade  
Buscando a heroica Irmandade  
Dos Companheiros da Taça! =

Percival o escudo abraça,  
Destemido brande a lança,  
E resoluto se lança  
Na generosa aventura;  
Mas, na sentida lembrança  
Traz a mãe, com que ternura!

\*

Segue por montes e valles,  
Fascinado por encanto;  
De encontros, sustos, os males  
Como outrem não sente tanto.  
Na pureza de sua alma,  
Desconhecendo os perigos,  
A esperança o acalma,  
Applaca-lhe os inimigos.  
Passa por despenhadeiros,  
E por sombrias florestas,  
Por covas soturnas, mestas,  
Por vendavaes e aguaceiros,  
E nada, nada embaraça  
O Companheiro da Taça.  
Este o poder do seu nome!  
Não sente o frio, nem a fome!

N'este santo desvario  
De que Percival acorda,  
Deu por si junto da borda  
De caudal, sinuoso rio,  
Onde um Castello se erguia  
Sobre bronca penedia.

Tocou na eburnea trombeta,  
Que resôa em todo o ambiente;  
Eis que desceu de repente  
Uma ponte levadiça.  
Era da aventura a meta?  
Um cêsto á quadrella o iça...

Percival entrou lá dentro ;  
Guardavam-se ahi no centro  
Thesouros amontoados,  
Incalculaveis, fechados!  
Vieram muitos creados,  
Muitos pagens nobres, damas  
Formando um cortejo lindo;  
E logo á entrada da sala,  
Junto de um brazeiro em chammas  
Um velho diz-lhe : — Bem vindo! —  
E sentencioso assim falla :

— Bem vindo sim, Cavalleiro !  
Mandou-te Deus, mensageiro,  
Aqui a este Castello ;  
E foste tu o primeiro  
Que soube quebrar o élo  
Que este solar defende  
Ao que entrar n'elle pretende ...

Percival saudou logo  
Esse velho venerando  
Que estava junto do fogo;  
Pasmado ficou, notando  
Sua inclyta pessoa,  
Na cabeça uma corôa,  
Com que magestade augusta!  
Expressão serena e boa!  
Do que vê nada o assusta:  
Percival viu de mais perto  
Sobre o peito descoberto  
Do Rei ancião uma chaga,  
Que em dôr de suór o alaga!  
Ficou do que viu incerto.  
O estranho caso o abala.

A um gesto do Rei, na sala  
Entraram com confiança  
Dous Pagens com uma *Lança*,  
*De que ainda o sangue escorre!*  
Como em aneio mortal  
No olhar mudo recorre  
O Rei para Percival.  
Nada ao Cavalleiro occorre,  
A não ser da mãe o aviso.

Mas com amargo sorriso,  
Com rosto sombrio, mesto,  
Fez o Rei um novo gesto,  
Tolhe-lhe a agonia a falla!  
Entraram logo na sala  
Duas galantes Donzellas,  
Que era um assombro vél-as;  
Tranças de cabello louro

Cahindo em flócos hombros;  
E no maior dos assombros  
Trazem uma *Taça de Ouro*,  
Um impagavel Thesouro,  
De brilho tal, refulgente  
Que illumina o vasto ambiente.  
Pararam do Rei em frente,  
Que de vê-la se conforta,  
E a expressão semi-morta  
Torna-se altiva, ridente!  
Os pagens e as Donzellas  
Demoraram-se na sala,  
E nada o espanto eguala  
De Percival, que se cala!

Como que dilacerado  
Por incognito veneno,  
O Rei triste e desolado,  
Como o que soffre um desdouro,  
Mandou por um leve aceno  
Que levem a bom recado  
A *Lança* e a *Taça de Ouro*.

\*

Percival ao outro dia  
Do Castello se partia  
Sem inquirir tal mysterio;  
Ao velho Rei a mão beija  
Como a um santo de egreja,  
Porque o seu rosto cingia  
Uma auréola de imperio.

Mal tinha andado uns cem passos,  
Que retrôa nos espaços  
Tenebrosa tempestade!  
Some-se o Castello ao perto,  
E por sáfaro deserto  
De rochas alcantiladas  
Galga com temeridade ;  
Por balsas emmaranhadas,  
Através das sarajvadas  
De insistente vendaval,  
Caminhava Percival.

Quando tanto azar affronta,  
Sobre uma alta fraga encontra  
Sentada lugente Dama,  
Que em tamanha soledade  
Alli por seu nome o chama.  
Sentindo intima saudade,  
Então lhe acode á lembrança  
Sua mãe, que elle deixara  
Viuva, sem esperança!...  
Logo na carreira pára:  
« Talvez morta esteja agora?... »

Fallou-lhe a flebil Senhora :

— Pelo caminho que levas,  
Cavalleiro, em tantas trévas,  
Vens do Solar que se chama  
Castello das Maravilhas.  
(Prosegue a chorosa Dama)  
Pois á dôr tanto te humilhas,

Mal sabes, tiveste a posse  
Das mil venturas do mundo;  
Tudo era teu, se não fosse  
O teu silencio infecundo,  
Que lá te fez perder tudo!  
Quando ante a *Lança* e a *Taça*  
Te deixaste ficar mudo.  
Já que tiveste piedade  
Da pobre de tua mãe  
Morta em tanta soledade,  
E que á lembrança te vem;  
Dir-te-hei como acontece  
Que tornes a encontrar esse  
Castello das Maravilhas,  
Com seus thesouros de bem:  
Depende não só do heroismo,  
Pois transpondo todo o abysmo  
Lá chegarás com valor:  
O velho Rei Peccador  
Do Graal a posse ineffavel  
Tem, que quasi o divinisa;  
Mas soffre *Chaga insanavel*,  
Que por nada cicatriza,  
Se não, quando um dia, ao diante  
Vindo Cavalleiro errante  
Áquelle ignoto Castello,  
Pergunte o que representa  
Á ideia a *Lança sangrenta*,  
E o sentido deslumbrante  
Do Symbolo santo e bello  
Da *Taça de Ouro* sublime,  
Que da lei da morte exime.  
Por os abrolhos que trilhas,  
Quando por fim tu chegares  
Ao Castell' das Maravilhas,



Recorda tantos pezares,  
Por não fazer ao Rei velho  
Uma esperada pergunta!  
Guarda bem este conselho  
Dado com verdade muita:  
Dos dois Symbolos sagrados  
Ninguem o véo descobriu,  
E esse velho Rei teu tio  
Dôa-t'os como legados.  
Isto posso revelar-te. —

\*

A Dama chorosa parte,  
Na nevoa desaparece;  
Percival mais dôr padece  
Por esse escalvado cerro,  
Lembrando o passado erro.  
Os olhos enchem-se de agua  
Quando á memoria lhe vem  
A imagem de sua mãe,  
Morta de saudosa mágoa.  
Corre por invios atalhos,  
Affrontando mil trabalhos  
Com fervorosa esperanza...  
Quando ao longe os olhos lança  
Viu por uns desfiladeiros  
Surgirem tres Cavalleiros,  
Que de prompto se approximam;  
Sorrindo, alegres o animam,  
E fallam-lhe já ao perto!  
Tem reminiscencia vaga  
D'aquelles rostos, por certo,  
D'aquella luz que o embriaga  
Desde a sua meninice!

Com vehemente ardor um disse,  
Com voz de suave harmonia :

— Eu sou a expressão do AMOR,  
Aquelle ethereo calor  
Que nas almas inicia  
Ineffavel bem celeste,  
No pantano de odio e peste  
Da triste vida terrena ;  
Sempre caminha sem pena  
Quem tem em si tal motor ! —

O segundo Cavalleiro  
Com sorriso franco e austero,  
Exclama :

— Mostrar-te quero  
Sobre meu peito o leteiro...  
Vê quem sou...

(E leu HONOR!)

Esta é a rubra flor,  
Premio de todas as dores  
Que soffrem mantenedores  
Da Verdade e da Justiça. —

E como o que entra na liça  
Radiante e prasenteiro,  
Falla o outro Cavalleiro  
Destemido e sem rancor:

— Eu symboliso o VALOR,  
A firmeza intemerata  
Do que salva a liberdade,  
Do que a fraqueza redime  
Do escuro e insondavel crime,  
Da violenta iniquidade ! —

E cada abraço lhe exprime :

= É cumprido hoje o destino  
Que em teu nome se contém ;  
Percival, comnosco vem  
Ao templo do Graal divino !  
Da Dôr, da Morte o resgate  
Terás no Monte Salvat. =

D'ali partiu Percival  
Co'os Companheiros do Graal  
À visão pura e ideal.

#### IV

Chaucer assim descreve a immensa tela  
Que se anima ante os olhos, que palpita ;  
As Damas pasmam ! commovidas pedem,  
Insistem com o Poeta, que elucide  
A situação grandiosa que contemplan :

« Do Rei, que á sombra está do roble antigo,  
Do albinite Cysne, que deslisa,  
Da argentea barca o ignoto Cavalleiro,  
Que a Dama vira em sonho, e na ancia invoca  
Quando accusada, triste e sem defeza . . .  
Oh, relatae-nos de Eschembach o Poema ! »

Chaucer começa ; era um encanto ouvil-o :

## O PERDÃO DE LOHENGRIN

Sobre o selvatico Monte,  
Que cêrca espesso arvoredado,  
Em volta infindo horisonte,  
N'um mysterioso segredo,  
Sem que olhar profano o affronte,  
Ergue-se um Templo sublime  
De indizível magestade,  
Sacratio da divindade,  
Que da morte e dôr redime  
Se entra ali a humanidade.

N'esse templo sacrosanto  
O Santo Graal é guardado;  
Mas, todo fulgor e espanto,  
Á vista mortal vedado,  
Por surprehendente encanto.  
Só Cavalleiros venustos,  
Que passaram pela terra  
Fazendo continua guerra  
Contra tyrannos injustos,  
Guardam o Templo que o encerra.

Como uma nuvem que passa  
Do sol o clarão offusca,  
Ao Graal, a mystica Taça,  
Uma sombra opaca, brusca  
De subito o brilho embaça!  
Aviso da Providencia?...  
Percival, ante esse evento  
Diz, vendo a estranha apparencia :  
— É victima a innocencia  
No mundo, n'este momento!

Por certo, grande injustiça,  
Alguma enorme desgraça  
N'esta hora aziaga se passa,  
Sem ter quem entre na liça  
Contra o crime audaz que a ameaça!  
Um de vós, oh Cavalleiros,  
Que guardaes o Santo Graal,  
Vá combater esse mal,  
Por mares, desfiladeiros,  
Por mando de Percival! —

Os Paladinos presentes  
Exclamaram com tristeza:  
« Accusada por parentes  
É uma joven Princeza!  
Em seu rancor, impudentes,  
Clamam: Que o irmão matara,  
Para herdar do irmão o throno!  
Ella, em tamanho abandono  
Nenhum defensor depára...  
Erma de apoio e abono.

Que um de nós marche, de prompto  
Em defeza da innocencia,  
E contra a brutal violencia  
Da firme lança erga o conto,  
Dando á Justiça evidencia! »  
Entre-olhando-se ali todos,  
Reconheceram Lohengrin,  
O virginal Paladim  
A quem compete por modos  
Ao odio, ao crime pôr fim!

Que marche! Lohengrin agora,  
O filho de Percival,  
O mais novo do San Graal,  
Vae por selvas, mar em fóra,  
Longe, impedir este mal!  
No mesmo instante apparece  
Um Cysne de alva plumagem,  
Trazendo do rio á margem  
Batel, que de ouro parece,  
Para a phantastica viagem!

Disse Percival ao filho,  
No momento da partida:  
— Á innocencia opprimida  
Vae restituir todo o brilho,  
N'uma missão bem cumprida!  
Não olvides o San Graal!  
Olha, que a afflicta donzella  
Que vás defender é bella...  
Por formosura mortal  
Não troques fúlgida estrella!

Vae, e combate sereno;  
O throno, que lhe pertence,  
Dá-lh'o! Mas, a ti te vence,  
Liberto do amor terreno!  
De um castigo te convence:  
Por lá, se tu te cativas  
Dos amores enganosos,  
Do Santo Graal os arcânos  
Ineffaveis tu te privas,  
Soffrendo, errante, cem annos! —

Lohengrin parte ridente,  
Pelo alvo Cysne levado  
Na barca de ouro fulgente,  
E ao ultimo signal dado  
Chega á liça de repente!  
Enorme o assombro, a surpresa!  
Denodado entra na liça  
Que a abjecção covarde atiça;  
Da desolada Princeza  
Vem defender a justiça!

Elsa, a que gemia afflicta,  
Vendo o esbelto Cavalleiro:  
« Na angustia mortal, que dita!  
Eil-o, o meu sonho primeiro,  
Em que ha tanto a alma acredita!  
Com elle eu tenho sonhado;  
Quando ninguem respondia,  
Não me faltou, por que eu cria!  
Tinha n'elle confiado  
No transe atroz da agonia.»

Lohengrin entra na arena;  
Que gentileza e pujança!  
Com valentia serena,  
Ao primeiro golpe lança  
Por terra o vil, que sem pena,  
De um fratricidio nefando  
A orfã Princeza infama!  
Logo a innocencia se aclama!  
Tudo exulta alegre... quando  
Lohengrin sente que a ama.

Do triumpho n'esse instante,  
Sem que ninguem o empeça,  
A Corôa de Brabante  
Pede ao Rei, e na cabeça  
De Elsa a impoz, como amante!  
N'este rapido momento,  
Tocando os macios cabellos,  
O casto effluvio, que anhelos  
Lhe acorda no pensamento!  
Já sonha beijal-os, tel-os.

Do goso sente o delirio  
Vendo-lhe o offegante seio;  
Não se lembra do martyrio  
A que o leva o devaneio  
De aspirar terreno lirio!  
Já dos arcanos se esquece  
Que ha no selvatico Monte,  
Do Santo Graal perde a fonte,  
E o Cysne desapparece  
Sumindo-se no horisonte.

Que Lohengrin ora pertença  
Á vida terrestre, escura;  
Mas o amor de Elsa compensa  
Do Santo Graal por ventura,  
A perda tacita, immensa?  
Ah! saberá a Donzella  
Corresponder a tal fogo?  
Beijando a mão de Elsa, logo  
Ao Rei pediu a mão d'ella;  
O Rei attendeu ao rogo.



No amplexo do noivado,  
No silencio do seu quarto,  
Elsa diz: — « Oh meu amado!  
De te vêr nunca me farto;  
És quem eu tinha sonhado.  
Nos meus sonhos de ventura  
A tua visão fluctúa;  
E á luz pallida da lua,  
Eu, mesquinha creatura,  
Só posso dizer: sou tua!

« Se tens n'alma algum desejo,  
Que te causa angustia e pena,  
Pois que assim triste te vejo,  
Oh meu doce esposo, ordena;  
Por obedecer-te almejo.»  
N'um delicioso excesso  
Tomando-lhe as mãos nas suas:  
— Pois tanto amor me insinuas,  
Só duas cousas te peço,  
E é bem pouco... só duas! —

« Em mim manda! » — Ah, nunca inquiras  
Quem eu sou! nem d'onde hei vindo!  
Porque o sonho em que deliras,  
Este aério sonho lindo  
Breve se torna em mentiras! —  
Aterrecida fica Elsa;  
Promette, embora lhe custe  
Cumprir tal vontade e ajuste;  
Fitando a belleza excelsa  
Do esposo... crê mago embuste...

No olhar d'Elsa a incerteza  
 Sente Lohengrin n'esse instante;  
 E que insondavel tristeza  
 Vendo a resposta hesitante,  
 Sem a candida affoiteza!  
 Exora com anciedade,  
 Firme, á esposa repetindo:  
 — Quem eu sou? nem d'onde hei vindo?  
 Que importa á felicidade  
 D'este sonho aério, lindo?

« Felicidade? E ha ventura  
 No que é para mim mysterio?  
 Como posso achar doçura  
 N'um sonho indeciso, aério,  
 N'uma miragem escura?  
 Como viver n'este sonho  
 De amor, se tanto desejas  
 Que eu ignore quem tu sejas?  
 Quando o noivado risonho  
 Excita as negras invejas? »

Como ferido de morte  
 Sem Lohengrin saber aonde,  
 Por que mais a dôr suporte,  
 Triste as lagrimas esconde;  
 Responde-lhe d'esta sorte:  
 — Esposa, sempre querida,  
 Tens aqui á tua vista  
 Um Cavalleiro Templista,  
 Que jurou prostrar na lida  
 Quem contra a innocencia invista!

Manda o secreto Estatuto  
Do Santo Graal, gloria immensa,  
Que me bata resolutio  
Sem esperar recompensa,  
E fuja ao desejo bruto!  
O teu amor para mim  
Em premio e gloria o converto;  
Não lamento o desconcerto,  
Por pena o expia Lohengrin  
Cem annos pelo deserto.

Do Templo, a que pertencia,  
Sobre o selvatico Monte  
É perdida a occulta via;  
Ao Santo Graal, viva fonte,  
Nenhuma luz lá me guia!  
Não poderei por meu mal,  
Sem que soffra dôr mais dura,  
Tornar a vêr a luz pura,  
Fulgor do Santo Graal  
Que immortal faz a creatura.

Julgaste que eram enganos  
Com que tanto amor mantinha;  
Do Santo Graal os arcanos  
Guardando, eu assim detinha  
A expiação de cem annos! —  
Olhando com amargura  
Para a noiva, entrega o anel  
Que Elsa trocara com elle,  
E pela floresta escura  
Seguiu errante o donzel.

Não lhe custava o tormento  
De lacerar-se por tojos;  
Investe a furia do vento,  
Vae por barrancaes de rojos,  
Immerso em um pensamento.  
A lembrança dolorida  
Que mais o punge e tortura,  
É esse alvor de ventura  
Que transluzira na vida,  
Flor extincta, prematura!

Esse immenso amor sentido,  
Aquella morta esperanza,  
Um, por mal comprehendido,  
Outra, por desconfiança,  
Tudo, tão cedo, perdido!  
E vae ao rumor das aguas  
Seguindo a margem do rio,  
Deplorando o desvario  
De tanto amor? tantas magoas?  
Não! mas a fé que mentiu.

\*

Juntos estão, no entretanto  
Sobre o selvatico Monte  
Os Cavalleiros, que o Santo  
Graal guardam, com a fronte  
N'uma auréola de encanto:  
= Lohengrin vaga perdido  
Pelo mundo em desatino,  
Sem saber o seu destino,  
Por ter na alma substituido  
O amor terreno ao divino.

Não sabe os passos que leva;  
Bem certo é que o seu castigo  
Por lá na mundana tréva,  
Sem achar conforto e abrigo,  
Só com cem annos se céva!  
Mentiu-lhe amorosa falla,  
Como as pérfidas sirenas,  
Entre as miserias terrenas!  
Mas que outra dôr esta eguala?  
Vale um seculo de penas! =

Obumbrado o Graal santo,  
Fulgiu com intensidade!  
Os Templistas com espanto  
Da divinal claridade,  
Mandam que, ligeiro quanto  
Pode o alvo Cysne, corra  
Rio abaixo, e traga preste  
O Cavalleiro celeste,  
Lohengrin, e o soccorra  
Em um flagicio como este.

O Cysne chegou no instante  
Em que Elsa procura o esposo;  
Perdão pedé ella anhelante,  
Sem na dôr achar repouso,  
Exânime, agonisante!  
Lohengrin, de um amor louco  
Sorrindo com piedade,  
Perdôa-lhe por bondade,  
Perdendo-se pouco a pouco  
Pelo azul da immensidade.

## V

Olhos fitos no commovente quadro,  
 Foi grande o encanto ouvindo a estranha historia,  
*Il bel sogno d'amore...*

D'entre as Damas

A gentil Ethwalda, com ternura  
 Em lagrimas banhada, desmaiara!  
 Solicitas lhe accodem, a confortam;  
 Volta a si, e interrogada explica  
 A commoção d'aquella intima angustia:

« Eu bem presinto, que serei como Elsa!  
 No dia do Torneio, sem defeza  
 Me encontrarei talvez!... Se o Cavalleiro  
 Por ventura vier... poderá dar-me  
 O seu amor?... Opprime-me o futuro.

Entre carinhos, mimos e sorrisos  
 A graciosa Ethwâlda se reanima:  
 E assentados nos ricos espaldares  
 Grave fallou o Duque de Lencastre:

— Eis-nos no assumpto, por casual ventura:  
 Pelo Rei de Inglaterra encarregado  
 Estou da alta missão, unica e bella,  
 De organizar o nobre desaggravo  
 Das offendidas Damas de sua Côrte,  
 Por allusões iniquas, não galantes!

Por experiencia propria reconheço  
 A inibição de dirigir-me agora  
 A Cavalleiros nossos, aos inglezes  
 Bem celebres no mundo. Aqui presente  
 Está Froissart, o lucido Chronista  
 Que ha visitado Côrtes tantas, todas  
 Por essa culta Europa; elle nos pôde  
 Informar, qual será n'este momento  
 O paiz, onde puro se conserve  
 Da Ordem Santa da Cavalleria  
 O puro ideal; a esse pediremos  
 Ousados e amorosos Paladinos.

« Duque e Senhor! (responde com respeito  
 O Chronista francez :) Vós, certamente  
 Conheceis que os successos temerosos  
 Do nosso tempo estão-nos revelando  
 Que a Ordem Santa da Cavalleria  
 Cae n'um desalentado paroxismo!  
 Substituem-na as Companhias brancas,  
 De Aventureiros, e de Salteadores,  
 Mercenarios, que vão de terra em terra  
 Servir as ambições de ignobeis causas...

Ali, d'entre os presentes Cavalleiros  
 Alguns por entre dentes rosnam; eram  
 Dos que andaram por Portugal e Hespanha.  
 Impassivel, Froissart cortez prosegue:

« Novo Poder no mundo hoje apparece:  
 A arraia-miuda, essa gentalha, — o Povo,  
 Que contra os Barões grita, dizendo isto  
 Que ousou aqui dizer-vos:

*Aut liber aut servus,  
 Unus sumus in Christo!*

Vós conhecestes esta onda humana,  
Quando mais de cem mil, cegos de furia,  
De Essex e de Kent nos Condados  
Se alvorotaram; mais, quando irrompendo  
Pela Ponte de Londres, arrombavam  
As portas da Cidade! N'esse tempo  
De Saboya o palacio foi queimado  
Com todas as riquezas que continha,  
Joias e indumentarias maravilhas!  
E lá por França? Os *Maillotins* não vêmos,  
Ante os quaes abandonam a cidade  
De Paris o Preboste e o proprio Bispo,  
E toda a Burguezia rica! Vêde  
Tambem no Languedoc! Ahi mataram  
Os *Tuchins* a Nobreza, só porque ella  
Tem as mãos delicadas, brancas, finas!  
Ah, se olharmos agora para a Italia,  
Ahi vereis os *Ciompi* levantarem-se  
Em Florença! Ora em Flandres já se insurgem  
Os brancos *Chaperons*. . . Ah, Senhor, temo  
Que exterminem do mundo a galhardia!  
Um vento de revolta corre o mundo,  
E alevanta da gleba estas poeiras!  
Mas não se perdem justas esperanças:  
Conheceis Portugal! N'aquella terra  
Morrem de amor ainda os Cavalleiros;  
E vós sabeis como o Amor é sempre  
Vivo estimulo do Valor e da Honra!  
Foi pelo amor, que um grupo de mancebos  
A *Ala dos Namorados* constituindo,  
Jurou salvar a Patria portugueza  
Ante a invasão das hostes de Castella!  
O heroico Amor centuplicou-lhe as forças;  
Triumpharam na victoria incomparavel  
No campo e matagaes de Aljubarrota.



Presentes aqui vêmos Cavalleiros  
Que lá campearam n'esse grande dia ;  
Não me deixam mentir...

## VI

## Sorriam ledos

Os Capitães inglezes, que estiveram  
Em Portugal, com suas Companhias  
De Aventureiros, bravos, combatendo  
Pelo Mestre de Aviz, do Povo o eleito :  
Eram Reinaldo Cohham valoroso,  
Cressyngham destemido, Elias Blithe ;  
Confirmam a palavra do Chronista,  
Que d'esses feitos breves cousas narra.

Concluindo :

« Senhor ! a vossa filha  
A mais nova, Philippa encantadora,  
Que eu conheci menina, está casada  
Com o moço rei de Portugal ; a ella  
Vos dirigi ; por intermedio e graça  
Da soberana, é claro, se convidem  
Os Doze Cavalleiros portuguezes,  
Que alevantem o repto arremessado  
Contra as inglezas Damas, que eu adoro.

## VII

Ao Duque de Lencastre, luminoso  
Pareceu de Froissart o pensamento!  
Ergueu a taça, entretecendo um brinde  
De Portugal ao sentimento heroico!  
Todas as Damas, todas as Donzellas  
Os perfumados cálices aos labios  
Levam, roçando-os levemente. Pedem  
A Froissart, que ao serão de hoje lhes conte  
Da *Ala dos Namorados* o episodio,  
Que a curiosidade extrema excita.

CANTO III

PATRIA E AMOR





## I

**JORROS** de luz dos bronzeos lampadarios  
Do palacio ducal pelas janellas  
Em catadupas lucilantes fulgem.  
Festões de flores pelo ár rescendem  
Olorantes, ornando o salão vasto,  
Onde retinem vibrações frementes  
Dos menestreis nas sonoras harpas.

Pela primeira vez, depois que extinctas  
São as duas Duquezas, as donosas  
Branca e Constança, que infeliz destino  
Truncou na flórea idade, alli se via  
Pela primeira vez representada  
A côrte de Westminster, d'onde viera  
Uma constellação de formosuras.  
Dera o Rei permissão que o casamento  
Do tio seu, do Duque de Lencastre  
Com a mulher que tanto e sempre amára  
Através de uma accidentada vida,  
Se fizesse a final. A Côrte acata  
A generosa outorga do monarcha,  
Com distincção visita Katterina.

## II

Repleta estava a apparatusa sala  
De Damas, Capitães e Cavalleiros,  
Quando chega a Froissart o Duque, e pede  
Que pelo empenho em todos manifesto,  
Da *Ala dos Namorados* conte a historia.

Na espontanea e genial simplicidade,  
Sem se fazer rogado, o bom Chronista  
Assim narra a episodica façanha  
Da liberdade de um heroico povo :

## A ALA DOS NAMORADOS

Em Ourem está o exercito acampado.  
No arraial de Dom João Primeiro  
Um Cavalleiro lia ao Rei, pausado,  
*Gyron le Courtois*, de um francez tropeiro.  
Mudo, esquecido, attento e enlevado  
Em roda escuta cada Cavalleiro,  
Sem se lembrar, n'um goso como este,  
Do cêrco, das batalhas e da peste.

Absorvidos n'aquelle vivo lance  
De uma intérrmina e esplendorosa audacia,  
Na leitura chegados são ao transe  
Da selva... que *Gyron le Courtois* passe-a  
A' desfilada, e em braços seus se lance  
Meleane gentil; e assim salvasse-a  
De um covarde e obscuro rapto ignobil  
Pelo impulso de sobrehumano mobil.

Com denodo elle a salva da requesta!  
Ia a Dama gracil sempre calada  
Na amplidão solitaria da floresta,  
E notando a espantosa desfilada,  
A galhardia ativa e manifesta  
Do Cavalleiro por quem foi salvada,  
Pergunta:

« O que no mundo faz de prompto  
Cavalleiro invencivel a tal ponto? »

E *Gyron le Courtois* volve:

— Em verdade,  
Posso affirmar, Senhora, o Amor sómente  
Tem o poder de influir heroicidade,  
De elevar-nos além da vulgar gente!  
Se da Santa Ordem tenho a dignidade  
Sustentado com braço firme, e crente,  
Foram minhas façanhas proclamadas  
Todas pelo Amor puro suscitadas! —

Bruscamente interrompe-se a leitura  
No lance do Poema mais brilhante.  
Pávido mensageiro o Rei procura,  
Terrível nova chega n'esse instante:  
= Vem do Rei de Castella a hoste dura  
Talando Portugal por 'hi adiante;  
O exercito sem numero, que timbra  
De espalhar morte e ruina, chega a Coimbra!

Vem descendo, dirige-se a Leiria,  
São mais de trinta mil os inimigos!  
Em marcha ininterrupta noite e dia,  
Lisboa ameaçam subitos perigos! =  
Os animos pavor frio invadia;  
Aonde deparar apoio, abrigos  
Contra o ataque de esquadrões ingentes  
Sete mil Portuguezes combatentes?

Como hão de fazer frente á enorme massa?  
Só um milagre! Audaz o Condestavel  
N'esse milagre crê; o escudo abraça,  
Reune a sua vanguarda imperturbavel;  
Quer do Rei castelhano erguer a ameaça  
A' terra que ama, á Patria adoravel;  
E esse intimo e vivo sentimento  
Reduplica-lhe a força em tal momento.



E enquanto os mais prudentes conselheiros  
A situação pondéram com clareza,  
(Não inspira o perigo lisonjeiros,)  
Considerando instavel a Realeza  
Erecta em Coimbra em votos altaneiros,  
A derrota prevêem sem surpresa!  
Mem Rodrigues de Vasconcellos brama;  
De *Gyron le Courtois* lembra-se, e exclama:

— Todos vós, Cavalleiros, que a ardentia  
Do Amor com vosso sangue se coaduna,  
Que a *Gyron* invencivel o fazia,  
O Amor agora, um mesmo Amor nos una!  
Hade o Amor inspirar-nos valentia;  
Embora trinta mil homens reuna  
O invasor, e se ria de nós poucos,  
Venceremos, pois somos de amor loucos.

Realizando proezas sobrehumanas,  
Faça cada donzel ou namorado  
Contra essas rudes hostes castelhanas,  
Por seu Amor um Voto denodado:  
Quebrantar as algemas vis, tyrannas  
Unificando cada apaixonado  
A Dama que tornou da alma senhora  
Com a ditosa Patria que se adora! —

Em torno a Mem Rodrigues que assim falla,  
De atrevidos Donzeis formou-se um troço ;  
Entregam-lhe o commando da nova Ala  
Em que entra o que ha de apaixonado e moço !  
Prendas que cada um em si traz, cala,  
São divisas de indomito alvoroço !  
Onde mór perigo ha, firmes postados  
Os da *Ala* vereis *dos Namorados*.

Nun'Alvares commanda a Ala direita,  
Mem Rodrigues a esquerda, e ambos crentes  
N'um milagre do Amor, ninguem suspeita  
D'onde surgem impulsos vehementes  
Que a força bruta espanta e audaz sugeita  
Dos castelhanos esquadrões frementes ;  
Avançando com a força em que confia  
O Castelhana Rei sae de Leiria.

Eis de cem Cavalleiros escoltado  
O Condestavel segue destemido  
Para reconhecer cortina ou lado  
De montes á passagem franca erguido :  
Para o nascente é tudo um escampado  
De duas leguas planas de comprido,  
Sobre a varzea do Lena, logo nota,  
Que ondula de Leiria a Aljubarrota.

Foi ahi que Nun'Alvares decide  
Dar batalha, impedindo o Castelhana,  
Que para lá já sóbe, e se divide  
N'uma arrancada de tropel insano!  
Na alvorada conduz então á lide  
O exercito pequeno lusitano,  
Dispõe seiscentas lanças na vanguarda,  
Dois mil, quinhentos põe á retaguarda.

Toda a esquerda a Mem Rodrigues deixa;  
A *Ala dos Namorados* indomavel  
Pelo sul o quadrado ao fundo fecha  
Como barreira tersa, inquebrantavel!  
Para que a retaguarda não se mecha,  
E o Rei ahi se quede invulneravel,  
Defendem-no entre as bellicas mudanças  
Cinco mil homens, setecentas lanças.

\*

Era já o sol alto e ardente; vê-se  
Redemoinhando nuvens de poeira!  
Troço de cem ginetes apparece  
A explorar o campo na dianteira  
Da hoste castelhana, que parece  
Vir n'uma ordem de marcha bem ligeira!  
E ás Alas portuguezas de repente  
Procura torneal-as ao poente!

Das duas Alas, presto inverte a ordem  
O Condestavel; a horrída refrega  
Sem começar, quantos a terra mordem!  
Declina o dia, ao término já chega.  
Que horroroso estampido! Que desordem!  
Um d'esses trons que o Castelhana emprega  
Para ao longe atirar balas de pedra,  
Rebentou! a milhares peões redra.

A confusão terrífica se espalha!  
« A elles! » Clamor forte pelo ár sôa.  
Destroça-se a fileira aonde ha falha;  
« Por San Thiago! » Brado rouco eccôa!  
E' delirio frenetico a batalha,  
Em golfões de rancor a morte vôa,  
Caíndo lança em riste sobre a banda  
Em que Dom Nuno Alvares commanda.

O tropear dos cavallos, o alarido  
Das trombetas roufenhas, os doestos  
De quem de uma lançada vae ferido,  
Dos esquadrões desnorteados restos,  
Nas sombras que da noite tem descido,  
O escalavro dos béllicos aprestos,  
Poças de sangue tábido e abjecto,  
Dão ao momento um pavoroso aspecto.

Mas a frente da linha de batalha  
Dos Castelhanos já diminuía,  
E ainda á força penetrar trabalha  
A cunha que o terreno alli fazia.  
Cedendo o campo, sem que a audacia valha,  
A vanguarda portugueza ora ia,  
E a linha de reforço que ahi bota  
O Condestavel, era quasi rota !

N'este unico momento decisivo  
A *Ala dos Namorados* a acção toma,  
Confiada do Amor no incentivo,  
A derrota e a propria morte doma !  
De corpo a corpo é o combate activo.  
Desce a noite ; cada balsão que assoma  
Já não se differença quando chega,  
Os vultos são phantasmas na refrega !

Repentino rumor resôa ao perto :  
— Já fogem ! Elles fojem ! — Com espanto  
O pendão de Castella cae, aberto  
Com rasgão que vae de um a outro canto !  
Em debandada vão com passo incerto  
Castelhanos em rancoroso pranto,  
Tropeçando, ou sepultos pelos fôjos ;  
Fica o campo alastrado de despojos !

## III

Ouvindo a emocionante narrativa  
Mostram-se as Damas bem maravilhadas  
De existir um Paiz, lá onde, ainda  
Exerce o Amor excepcional imperio,  
Amor, que inspira insolita bravura,  
Amor, que a patria terra assim liberta!

«De Portugal virão os defensores,  
Cavalleiros do Cysne, que invocamos  
Na angustia nossa, em nosso desaggravo.»

As Damas a Froissart encarregaram  
De formular a nítida Mensagem  
A' Côrte portugueza, para a lide  
Os Doze Cavalleiros convidando.

O sincero Chronista accede alegre.

## IV

Grave fallou o Duque de Lencastre:

— Da Carta ao rei Dom João Primeiro enviada  
Quem hade ser o Cavalleiro digno  
Que se preste a servir de Mensageiro?

Robert Grantham, que attento, silencioso  
Ouvira a commovente narrativa  
Da Batalha de Aljubarrota, exclama :

— A Portugal irei levar com gosto  
A graciosa Mensagem. Tambem estive  
Por lá na Aljubarrota, e na vanguarda!  
Contemplei a bravura incomparavel  
Da *Ala dos Namorados!* Com certeza  
O Amor, o Amor centuplicou-lhe as forças,  
Como a *Gyron le Courtois* da Gesta!  
Vêr Portugal inda outra vez desejo;  
Vêr o Mestre de Avis, e a excelsa esposa  
A Rainha, bom Duque, a vossa Filha.

## V

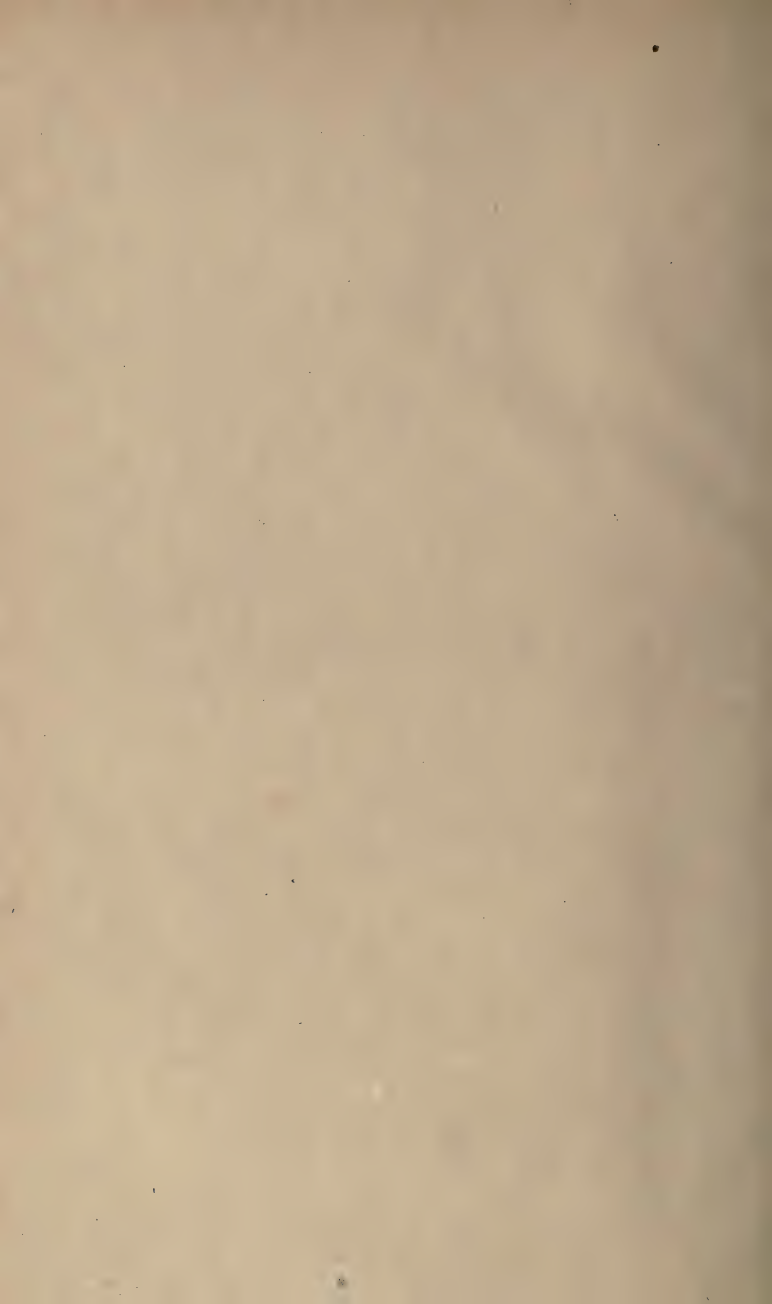
O Duque de Lencastre jubiloso  
Mandou buscar a escrivanhinha de ouro;  
Pede a Froissart, que em claro estylo passe  
Salvo-Conducto, que em seu nome assigna;  
Aos Principes e Reis endereçado,  
No qual roga que tratem como em tempo  
Ao proprio Duque, o seu Enviado agora,  
Robert Grantham, mui nobre cavalleiro.





CANTO IV

A MENSAGEM DUCAL





## I

A Lisboa um Enviado de Inglaterra  
Ha chegado, um rumor corre na Côrte.  
Por ventura trará o Tosão de ouro?  
Virá pedir o auxilio das galerás  
Que o rei Dom João Primeiro se obrigara,  
Por secreto Tratado de Alliança  
A prestar em serviço á Gran Bretanha?  
Ao seu encontro partem escudeiros,  
Vão ao caes esperal-o ao desembarque;  
Para a pousada assás garrida o trazem,  
Com viandas, vinhos, delicados doces  
Confortam-no em carinho gasaloso.

Logo ao dia seguinte o Mensageiro,  
Reposto dos enfados da viagem,  
Paramentado das melhores roupas,  
Ao som de trompas e outros instrumentos  
Ao modo portuguez, era levado  
Ao palacio real por cavalleiros  
Que á aposentadoria em chusma vieram.  
Cavalgando com luzimento e garbo,  
Trajando ricas, roçagantes sedas  
Caminham para os Paços do Castello.

## II

Robert Grantham é o nome do Enviado,  
Esse que em Portugal esteve outr'ora,  
Valente Capitão fallado ainda,  
Da Companhia dos Aventureiros  
Que combateram lá na Aljubarrota.  
Do céu de Portugal com que saudade  
O Capitão ficára ! Com que gosto  
Aceitou a missão, que aqui o trouxe,  
Que o Duque de Lencastre lhe confiára !  
Traz as discretas e polidas Cartas.

## III

Na sala de apparato o rei estava  
Sob um docel de sêda de Damasco ;  
Dona Philippa de Lencastre, a esposa,  
Puro exemplar da maternal ternura,  
Ao seu lado direito, tendo em volta  
Junto de si os Princepes esbeltos,  
Esses, que um dia viverão na Historia.  
O arguto Chancellor João das Regras,  
O fervoroso e heroico Condestavel  
Dom Nuno Alvares Pereira, que sustenta  
Tradições santas da Cavalleria,  
Ambos juntos do throno, o odio esquecem  
Entre a toga e a espada, a lei e a força,  
Pensam na Patria amada, grande e livre !

## IV

Entra na Sala regia o Mensageiro  
Do Duque de Lencastre, respeitoso  
Por sua vez curvando-se em mesuras  
De cortezia ao Rei e á Rainha.  
Um pagem n'uma argentea salva toma  
Duas cartas por fita verde atadas.  
A missiva por propria letra escripta  
Do Duque de Lencastre á filha excelsa  
Ao aceno do rei é aberta e lida  
Por voz do Chancellor pausadamente:

« Mui muito soberana Filha !

A' vossa

Bondade incomparavel recommendo  
Lembranças de mim, sempre desejoso  
De vos servir, e de augmentar sem conto  
Vossas prosperidades, não querendo  
Outro premio, nem mesmo maior gloria  
Do que noticias vossas apraziveis.

Eu vos supplico, em honra e reverencia  
De vosso Pae, que junto ao caro Esposo  
O poderoso rei Dom João Primeiro  
De Portugal, intercedaes que outorgue  
Sua Soberania graciosa  
Licença a Doze jovens Cavalleiros

Da Côrte portugueza, para virem  
 Em nobre empreza ao Reino de Inglaterra  
 Lidar em prol das leis do Amor e Honra  
 Ou da galanteria! Que ao presente  
 É Portugal a terra generosa  
 Em que o culto das Damas se conserva;  
 Aonde o Amor é férvido incentivo  
 De acções de pundonor, de heroicidade.  
 Vosso Pae amantissimo

e só vosso

*Joham de Gaunt, Duque de Lencastre.»*

Com a Carta á Rainha logo entrega  
 O Mensageiro um marchetado cofre  
 Forrado de veludo azul; continha  
 Um ricamente encadernado Livro,  
 De illuminuras aformosentado:  
 Offerta do insigne poeta Chaucer  
 A' Rainha Philippa venturosa,  
 Que desde pequenina a estremeceia.  
 Era um codice bello de poesias:  
*Côrte de Amor* um poema se intitula,  
 O outro *Endecha do Cavalleiro Negro*,  
 No qual trata do amor de Joham de Gaunt  
 Com Branca de Lencastre; e a Elegia  
 A' morte prematura e inconsolavel  
 Que ella inspirou, — *O Livro da Duqueza.*

Com um sorriso que saudade exprime  
 A Rainha agradece. Que leitura  
 Para os Serões da côrte, entre os Infantes!

## V

A Carta de mensagem, dirigida  
Ao Rei, seu genro, pelo egregio Duque,  
O Chancellor Doutor João das Regras  
Solemnemente a lê á Côrte attenta :

« Rei poderoso, e Senhor meu mui digno !  
Cuja Corôa, por valor só vosso,  
E por um Povo que intentou ser livre,  
Que vos préza e respeita, foi ganhada  
E conferida por um voto franco !  
Desejando-vos mil prosperidades,  
Que todas mereceis, o mundo admira  
Vosso heroismo, e o dom de sympathia  
Com que soubestes rodear-vos sempre  
Dos mais intemeratos Cavalleiros,  
Que alliam ao amor da Patria cara  
Sentimento de fé, e ao mesmo tempo  
No remanso da paz a Côrte esmaltam  
Com festas, justas, árdidos torneios,  
Em poeticos serões, galanterias,  
Que pelo mundo a fama hoje pública.  
Vós, oh inclyto Rei, ouvis attento  
A voz do Povo, que justiça pede,  
E juntamente andaes mantendo o culto  
Pelas Leis santas da Cavalleria,  
O brio de cortezia inquebrantavel  
Prestada ás Damas inviolavelmente.

Justo é que me dirija a vós, pedindo  
Concessão para Doze Cavalleiros  
Que da opulenta Côrte lusa venham  
Lidar em campo aberto, frente a frente  
Com Doze Cavalleiros da alta Côrte  
De Ricardo Segundo de Inglaterra!  
De um a um, dois a dois, e quatro a quatro,  
Farão os paladins escaramuças  
Em desaggravo das graciosas Damas  
Por injustas palavras offendidas.  
Sempre a servir-vos e honrar-vos, beija  
Vossas reaes mãos

*o Duque de Lencastre.»*

## VI

Fôra das Cartas com assombro ouvida  
A leitura; eis em todos os semblantes  
Transluz uma indizível alegria!  
Então o rei Dom João Primeiro falla:

— Micer Robert Grantham, sêde bem vindo  
A Portugal! Aqui n'este meu reino,  
Em reverencia e honra de meu sogro  
O poderoso Duque de Lencastre,  
Desejamos que as homenagens todas  
Luzidamente sejam-vos prestadas.  
Quanto á resposta do triumphal convite  
Leval-a-hão os proprios Cavalleiros  
Em breve, em viagem para Inglaterra.



Parecia que todos já pretendem  
Tomar parte na generosa empreza  
Que apparece imprevista. O rei ordena  
Que asserenem os animos; prosegue:

— Sendo presentes tantos Cavalleiros,  
Como fazer a escolha d'esses Doze,  
Sem melindrar os que excluidos forem  
Pelo numero da gloriosa empreza?

O Doutor João das Regras, com bom senso  
Opina:

— Seja a escolha feita á sorte!

Nuno Alvares Pereira, o Condestavel,  
Pelo monarcha sendo consultado,  
Responde sempre leal:

— Eu por mim lembro  
Que seja feita a escolha d'entre os bravos  
Que lá da Aljubarrota na vanguarda  
Do portuguez exercito, a victoria  
Decidiram, só pelo Amor unidos,  
E pelo Amor tornados invenciveis!  
Da *Ala dos Namorados* diga a sorte  
Quaes hão de ser os Doze de Inglaterra.

Um unanime applauso a sala atrôa.  
Felicita a Rainha o Condestavel;  
O Rei, a delicada ideia acclama:

— Nunca a Justiça e a bravura unidas,  
Attingiram verdade mais sincera!  
Bem se vê que na mocidade vossa,  
Valente Condestavel, meditastes  
De *Galaaz* nas aventuras bellas,  
E soubestes moldar n'esses Poemas  
O typo ideal que sois de Cavalleiro.

## VII

Da *Ala dos Namorados*, os que estavam  
Na recepção, alli, logo se reúnem;  
Vão fallar á Rainha: que ella as sortes  
Tire por sua mão; e indique o dia  
Da cerimonia festival, brilhante,  
Dos escolhidos para o Passo honroso.

E enquanto o Enviado inglez fallava  
Ao Chanceller, agora á puridade  
De um segredo de Estado, que trazia,  
(Que é bem que os Reis de França e Hespanha ignorem,  
Illudidos com a insólita Mensagem  
Do convite dos Doze da Inglaterra,)  
Dona Philippa de Lencastre alegre  
Responde aos Cavalleiros que a rodeiam:

— Amanhã, amanhã, em Cintra todos!  
E' na Sala das Pêgas que o sorteio  
Hade ser feito. Dae-me os vossos nomes  
Para os lançar na urna, e apoz a gloria!

CANTO V

NA SALA DAS PÊGAS





## I

FôRA longo contar a galhardia  
Da deslumbrante e alegre cavalgada  
De gentis Cavalleiros pressurosos  
Pela alvorada em trote para Cintra.  
Todos esses que outr'ora se encontraram  
Na *Ala dos Namorados* sustentando  
Denodados da Patria a independencia,  
Vão n'um garboso, incomparavel troço  
Ao paço ouvir as ordens da Rainha.  
A' frente d'elles, perstigioso chefe  
Mem Rodrigues de Vasconcellos marcha.

O princepe Dom Duarte e os Infantes  
Ao encontro da ardente comitiva  
Se aproximam na estrada; já se reúnem.  
No torreão do paço flammejante  
A bandeira das Quinas tremulando,  
Que enthusiasmos e confiança inspira  
No estremado exito da empreza!  
Trajam todos de seda, e as espadas  
Têm côpos de ouro, alguns com pedras finas.  
Dos ginetes se apeiam; aos terraços  
Vêm as damas, solicitas donzellas,  
Contemplando esse esplendido cortejo.

## II

Mem Rodrigues de Vasconcellos sobe  
A fallar á Rainha, que sahira  
Da missa da Capella; alli lhe entrega  
A lista dos Donzeis e Cavalleiros  
Das sortes ventureiras.

## Promptamente

Ordem é dada para entrar na sala  
A exaltada chusma. Bipatentes  
De par em par as portas se franqueiam  
Da vastissima quadra conhecida  
Pela *Sala das Pêgas*, da aventura  
Do occulto amor que a tradição memóra  
Do rei... de uma surpresa da rainha...  
Feliz coincidência! N'esse instante  
Ouvem-se os menestreis, annunciando  
A entrada da Rainha; vêm as damas  
Adiante, e rodeando logo o estrado  
Faz-se um silencio immenso.

## III

## Donairoza

Sóbe a rainha os tres degrãos; corteja  
Com insinuante magestade e graça  
A *Ala dos Namorados*, os que restam  
Da empreza de Aljubarrota, ainda

Livres de coração.

Um pagem entra,  
 Uma urna de prata rebatida  
 Appresenta á Rainha; contém nomes  
 Dos Cavalleiros hoje alli presentes.  
 Momento de emoção intensa e viva!  
 Cada qual mudo espera que o designe,  
 Que ora o escolha, que o proclame a sorte  
 Um dos Doze...

A Rainha sorridente  
 Tira da urna cheia de bilhetes  
 O primeiro; da branca mão recebe-o  
 Mem Rodrigues de Vasconcellos, leu-o:

= *Alvaro Vaz de Almada.* =

Pela sala  
 Frémito de alegria se prolonga,  
 Quando eccoara o imperecível nome  
 Do primeiro dos Doze de Inglaterra,  
 O coração mais puro e generoso  
 Que inda pulsou em peito lusitano!  
 Typo completo da fraternidade  
 Entre leaes e bravos Cavalleiros.

Alvaro Vaz de Almada sáe da turma,  
 Sobe ao estrado, e ajoelhando em terra  
 Beija a mão á rainha, e vae postar-se  
 Ao dextro lado, reservado agora  
 Aos Doze eleitos para o Passo honroso.

A soberana tira uma outra sorte;  
 A Mem Rodrigues a entrega; lê-se:

= *João Pereira.* =

O nome do sobrinho  
Do inclyto Condestavel; satisfeito  
A meia voz Nuno Alvares observa :

— Emfim, aprouve á sorte compensar-me  
Concedendo que vá por mim meu sangue  
Enaltecer-se na estrondosa lide  
Que hade dar que fallar por todo o mundo. —

E emquanto o novo eleito se destaca  
Da *Ala dos Namorados* a ajuntar-se  
Ao que a sorte primeiro distinguira,  
Outro papel tira a rainha; attentos  
O nome aguardam! Quem será? Ouviu-se  
Proclamado com clara voz na sala  
O outro

= *Alvaro de Almada,* = conhecido  
Por *Justador*; um appellido usado  
Para assim distinguil-o do primeiro,  
Embora na lealdade e no heroismo  
Sejam eguaes os Cavalleiros ambos.

#### IV

A commoção na sala era opprimente ;  
A aspiração á gloria deixa na alma  
Anciedade, incerteza, como o que ouve  
Lêr sentença que finda pela morte . . .  
Eil-a a sorte do quarto Cavalleiro !



Leu-se :

= *Alvaro...*

A angustia do que espera

Torna-se em agonia ! Mem Rodrigues

Leu o nome completo em que hesitara,

Proclama :

= *Alvaro Mendes de Cerveira!*

Foi então que se viu d'entre os mais novos  
Dos Cavalleiros que alli estão presentes  
Um ajoelhar-se pávido ante a imagem  
Bella da Virgem, que na sala infunde  
Amor e Piedade indefinivel ;  
Recolhido em concentração ficara  
Quasi extactico, em quanto vão tirando  
Restantes sortes. No intimo bem da alma,  
Na emoção do espirito profunda  
Elle fizera um voto... se o seu nome  
Não ficar esquecido !

## V

Vae seguindo

O sorteio sereno, imperturbavel :

= *Lopo Fernandes Pereira* = é o quinto ;

O sexto :

= *Martim Gomes de Azevedo.*

Ajoelhado e mudo permanece  
 O moço cavalleiro, absorto, immerso  
 No voto ardente que o destino vérga.  
 Vae entretanto proseguindo a sorte.

Acclamam :

= *Luiz Gonçalves Malafaia.*  
 = *Pero Homem da Costa.*

Que momentos!

Já poucos nomes faltam para os Doze!

Eis:

= *Sueiro da Costa.*

No silencio

Tremendo e augusto que na sala impera,  
 Ouve-se lêr :

= *Ruy Mendes de Cerveira.*

Vem :

= *Ruy Mendes da Silva* = adiante logo.

Só falta um nome a completar a turma  
 Dos Doze de Inglaterra. O derradeiro,  
 Quem será?

## VI

Caprichosa a sorte é sempre!  
 Mesmo a Rainha n'esse instante hesita;  
 Metteu a mão na urna resoluta...  
 Na sala o nome de  
 = *Alvaro Gonçalves*  
*Coutinho*, esse da alcunha de *Magriço*,  
 Eccôou sonoro; o assombro alcança todos!

O joven Cavalleiro, que estivera  
 Até alli de joelhos, repentino  
 Se ergueu, como acordando de um terrivel  
 E anciado pezadello; gravemente  
 Vem ao estrado da rainha, beija  
 Reconhecido a mão da soberana,  
 E exclama apoz :

— Senhora! aqui a todos  
 Cumpre-me declarar que fiz um voto  
 De ir a pé em romagem ao Sanctuario  
 Da Senhora de Guadalupe! Ouviu-me  
 No meu pedido! e bem o patentêa  
 No ultimo dos Doze de Inglaterra.  
 Affrontando os perigos, inclemencias,  
 Irei por terra, irei peregrinando  
 Em honra da Senhora, quanto possa,  
 Transpondo o mar lá no Canal que a França  
 Separa da Inglaterra. A vós sómente  
 Compete o conceder-me uma tal graça.

Commovida a Rainha, com applauso  
 Dos Cavalleiros todos lhe devolve:

« Outorgo-te este voto denodado .  
 Em que hasde a morte defrontar por vezes,  
 Com tanto que na capital londrina  
 Ao prazo do torneio te appresentes.

— Não faltarei! A Virgem dos perigos  
 Me livrará; emquanto á lei da honra  
 De mim depende só cumpril-a firme.

## VII

Dos Doze Cavalleiros terminada  
Era a eleição; agora estão reunidos  
Em volta da Rainha, que os saúda  
Pela missão que a sorte lhes confiara.  
Charamellas e doçainas sôam  
Dando fim á festiva cerimonia.  
Na torre do palacio n'esse instante  
Sôa a hora de terça; ao jantar prompto  
A comitiva segue para a mêsa.  
Que os Chronistas celebrem a opulencia,  
A profusão do opiparo banquete,  
A alegria dos brindes, os bons ditos,  
Os manjares, os capitosos vinhos;  
Mas nada chega ao singular encanto  
Do serão, em que as Damas distribuiram  
As Divisas dos Doze Cavalleiros.

## VIII

Passou-se o dia discorrendo á solta  
Nos amenos jardins que o paço cercam,  
Cantando e rindo, emquanto estão as damas  
Recolhidas, sollícitas, compondo  
As graciosas *Divisas*, que hão de á noite  
Caber em sorte a cada cavalleiro.

Que intenções maliciosas! que mysterios,  
Que prenuncios fatidicos encerram  
Essas phrases concisas, sibyllinas!  
São as doze Divisas extrahidas  
Dos poemas francezes mais selectos,  
Mais lidos pelas Damas.

## IX

## Chega a Cintra

Um recado do Rei, que á noite o esperem,  
Quer estar ao serão; tem-no em Lisboa  
Conferencia secreta, demorada  
Com o Enviado de Inglaterra. Ignoram  
Todos o assumpto d'essa conferencia;  
E os dois Embaixadores escolhidos  
Para assignar em Londres um Tratado,  
Ignoram a missão que lhes confia  
O Rei, que na politica vê longe!  
Só João das Regras sabe um tal segredo.

As horas passam lentas; desce a noite,  
Lucilações dos candelabros fulgem  
De alto abaixo pelo palacio ingente;  
Para a *Sala das Pêgas* são as portas  
Patentes; vêm os Doze de Inglaterra  
De ora em diante no sentimento unidos  
Da alta empreza a que vão dar nome e lustre  
A' portugueza Patria, que ainda um dia  
Terá na Historia inolvidavel nome  
Pelos feitos que amor mais alto inspira.

## X

Doze Divisas acham-se escolhidas ;  
São segredo recondito das Damas !  
Só ellas sabem de intenções occultas  
Que essas phrases encerram.

## O Rei tarda.

Dizem que traz o Embaixador consigo,  
Para assistir á festa em que as Divisas  
Se darão á ventura. As melopêas  
Dos menestreis na grande sala embalam  
Os colloquios apaixonados, sonhos  
N'uma atmospha de esperança e goso.  
De repente um rumor o ár atrôa  
Como de carros pela estrada ; certo  
Será do Rei a comitiva. Os vivas  
No ár aclamam-no, e ao atrio baixam  
Os Cavalleiros indo ao seu encontro.  
Micer Robert Grantham vem com o monarcha.

## XI

Com cortejo de Damas e Donzellas,  
Já na Sala das Pêgas a Rainha  
Serena aguarda o desejado esposo.  
Entra o Mestre de Avis, e a alegria  
Rejubila por todos os semblantes ;  
Beija-a na face, e os Infantes caros  
Abraçou com ternura. Logo fallam  
Da eleição dos Doze de Inglaterra.

Quer El Rey conhecel-os; ao aceno  
Vem da Rainha os Doze Cavalleiros,  
Que a mão do Rei singularmente osculam.  
« Para a eleição completa ainda falta  
A entrega das Divisas. (Graciosa  
Ponderou a Rainha.)

— Sem demora,  
(Volve o monarcha) n'este mesmo instante  
Complete-se dos Doze a investidura.  
A Divisa é um puro sacramento,  
Clara expressão do ideal do Cavalleiro.  
Micer Grantham lerá mesmo as Divisas  
Que a sorte distribuir; perante a Côrte  
Da Inglaterra authenticas as torna.

## XII

Um pagem toma a salva, em que dobradas  
Em coração Divisas doze estavam;  
E a cada um do grupo, que a Rainha  
Distingue a dextra sua concedendo,  
Appresentada a salva, ledos tiram  
Á ventura uma incognita Divisa.  
Por seu turno ao Enviado de Inglaterra  
Vão entregar a ignorada senha.

Micer Robert Grantham pede licença  
Ao Rei, quer delegar uma tal honra  
Na Infanta Dona Isabel, futura  
Duqueza de Borgonha encantadora.  
O rei concede; a Infanta radiosa,  
Candida, ingenua, vae pausadamente  
Lendo as Divisas, chêa de surpresas,  
Dando-lhes intenção incomparavel:

De Alvaro Vaz de Almada eil-a a Divisa:  
— *Li porteraí foi!*

Soube alguém na sala  
Comprender o sentido mysterioso  
D'essas palavras que o acaso unira;  
Logo o Infante Dom Pedro pensativo,  
O generoso Duque de Coimbra,  
Abraçou com fervor o Cavalleiro  
Com quem contrae fraternidade heroica.

De João Pereira, destemido e affavel,  
*Loiaulment aimer!* é a Divisa.  
*Trop haut penser!* ao Justador compete.  
Coube a Alvaro Mendes de Cerveira:  
*Espérance ne ment!*

Sómente as Damas  
Comprehendem sentido e coincidencias  
D'essas Divisas, que entre si explicam  
Nas allusões de sonhos, de esperanças;  
Que furtivos olhares, que sorrisos  
Maliciosas trocam! Do Pereira  
Lopo Fernandes, a Divisa excita  
Ironicos sorrisos, pois contrasta  
Com o character seu apaixonado  
Por todas as mulheres; diz a letra:  
*Feindre la froideur!*

Só uma Dama  
Não se atrevera a rir, crendo que a sorte  
Quiz occultar o amor que ambos juraram.

Agora Martim Gomes de Azevedo  
Entrega a breve senha; a Infanta leu-a:  
*Les joies dans le désir!*

Será verdade  
O sentido que aquella letra encerra?



*Peine endurer!* Laconica, expressiva,  
Pertence a Luiz Gonçalves Malafaia,  
Traduz a gentileza de caracter.

*Amors m'ocie!* A Pero Homem da Costa  
Coube essa phrase que é um grito d'alma;  
Todos na côrte sabem que é flagrante  
Do pensamento implicito a verdade.  
Mas, o que mais espanta, é que este lemma  
*Cuer dolant!* casualmente competisse  
A Sueiro da Costa.

Outros commentam

*Fait penser!* de Ruy Mendes de Cerveira.  
Os que estão na amorosa confidencia  
De Ruy Mendes da Silva consideram  
*Rêve au quel on s'attache!*

Que mysterios

O tempo imperturbavel não explica!

### XIII

Falta o Magriço! Que Divisa a sorte  
Lhe destina? Com anciedade as Damas,  
Attentas interpretam as palavras  
Da phrase, a que um valor estranho ligam!  
*Plus est belle qu'ymage!*

Com certeza,

Que á Senhora de Guadalupe allude!  
Quem ha mais bella do que toda a imagem?  
Ouviu a Virgem seu ardente voto;  
Ella o fez um dos Doze de Inglaterra.  
Não completa a Divisa esse mysterio?

A Rainha quedou-se pensativa;  
 Conta o caso ao monarcha. O rei confirma  
 A concessão d'elle ir por terra; o Enviado  
 Felicitava o joven Cavalleiro  
 Por celestial destino preferido.

## XIV

É do serão pragmatica improvisos  
 De Esparsas, Mottes sobre taes Divisas;  
 E que themas de amor!

N'aquelle instante

Vira o Mestre de Avis o bom Lobeira,  
 Que lá na Aljubarrota fôra um bravo,  
 Armado Cavalleiro a par dos moços;  
 Acenou-lhe festivo:

— N'esta noite,

Desejo que o Enviado de Inglaterra  
 Oiça por tua bocca recitado  
 O caso de *Amadis*, hoje no mundo  
 Tão celebrado com vehemente enlevo.

«Mandaes, senhor. O obedecer é gloria.»  
 Diz Vasco de Lobeira; e então recita:

## CRISAUTO DO AMADIS

Foram dizer a Oriana,  
 Que Amadis na Penha Pobre,  
 Vestido de burel negro  
 Com que misero se encobre,  
 Chorando de noite e dia

A ventura que não volve,  
Faz penitencias tamanhas  
Que está em risco de morte!

Oriana bem quizera  
Dar-lhe o perdão, mas não pode,  
Que o Cavalleiro fiel  
Tornou mentido o seu mote!  
Quando em braços de Briolanja,  
Em paga de um feito nobre,  
Como foi vingar-lhe o pae,  
E restituil-a ao seu dote,  
Acceita a flôr do seu corpo,  
Que é o mais que ella dar pôde!

Resentida, com taes novas  
Oriana se commove;  
E quer ir desconhecida,  
Peregrina, á Penha Pobre,  
Para vêr com os seus olhos  
Quanto Amadis por lá soffre!  
Veste um habito de monge,  
O rosto um capuz encobre,  
Com um bordão de romeiro  
Como quem d'Além-mar torna,  
E traz do Santo Sepulchro  
Perdões a culpas enormes,  
Eil-a á Penha Pobre chega,  
E n'uma selva remota  
Entre medonhos fragedos,  
Uma caverna descobre!  
Seu coração presentira  
Que alli está quem de amor morre,  
Amadis, o desolado  
Que sempre a Oriana adora.

Chegando á bocca da furna,  
Vêlho companheiro accode,  
Magro ermitão, que pergunta :  
— Buscaes a Beltenebrós ?  
Vindes, peregrino, a tempo,  
Que da angustia n'um transporte,  
Sem cuidar do céu ou inferno  
Só por penas de amor morre.

Falla o fingido romeiro :  
« Mas, como salvai-o posso,  
Se mentiu ao juramento  
Do amor que o fez grande e forte ?  
— Bem sabeis, bom peregrino,  
Que a culpas de toda a ordem  
Na Igreja sempre ha remedio  
Que purifica e absolve !  
Ide ouvir de confissão  
O triste que ahí se estorce,  
E perguntae em segredo  
Se quando lhe deu a posse  
Da virgindade Briolanja,  
Em quem pensava n'essa hora ?

Oriana entrou na caverna,  
E reconhecendo logo  
No semblante macerado  
Amadis, ao qual se encobre,  
Sentiu immensa piedade,  
E um pensamento lhe occorre :  
« Sou romeiro do Sepulchro,  
Com perdões que salvar podem ;  
Confessa pois a verdade,  
Da verdade te soccorre :

Á lealdade a Oriana  
Faltaste, infiel ao mote,  
Nos braços de Briolanja,  
Princeza, mas não tão nobre;  
Como hade ser perdoado  
Quem fez perjurio de morte?  
— « Oh santo romeiro, ouvi-me,  
A este innocente accode!  
Dormindo com Briolanja  
Eu não fui infiel; nota,  
Que o pensamento em Oriana  
Eu tinha n'esse transporte;  
Se o corpo vergou, é lodo,  
A alma guarda a pura norma,  
Com Oriana eu sônhava,  
Com Oriana ainda na morte! » —

As lagrimas ás bagadas  
Nas faces cavadas correm!  
Não se contém Oriana,  
Bota o negro capuz fóra,  
Cáem-lhe as tranças nos hombros,  
Semblante risonho mostra!  
Abraçam-se com vontade,  
E ficam bocca com bocca,  
Amadis e Oriana,  
Tanto a saudade os provoca.  
Bem dissera o Eremita  
Que a Beltenebrós conforta,  
Que tem a Egreja remedio  
A culpas de toda a ordem,  
Mysterio da *felix culpa*  
Que o perdão converte em gloria.

## XV

Sorriu-se o Rei ouvindo a narrativa  
Do velho novellista; recordando  
Uma egual situação, ciume vivo,  
Quando a esposa com outra dama o vira;  
E a divisa: *Por bem!* que a pêga palra,  
Doce perdão motiva.

É serão alto,  
Da collação a hora sôa lenta;  
Das iguarias o aroma incita  
O paladar. O rei está cansado,  
Para a mesa caminha; a comitiva  
Apoz vae, discreteando alegremente.

## XVI

Durante a collação um Segrel canta  
O *Lai do Amor e Morte*, contrapondo  
A' paixão de Amadis a paixão louca  
De Tristão, o primor dos namorados!  
A côrte applaude o vívido contraste:

## AMOR E MORTE

Tristão a Yseult diz :

— Eu sei quanto me odiavas !  
Com um Philtro cuidavas  
Dar-me a morte, a final . . .  
Mas o Philtro fatal,  
Quando o levei á bocca  
Em vez de odio provoca  
Um amor repentino !  
Tornou-se-me um destino  
Desvairado, absoluto,  
Este Amor com que lucto,  
Do qual vencer-me deixo !  
Nem contra elle me queixo  
Da acção com que illudia  
Honra e Cavallaria  
Do velho Rei meu tio,  
Quando leal me incumbiu  
A mensagem gloriosa  
De lhe ir buscar a Esposa,  
Trazer-te, seu thesouro !  
Para eterno desdouro  
O invisivel incendio  
Do louco amor accende-o  
Mais o Philtro hoje ainda !  
E tu, Yseult linda,  
Provaste inadvertida  
A magica bebida  
Que te tornou amante,  
Que faz mais delirante

A paixão que me queima!  
Enleado em insana teima,  
Acho-me sem vergonha  
Pela paixão medonha  
Do Rei contra a lealdade!  
A sabia Antiguidade  
Disse em proverbio outr'ora,  
Que a mancha de uma amora  
Tira-a uma outra verde.  
Quem tal remedio perde?  
Quem quer do Amor eterno  
Saír do cruento inferno,  
O mesmo Amor o ensina:  
A Taça cristalina  
Dá-me outra vez! De um trago  
Já de novo me embriago,  
Emborco-a de uma vez.  
Repara bem, não vês?  
Cobre o fundo da Taça  
Uma camada baça?  
São as fezes escuras...  
Não temas, se misturas  
Essas fezes amargas;  
Forças latentes, largas  
Têm, se o licor se agita.  
O Philtro a Amor incita,  
Mas tem no fundo a Morte.  
Bebâmos! Não te importe  
Vê-lo agora assim turvo;  
A' renuncia eu me curvo,  
Tu mil ancias accalmas,  
E emfim, têm nossas almas  
Paz no aniquilamento. —



Extasis de um momento!  
Yseult pensativa  
Estende a mão lasciva  
A' Taça que trasborda;  
Diz Tristão, que recorda  
O Amor grande e funesto:

— Bebâmos esse resto!  
A Morte nos consola,  
Ella accalma o desejo,  
E em teu ultimo beijo  
A alma se me evola. —

## XVII

Termina a collação; com reverencia  
O Infante Dom Pedro se ajoelha  
Perante El Rey seu pae:

« Senhor! eu peço

Que na festa do dia da partida  
Dos Doze de Inglaterra, se celebre  
A cerimonia da Irmandade heroica  
De Alvaro Vaz de Almada, o leal amigo,  
Com o Infante e Duque de Coimbra,  
Que a vossos pés a alta vontade exora!»

Ergueu o filho o Rei, beija-lhe o rosto:  
— Será cumprido o teu intuito nobre! —

Applausos, brindes, dão remate ao quadro.



CANTO VI

O FESTIVAL DA PARTIDA





## I

**P**OR entre alas dos altos personagens  
Da nobreza e da côrte, deslumbrantes  
Vinham da Sé os Doze Cavalleiros  
Pela sorte escolhidos para a Empreza  
Do passo honroso de Inglaterra. O Bispo  
A todos elles confessado tinha ;  
Para breve a partida é decidida.  
Trombetas e atabales retroando  
Longe espalham um ár que communica  
A emoção convicta do triumpho.  
Sobre o altar-mór da Sé foram benzidas  
As Espadas dos Doze Cavalleiros ;  
Uma por uma o Rei nas mãos as toma,  
E a cada Cavalleiro ufano entrega.

Dansas do povo em todos os sentidos  
Percorrem a cidade alvoroçada,  
Entoando as seguidilhas, os descantes,  
Chistes improvisados inda ha pouco  
No revoltoso cêrco de Lisboa !  
O povo dá signal de força e vida ;  
Sabe o Mestre de Avis quanto lhe deve.  
Quem ousa atraiçoar essa crente alma ?

## II

Poz-se o cortejo em marcha para o Paço  
Do Castello; era ahi que se devia  
Celebrar cerimonia apparatusa,  
O Pacto leal da Irmandade heroica  
Entre o Infante Dom Pedro, o justo, o recto,  
E o firme Alvaro Vaz de Almadá.

Logo

Que á sala do docel chegaram todos,  
A Rainha e o Rei foram sentar-se  
N'aureas cadeiras de espaldar, rodeados  
Pelo Princepe e Infantes dadivosos.  
Eis ao lado direito da Rainha  
Os Doze Cavalleiros escolhidos  
Para a nobre aventura de Inglaterra.  
Inaudito espectaculo! Começa  
O Auto, nunca até aquelle instante  
Celebrado na Côrte portugueza,  
Na santa Ordem da Cavalleria!

O Chanceller Doutor João das Regras  
Clama em voz clara ante o auditorio attento:

— Nosso Rei e Senhor Dom João Primeiro  
Foi por dois Cavalleiros requerido  
Para hoje um Pacto de Irmandade heroica  
Firmarem entre si, inquebrantavel  
Por toda a vida e para a morte entre ambos!

Este grão da Santa Ordem, por costume  
Immemorial de antigos Cavalleiros,  
Pode espontaneamente ser tomado  
Entre dois denodados Justadores  
Antes de uma batalha, ou depois d'ella ;  
Mas, n'uma Côrte em paz, qual hoje a nossa,  
Ao Rei compete conceder tal ordem,  
E ao juramento eterno da fé mutua  
Dar validade como soberano.  
Isto acontece aqui n'este momento... —

Calou-se o Chancellor. Brandindo o estoque  
Aos quatro pontos cardeaes do espaço,  
Exclama o Condestavel com voz firme :

— Que esses dois Cavalleiros se apresentem ;  
Vae começar a augusta investidura  
Do mór grão sobre os outros recebidos,  
Já celebrados pela Ordem Santa ! —

Do pé do throno destacou-se o Infante  
Dom Pedro, o Duque de Coimbra, e avança  
Até meio da sala ; do outro lado  
D'entre os guapos Doze Cavalleiros  
São presto Alvaro Vaz de Almada, e ambos  
Apertando-se as mãos intimamente,  
Beijaram-se, em signal, perante todos  
De mutua Fé, de Paz e de Irmandade !

E ambos confessam :

« Este beijo exprime  
Que eterna uma Fé unica nos une,  
E até morrer por ella aqui juramos ! »

Então o Bispo, que ante si aberto  
Tinha o Livro das Santas Escripturas,  
Foi collocar-se entre elles, que pousaram  
As dextras sobre a pagina sagrada,  
Tomando o voluntario juramento:

« Se pela mesma Fé morrermos ambos,  
Irmãos na morte nos reconhecemos. »

Solemne ao seu logar volvera o Bispo.  
O Condestavel sua vez espera  
Para cumprir suprema cerimonia  
Que só a elle competia. Exclama  
Ante os dois Cavalleiros:

— Este beijo

A Paz inquebrantavel significa  
Entre vós, entre as luctas da existencia! —

O Condestavel ledto se aproxima  
D'esses dois Cavalleiros: toma a espada  
Que ao Infante Dom Pedro pertencia  
E a Alvaro Vaz de Almada a entrega!  
Deposita nas mãos do Infante a d'este,  
Dizendo n'um sorriso de confiança:

— D'estas Espadas é igual o lustre!  
Não poderão falsal-as na sua honra  
Estes dois estremados Cavalleiros,  
Inda que a morte injusta os atraíçõe!  
A troca das Espadas representa  
Nos companheiros de armas a confiança  
Na Honra e no Valor até á morte! —



## III

Seguiu-se o acto mais solemne, aquelle  
Que antigos Cavalleiros celebravam  
No campo da batalha entre a refrega,  
Ou depois do combate, quando ainda  
Dos golpes fundos escorria o sangue,  
E gota a gota em terra o misturavam,  
Symbolo da união até na morte!  
Sellando o pacto da Fraternidade.

Como padrinhos, vêm dois Cavalleiros  
Junto aos dois Irmãos de Armas; desnudaram  
O braço esquerdo a cada um, mostrando  
A veia percordial, e apoz declaram :

— Faz-se a união completa pelo sangue!  
Dos Martyres o sangue derramado  
E' Baptismo de fogo na Fé pura!  
Quem o sangue verter pela Justiça  
Mundificou-se no Baptismo da Honra!  
A identificação faz-se das almas. —

Prompto o Infante Dom Pedro, n'esse instante  
Feriu o braço esquerdo, de equal modo  
Alvaro Vaz de Almada o fez; goteja  
O sangue, e sobre o solo se mistura,  
Alto exclamando :

« Assim como esta terra  
Confunde em si agora o sangue nosso,  
E o guarda como mãe commum no seio,  
Assim a mesma terra a ambos cubra  
Quando um dia, em perigos invenciveis,  
Já sem força um de nós succumba exangue.  
Que um com o outro aos transes sobreviva!  
Juntos, que a ambos prostre a mesma morte! »

## IV

A emoção na sala é inexprimivel.

Que vagos e fataes presentimentos  
Pelo espirito passam nos que assistem  
Áquelle pacto! Se a Irmandade heroica  
Será um dia lugubre effectiva!...  
No semblante presago da Rainha  
Vislumbrava uma nevoa de tristeza!

São os dois Cavalleiros conduzidos  
Até junto á Rainha; alli findava  
Da cerimonia o insolito apparato:  
A Rainha tomando de uma salva  
Duas faixas de panno de alvo linho  
Pensa as duas feridas com ternura;  
Cumpre a missão que só compete ás Damas,  
Pela Santa Ordem da Cavalleria.

E emquanto os dois constantes Cavalleiros  
De mãos dadas vão percorrendo a sala  
No ambito em redor, e recebendo  
A cortezia, o reconhecimento  
De quantos Cavalleiros são presentes ;  
N'aquella hora foi-lhes permittido  
Beijar as mãos das Damas todas, todas,  
Como retemperando as suas almas  
No desinteressado sentimento.

## V

Durante o ritual cavalheiresco  
No grande acto sollicito cumprido,  
Tonos estrepitosos e guerreiros  
De sistros e atabales resoaram  
Na vastidão das salas.

De repente  
Silencio inesperado ! todos olham :  
Um grupo de Escholares bons trovistas,  
De Clerigos jograes e Goliardos,  
Vem recitar heroicas Cantilenas  
Da Materia de França, que bem quadram  
Allusivas ao Festival do dia.

Todos escutam com encanto e pasmo.

## CANTILENAS DE ROLAND

## I

## A IRMANDADE HEROICA

Sédia em Worms o rei o seu Campo de Maio;  
Guerra contra os Saxões hi votam sem desmaio:  
— Tempo ora he de jungir as tribus da Germania  
Ao imperio da França e á Cruz! A insania  
Das tribus de Westfal, Angarios, Osterlinde,  
Bem é que pera sempre e de uma vez fiinde.

Carlos Magno transpoz logo o Rheno; apparece  
Em Mayence, avançando até o paiz d'Hesse.  
Eis chegado a Diemel, que he dos Saxões limite.  
Ao homem livre nada ha que mais o incite  
Á lucta, que um ataque á patria, á sua terra!  
Todo o Saxão accode agora á santa guerra.  
Carlos Magno confia entre tantos azares  
Na valentia e ardor que anima os Doze Pares!  
Com ardil os Saxões em hora astrosa e infesta  
Conseguem de os traer para a grande floresta,  
Esse bosque sagrado, aonde outr'ora Arminio  
As legiões de Varo arroja ao exterminio.

N'essa floresta está firme Columna erguida  
Que ha seculos memóra a tam sangrenta lida,  
Irmisul! testemunho eloquente, directo  
Da geração que fez livre a grey e o seu tecto.

Quem, hoje, vencerá no sanguinoso duello?  
Ao valor de Roland fez Carlos Magno apello;  
Oliveiros, que entrou no angustiado conselho,  
Jurou que para si Roland é sempre o espelho.  
Outros Pares estão dultosos e calados,  
Fremosamente já pera a lide ordinados.  
Para as azes ferir de rijo a mantenedente,  
Sem tempo a consirar tantas tribus e gente,  
Partirom-se d'alli os dois: Roland a destro,  
Oliveiros com gram aficamento a séstro.

Fallou o Emperador aos seus; diz-lhis assi,  
Com voz que as almas torna intrepidas em si:

— Ora olhade, os Saxões querem ganhar a França,  
Entendem de a cobrar por nostra malandança!  
Nos corações poede os imiigos vencer,  
Ou prenderemos hy todos morte a valer. —

Turpin occorre alá em vestimentas alvas,  
Trazendo em asta grande a Vera Cruz. E ás salvas  
Que a multidão guerreira em taes instantes usa,  
Bradou:

— Vedes a Cruz! Poede em ella fiuza! —  
Orade-a, e com fee pedide-lhe que Aquel  
Que por nós prendeu morte, a essa hoste revel  
A morte hoje se dee. —

E ouvindo todos isto,  
Dixeram logo: « Assi o compra ihesu cristo! »

Fezerom oraçom muy ledos e esforçados.  
Magotes de Saxões, povos confederados  
Como que em turbilhão de genetes e arqueiros,  
Rijamente se vão de encontro aos deanteiros.

Todo o que era francez contra elles fez frente.  
 Espadadas, lançadas dão-se a mão tenente,  
 Alli vêem-se andar cavallos sem senhores,  
 Cavalleiros por terra e ainda feridores ;  
 Da huma e outra parte os Saxões derribando  
 Muy ledos, e de todo o prez alto bradando :

= Este he, o dia este he da salvação da França! =  
 Maltreitos os Saxões recúam á matança  
 Em hora má, irada em tanta coyta e presa,  
 Nem lhes valia rem contra a sanha e crueza !  
 O que Roland obrou nom pôde contar home,  
 Nem per lingoas se pode em Gestas dar renome ;  
 Exalçado hade seer de honra, prez e bondade  
 Por tamanho trabalho em toda a Cristaidade.  
 Conquereu Irminsul, e a Columna derruba,  
 E aos Saxões deixou como ao leão sem a juba !  
 Oliveiros estroe a esmaiada gente,  
 É tambem vencedor ! Batalha da torrente  
 Hasde ser para sempre a todos renembrada.

E a quando se fiindou a horrenda algarada,  
 De ira e sanha de Deus, e triste mesquiidade,  
 Roland diz :

— Bem queria oje teer irmaidade  
 Com o bravo, o leal, denodado Oliveiros,  
 Que da França é a gloria, e flor dos Cavalleiros. —

Oliveiros volveu :

« Se as palmas queres dar-m'as,  
 Meu orgulho era ser de ti oje Irmão de Armas ! »

Das feridas dos dois o sangue ainda goteja ;  
 O que Oliveiros quer, Roland tambem deseja.

Roland toste cavou na terra com o sabre,  
Uma leiva alevanta, e na cova que hi abre  
Deixou pingar então o sangue que lhe escorre.  
Oliveiros com fee ao mesmo lôgo acorre,  
E ao sangue de Roland ajunta o sangue seu.  
Roland falla:

— A não ser a Deus do alto céu  
E ao grande Emperador, nom devo mais fieldade  
Do que ti, a ninguem! E por esta Irmaidade,  
Quer tenha eu terra, ou marka ou floresta ou fronteira,  
Por ti e a tua voz ver-me-has na dianteira. —

Oliveiros folgou de um vervo tam jucundo  
Ouvir; torna de prãm:

« Por certo, n'este mundo  
Nunca houve, Roland, nunca houve home nado  
Que como eu vos amo, assi fosse el amado! »

Com a leiva cobrindo a cova, com voz forte  
Bradou:

« Eis-nos irmãos! e irmãos até na morte!  
Como cobre esta leiva agora os sangues nossos,  
A tal nos agasalhe a mesma terra os ossos! »

Roland o abraçou com a fronte alto erguida:

— Nós somos d'ora em diante irmãos, mas para a vida.  
É na vida pensando, Oliveiros, que eu peço  
A mão de tua irmã, de Alda, se eu a mereço!

Oliveiros, de ledó, exclamou:

« Ah, não vejo  
Mais completa união do que essa! »

E deu-lhe um beijo.

## VI.

Esse Cantar guerreiro applaudem todos.  
O proprio Rei Dom João Primeiro falla  
Rejubilando para o Condestavel :

— Quanto as Gestas do bom Roland aprazem !  
Bem dizia o Rei Sabio nas Partidas,  
Que só consentiria em sua Côrte  
Cantos de feitos de armas ; só a elles  
Prestar attenção devem Cavalleiros ! —

Sorriu-se João das Regras com malicia,  
Lembrando-se, que outr'ora o Condestavel  
Lia na mocidade sempre os Poemas  
De aventuras de Amor, que o empolgavam,  
Principalmente a *Galaaz*, modelo  
Que imitava de um Cavalleiro-virgem !  
Sobre a face do Bispo lampejara  
Um clarão de alegria ! Pela sala  
Anda o Copeiro-mór annunciando  
Que a meza é prompta, e serve-se o banquete.

De braço dado o Rei e a Rainha  
Caminham, vão atraz os Irmãos de Armas,  
Logo a Ala dos Doze de Inglaterra,  
Micer Robert Grantham, o Enviado,  
Apoz os Cavalleiros e Fidalgos  
Sem curar precedencia ou gerarchia.



## VII

A sala do banquete era colgada  
De riquissimos pannos, tendo as armas  
E os emblemas heraldicos do Mestre,  
Que como Rei de Portugal unira  
As insignias da Casa de Lencastre.  
Demorou-se o Enviado inglez mirando  
Logo as Armas de Portugal, e exclama :

= Senhor! eu estou vendo n'estas Armas  
Como sobre o Brazão do reino vosso  
Que adoptastes, á Cruz floreada  
Da nobre Ordem de Avis unir soubestes  
Nas suas quatro pontas a divisa  
A Flôr de Liz da Casa de Lencastre!  
Ao escudo do morto rei Fernando  
Vós ajuntastes esses quatro Lizes  
Sobre o escudo exterior, em que se agrupam  
De tres em tres symetricos Castellos!  
Tambem vejo, Senhor, sobre a Corôa  
Dos seis antepassados, que era aberta,  
Que hoje alado Dragão tendes por timbre  
Assentado. E' sem duvida esse monstro  
Vencido pelo inglez San Jorge, agora  
Invocado em antithese a Castella  
Como grito de guerra! Compreendendo  
Como o Portugal vosso e Inglaterra  
Identificam crenças, interesses!... =

O Rei sorriu-se; acaso lhe lembrava  
O Tratado secreto, que ia em breve  
Ser assignado em Londres!

Vão na Empreza

Do Passo honroso dois Embaixadores;  
Mas, para que estas cousas não transpirem  
Entre o povo murmurador .. Irrompem  
As musicas triumphaes, e os Cavalleiros  
Vão em roda das mezas observando  
A profusão, riqueza das baixellas,  
A sumptuosidade inconfundivel.

Aos convidados deram-se os logares.  
Mal começa o banquete entra na sala  
De Escolares trovistas grupo inquieto,  
Que recíta as heroicas Cantilenas  
Dos feitos de Roland e Carlos Magno:

## II

### A GUERRA DE HESPAHHA

Na Côrte imperial grande gente asunada;  
Mais viçosa e mais tersa onde ha outra nomeada?  
Ende em seu throno está Carlos Magno em ledice;  
Começando a catar a um lado e outro, disse:

— Um mandadeiro a cá me trouxe aquesta letra  
De dois Emires bôos; em ella se me impetra  
Contra o neicio Califa auxilio d'armas no Ebro;  
Para um soccorro a tal meu conselho celebros.  
Vós que assi vos preçaes de serdes o espelho  
De alta cavalleria, er dae taste o conselho:

Devo eu armas filhar? Todolos em campanha,  
Pardês, irmos ataa esse reyno d'Esanha?  
A derrubar do throno o Califa traedor,  
Para adduzil-o á Ley de Christo Redemptor? —

Catando-se antre si os Pares Doze, avem  
Despos esto quedar cada hum sem dizer rem;  
Mas o Emperador que nos seus rostros lia,  
Dois bandos conheceu quando em côrte siia:  
Em manter a paz um todo o empenho filha,  
O outro pela guerra em ardimento brilha.

Em esto, pela paz aveo fallar entom  
Contra a malaventura o arteiro Ganelon:

« Senhor, triste aventura, além dos Pyreneos  
Andar em prol de cães imiigos de Deus.  
Pois nom ajades dulda: as fronteiras do norte  
Ora assaltadas traz o Saxão bruto e forte.  
De grado o poder vosso oh deve ser poupado  
Quando hostes sem fim vos ameaçam o Estado.  
Desi, creede, Senhor, em quanto aos Sarracenos  
Sempre antre si rivaes, o seu poder he menos,  
E nom he maravilha, um dia, sem espada  
De os vêr reduzir a si medes a nada.»

Sem chus querer ouvir, ergue-se alli Roland;  
Mostra no coração quanto he seu pezar grande:

— « Sabedes bem que a guerra he para nós sagrada;  
Por guisa alguma a paz seja a cabo votada!  
Seja tolheita Hespanha á vil mourisma perra,  
E ao Crescente faça a Crux doorosa guerra.

Em quanto eu o Crescente em Hespanha hasteado vejo,  
Certas, he para nos hũ gram dapno sobejo.  
A guerra, quando ella he de boa puridade  
Aos homens justos faz, dinos da liberdade.» —

Oliveiros, que sempre a Roland acompanha,  
Alvidrou ja de pram pela guerra de Hespanha,  
Como o maior amigo, outro hi nom ha assim;  
Ancelin de Gasconha, Ogier e Turpin,  
Tambem Thibaut de Reims, e Ricardo-o-Velho,  
Henrique seu sobrinho, e Gerer, tal conselho  
Os Doze Pares têm, pondo em lembrança  
A gloria, o nome boo da bella e doce França.  
D'aquelles Pares Doze alli nenhum é menos  
Que a guerra se levasse aos increos Sarracenos.

Lançou o Emperador em roda seus olhares,  
E disse a mui gram sen para os Doze Pares:  
— Pois que o Roland quer, não por fólardimento,  
A guerra, agouro creio de um feliz evento.

D'onde siia se alçou Ganelon, o contrairo:  
« Eu duldo que Roland não seja sem desvairo!  
Sabede, o invencivel Roland, o justador,  
Falece en valentia: é perdido de amor.  
A sua despedida agora bem miralda,  
Vel-o-edes á partida ir beijar a mão de Alda.»

Oliveiros rugiu, vendo fallar da irmã;  
Carlos Magno accorreu ao perigoso afan:

— E' certo que a Roland outorguei eu licença  
De arreceber esposa Alda, em minha presença;

Mas, não sei rasoar, como o rijo guerreiro  
Que invencível foi sempre, a final prisioneiro  
Quedou por tão immenso e repentino amor? —

Com simpleza Roland explica ao Emperador :

— « Na bocca de Alda um dia acaso eu diviso  
Suave, encantador, ineffavel sorriso...  
Sorriu-se para mim Alda... E desde aquella hora  
Sem eu saber porquê, ficou de mim senhora.» —

### VIII

Na mesa superior, da primasia  
Assentara-se o Rei e a Rainha ;  
Em seguida o Enviado de Inglaterra,  
Os Infantes apoz e o Condestavel,  
O Chancellor, e o Bispo de Lisboa ;  
Logo os Mestres e os Commendadores  
Das Ordens nobres, com os Conselheiros  
Do monarcha, e os Doze de Inglaterra.  
As outras mezas eram occupadas  
Em volta, em bancos, pelos Escudeiros.

Tem a mesa das Damas na cimeira  
Dona Isabel, a Infanta, (essa futura  
Ciumenta Duqueza de Borgonha,)  
A que á sorte tirou gratas divisas  
Dos Doze de Inglaterra primorosas.

Não quiz o Rei que houvesse os Entremezes  
De Jograes, nem as chufas, pantomimas  
De chocarreiros e histriões, costume  
Dos banquetes nas côrtes mais ruidosas.  
Ordenou que os trovistas continuem  
Uma recitação de feitos de Armas,  
Propria só de banquete em um tal dia.

A Cantilena de Roland prosegue:

### III

#### O PASSO DE RONCESVAL

Momento o mais atroz da sangrenta referta!  
Quando Roland, absorto em pugna ardente, acerta  
De passar junto ao bravo e impavido Oliveiros;  
Para o irmão de armas diz:

«São teus golpes certos;  
Só com o conto da lança a mourisma derreias;  
Mas cercam-te esses cães em tredas alcateias!  
Vencem-te, se Hauteclair agora não brandires.  
Convem que d'este passo a fios seccos te tires.»

Oliveiros batalha; e respirando a custo,  
Volve para Roland:

— Por mim não tenhas susto.

Não dão tempo estes cães de levar mão á cinta.  
Não as perdem! no ár hão de aparár a finta. —

E apenas pôde abrir uma clareira em volta,  
De Hauteclair sacou, e pelo ár a sólta;

A lamina refulge e o destroço espalha  
Nas fileiras do rei, entre a suja canalha  
De Marsillo, que pasma e espantado fugia.

Roland por outro lado a Durandal brandia,  
Essa Espada que tem lavrados punhos de ouro,  
Com reliquias que valem o melhor thezouro !  
Nada ha que aos dois heroes o passo audaz lhes vede,  
Rompendo a hoste cerrada ao odiento Mafamede ;  
Vendo bravura tal, seguros dos revezes  
Consideram-se os leaes Cavalleiros francezes  
Como quem está dentro em um firme baluarte.

Roland ao lado esquerdo olhou ! subito parte,  
N'um instante transpõe, valles, invios outeiros,  
Vendo a espessa mourisma em torno de Oliveiros,  
E o berreiro infernal de basta chusma infinda.  
A espada Hauteclair no ár fulgia ainda,  
Mas seus golpes mortaes nem todos têm emprego,  
Cahindo de alto a baixo em pancada de cego.

Seguiu para esse lado ; a Oliveiros acode,  
O irmão de armas salvar promptamente elle pôde.  
Mas lançada violenta atravessou-lhe as costas,  
Por onde o sangue escorre e se coalha ás póstas !  
Oliveiros no emtanto, exangue, a espada núa  
No delirio da sanha a brandir continúa,  
E emquanto sente vida o braço seu não pára.  
Perto d'elle Roland tremendo golpe apára . . .

— Aqui tens teu irmão ! — Com ternura elle exclama :  
« Es tu, Roland ? Perdôa ! (E para si o chama.)  
Eu já não vejo a luz, eu já nada conheço.  
De novo, inda outra vez, Roland, perdão te peço. »

E esvaindo-se em sangue, ao cair o susteve  
Docemente Roland, que as lagrimas conteve.  
Sobre a relva o deitou; desprende-lhe a viseira,  
E enchendo Oliphant na propinqua ribeira,  
Lavou-lhe com piedade o affogueado rosto;  
Fitando-o algum tempo em insondavel desgosto,  
Fallou Roland a sós, dizendo d'esta sorte:

— A irmandade heroica em vida e além da morte  
Nós jurámos os dois! Eis-te morto; d'esta arte  
Está tudo acabado, e eu não posso faltar-te.  
A raça vil de Agar, conhecendo-me firme,  
Só pela tua morte ousou assim ferir-me;  
Covarde, torpe, abjecta, e nojosa e damninha,  
Descobriu a final que tua morte é a minha!—

Voltando o terno olhar para o lado da França,  
De Durandal beijar as reliquias não cansa,  
E como que a oração derradeira fazia!  
Depois, com decisão para o valle descia  
A affrontar de Agar as turmas traiçoeiras,  
Que fogem perante ell' como ao vento as poeiras.

Não vendo já de pé Cavalleiros francezes,  
Indomavel e só, vae d'encontro aos revezes,  
Arrazando o tropel sem fim dos Africanos.  
Não pode a Durandal com seus golpes insanos  
Sobrepujar alli o numero sem conta.  
Oliveiros é morto! A Roland tudo aponta  
As lanças; cada qual busca embargar-lhe os passos,  
Da vida vende caro os momentos escassos,  
E como quem se arroja á insondavel voragem,  
Bradando com desdem, cae:

— Fartar, villanagem!—



## IX

Terminado o banquete apparatuso,  
Que de cinco cobertas era, e ainda  
De mais cinco serviços cada uma,  
Vem aos convivas doces delicados,  
Aromaticosinhos, malvazia,  
Moscatel! andam pagens com toalhas,  
Bacias e gomis de prata fina,  
Em que abluem as mãos os convidados.

Os varletes as mezas levantaram,  
Ficou a sala para a sessão prompta;  
Agruparam-se as Damas ladeando  
A Rainha; os colloquios, os segredos,  
Os rifões se entrecruzam saborosos!

Interrompem-se subito as conversas.  
Satisfeito se mostra o Rei, quando entram  
Os trovistas com nova Cantilena,  
E á Estoria de Roland põem remate:

## IV

## O ECCO DE OLIPHANT

Carlos Magno voltara á sua côrte d'Aix,  
Pensoso, amargurado, e bem triste, bofé!  
Melenconico vem d'essa empreza da Espanha,  
Onde leixou ficar sua melhor companha.  
Ora em chegando á côrte ouviu soar distante  
Trinta leguas ou mais, a corneta Oliphante.

Dixi entom para si:

— Certo he isto signal  
Que meus Pares estão a esta hora em transe mal. —

N'essa hora sestra a aaz em que Roland vinha,  
Passando em Roncesval, um fraguedo a detinha,  
Que rodou da montanha até o vão profundo;  
Apoz aquelle vem das alturas segundo,  
E mais, e mais e mais, sem valer afouteza  
A' gram cavalleria e á bravura franceza!

Socorro o Emperador mandou a Roncesvalles;  
O horror quem saberá contar de tantos males!

Os que voltam de lá, contam que os Doze Pares  
Todos mortos estão em teebrosos algáres,  
Teendo em volta de si os corpos dos imiigos,  
Que talharam assi e formam seus jazigos.

Via-se alli Roland estendido no outeiro,  
Abraçado ao montante, o fido companheiro,  
Durandal, a melhor das melhores espadas!  
Nos cópos ainda tem as reliquias sagradas.  
Roland poude-a brítar escontra uma pedra  
Em duas! Bem parece as Taboas da Lei vedra;  
Soube-a assi salvar das mãos d'os Sarracenos!

Alda, vem attrahida aos estranhos acenos  
Que faz o Emperador, que as barbas arrepe!a!  
Vem novas de Roland demandar a donzella.  
Vendo a espada partida, esmaece em palor,  
Ao throno se chegou:

« Que novas daes, Senhor... »

Carlos Magno estremece, e balbucia apenas :

— Roland, ao combater as aazes sarracenas,  
Ante uma vil treição que o quiz fazer escravo,  
Preferiu á affronta o morrer como um bravo.  
Despediu-se com dôr da sua *Durandal*,  
Que espedaçou de um golpe em fraga em Roncesval;  
E ao cahir com valor entre tanta matança,  
Não se esqueceu de dar o adeus ultimo á *França*,  
De encommendar tambem alli sua alma a *Deus!* —

Alda tinha no chão fitos os olhos seus.  
Esto ascolta a donzella... ende lhe pezou muito!  
E como em terra cae da alvore um fruto  
Abanando o suão, caiu dizendo assi:

« Não entendeu Roland espedir-se de mi...  
Sei quanto elle me amava! é que a morte lhe lembra  
Que á campa o seguirei e para a Gloria ensembra! »

Nas entradanhas d'alma infinta e aguda é a door;  
Alda caíu passada aos pés do Emperador,  
Illuminando a face o angelical sorriso  
Que em Roland sogigou alma, valor e juizo!

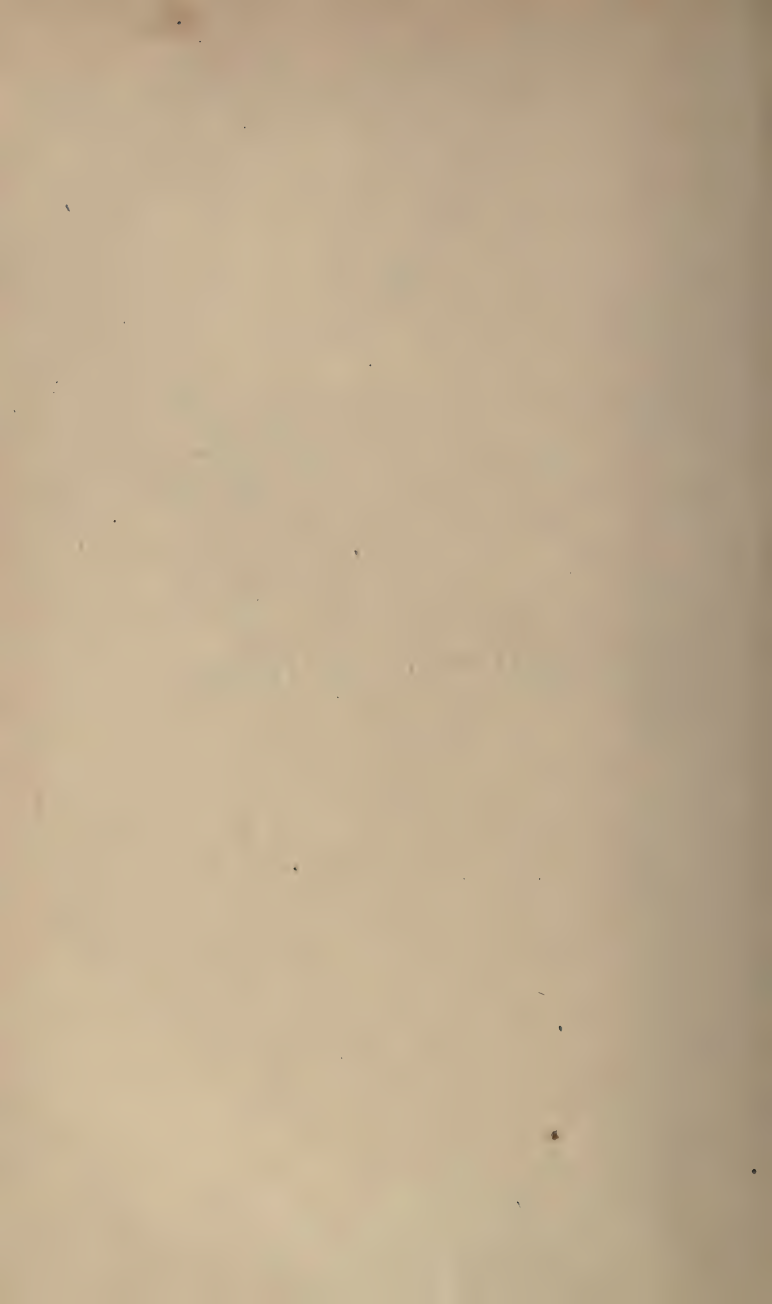
## X

Nos Paços do Castello assim findara  
A festa esplendorosa; na alvorada  
Do novo dia se effectua o embarque  
Dos Onze de Inglaterra. Sobre a antena  
A Frol da Rosa, a não gentil balança.

Oh poeticos momentos da partida!

CANTO VII

A NÁO FROL DA ROSA





## I

DA parte de El Rei, ordem por escripto  
Deu-se ao Capitão-mór do mar, que prompta  
Tivesse a Frol da Rosa aparelhada,  
A Frol da Rosa, a não velleira e linda,  
Para em breve sarpár. Sob o commando  
Vae de Affonso Furtado; ella é que leva  
A bizarria pura, os Cavalleiros  
Que vão ao praso instituido em honra  
Da feminil fraqueza em Inglaterra.  
De bellicosos animos, são Onze  
Que embarcam; o duodecimo do grupo,  
Magriço, por alcunha, ousado e franco,  
Recebera especial Salvo-Conducto  
Pelo punho do portuguez monarcha  
Assignado, e aos Reis todos dirigido,  
Aos Principes da Europa e Christandade,  
Para que o deixem proseguir por terra  
No cumprimento de um piedoso voto,  
Sem que lhe empeçam seu caminho, e chegue  
No dia assignalado á Côrte ingleza.

## II

De Ricardo Segundo de Inglaterra  
 A confidencial Carta recebera  
 O rei Dom João Primeiro . . .

Em consequencia

D'essa missiva, que, secreta, envolve  
 As bases de um Tratado de Alliança  
 Que interessa aos soberanos ambos,  
 Vão n'esta viagem dois Embaixadores.  
 Antes do embarque alegre e auspicioso  
 Dos Onze Paladinos, que dão lustre  
 A' nossa Lusitania, sem ruido  
 Já da Náo Frol da Rosa estão a bordo  
 O Doutor Martim D'Ocem, homem grave,  
 E João Gomes da Silva, encarregados  
 Da missão delicada, mas occulta,  
 De assignarem as bases do Tratado. . .

Que habil estratagem! Emquanto sôa  
 Pelo mundo o insolito alvoroço  
 Da Expedição dos bravos Cavalleiros,  
 Que vão desaggravar da Côrte ingleza  
 As gentis Damas, por formal convite,  
 A Hespanha, a França e a Escocia ignoram  
 Esta partida dos Embaixadores,  
 E interesses que as duas Côrtes tratam!  
 Até mesmo os Chronistas abastantes  
 D'esse Tratado ignorarão a letra.  
 Presentimentos da Diplomacia. . .



## III

Para a Não Frol da Rosa são levados.  
Differentes caixões com prata em barra,  
Emprestimo de El Rei Dom João Primeiro,  
Que envia ao sogro, o Duque de Lencastre  
Sempre faustoso e sempre perdulario.  
E' nobreza dever ! Aquelle feudo,  
Ou mal paradas dividas do Duque,  
O Védor da Fazenda desconhece.  
Como o burguez bom senso, que domina  
Esta idade da prosa, que se esboça  
Por entre Emprezas de Cavalleria,  
Mistura a conveniencia e o heroismo !

## IV

Na Igreja de San Domingos, rito  
Da Ordem Santa se cumpria exacto,  
Armas velando os Doze Cavalleiros !  
De confissão ouvidos, commungaram ;  
Tendo a episcopal benção recebida,  
Vão descendo o Rocio ao mar, embarcam.  
Tropel, chusma de povo e de fidalgos,  
Que os seguiam frementes de alegria,  
Choram, vendo abraçar á despedida  
Os companheiros onze o Cavalleiro

Que em terra fica, e que por terra parte.  
Momentos de emoção! E quanta inveja  
Sentem os que não vão n'esta aventura  
Por arbitrio da sorte repellidos!

Das janellas as damas acenavam  
Com lenços de cambraia ; enviam beijos  
Por felicitações da despedida,  
Aos sinceros e bravos Paladinos  
Que pelo Amor ainda a morte affrontam.  
A la moda da terra, entre descantes  
O povo em bando vae á borda da agua,  
Tambem honra a cidade o bota-fóra,  
Uma dança mourisca de retorta,  
E a Judenga fazendo arremedilhos.

## V

Postrimeiro de Março. Desfraldaram-se  
As velas da formosa Não ligeira  
Frol da Rosa ; eis a antêna já suspensa.  
Galerno e de feição o vento infuna  
O panno largo.

Ao mar !

Váe rio abaixo,  
A altiva, a apercebida companhia  
Dos Cavalleiros Onze de Inglaterra.  
Andados muito ao largo, inda se avista  
Toda a Serra de Cintra, que se esfuma  
No azul saphira do horisonte infindo  
Como a infinda saudade que suscita.

Vêm só mar e céu !

São quatro dias  
Desde que as terras da querida Patria  
Aos olhares attonitos se occultam.

Subito um nevoeiro espesso e frio  
Diffunde-se nos áres, vae cerrando  
Opacamente o céu e o horisonte !  
Parece que um encantamento envolve  
Agora a Frol da Rosa, e que entre as vagas  
Do Oceano insondavel vae perdida.  
E' pelos Capitães do mar nomeado  
Sempre Affonso Furtado como o nauta  
Que mais vezes tem feito a travessia  
De Inglaterra; com elle vão seguros.  
Mandando navegar a todo o panno,  
Sem temor de parceis, tem confiança  
No roteiro que leva.

O nevoeiro  
Mais denso ainda, temeroso dura  
Mais um dia; torna a viagem triste,  
Aborrecida, inquieta, provocando  
Nas imaginações terror do ignoto !

## VI

Eis que através d'esse humido sudario  
Manchas divisam no horisonte largo,  
Azuladas, escuras, permanentes !  
Serão nimbos caliginosos, prenhes

De granizos, de raios, de borrascas?  
Os Cavalleiros que na tolda vagam  
Da não arfando, sempre em passo incerto,  
Com interesse inquirem, reflectindo:

— Por ventura serão aquellas manchas  
*Terras de bruma*, já por nautas vistas,  
Signaes certos das *Ilhas empoadas*  
De que nos falla o povo?

«Ah, essas Ilhas  
Pelo Mar Tenebroso, mysteriosas,  
Existem espalhadas! Portulanos  
E Periplos antigos as descrevem.»

Discute um outro grupo a mesma these:

— Por certo que os Antigos, que deixaram  
De *Ilhas Afortunadas* a noticia,  
E da famosa *Antilia*, não quizeram  
Enganar os vindouros com chimeras!  
«Que bello campo de bravura e heroismo,  
Percorrendo este incognito Oceano,  
Affrontar destemido as tempestades,  
Parceis, restingas, syrtes e baixios,  
Monstros marinhos bem maravilhosos,  
E a descoberta obter de tantas Ilhas! —

Alvaro Vaz de Almada aos companheiros  
Diz n'um sorriso cheio de confiança:

— Virá tempo, em que não achando em terra  
Os Cavalleiros condição de lucta  
Em prol do triumpho do Valor, da Honra,  
Ao mar se arrojão, á descoberta

De novos Mundos! Uma tal empresa,  
No audaz combate contra os elementos,  
Quanto não é mais digna, grande e bella  
Que o vil assalto de homem contra homem! —

O horisonte fitando, então reparam  
Que os azulados pontos, que parecem  
Ilhas á mente escandecida, agora  
Se conglobam. Semelha um continente!

— Será a *Antilia* o que ora estamos vendo?  
Ou as *Sete Cidades* pela prôa?  
«Se fossemos lá ter casualmente!  
D'ella falla Platão, segundo affirmam  
Homens cultos de acerrima leitura.  
— Mas, quem hade dar credito e assenso  
A pagãos escriptores, de uma idade  
Que a luz da fé não tinha esclarecido?  
«Sim, a Igreja na tradição conserva  
A memoria d'essa encantada Ilha;  
E é bem certo que quando os Sarracenos  
Nas Hespanhas entraram, trucidando  
Povoações, e destruindo tudo,  
Um Bispo conseguiu que o seu rebanho  
Refugiado em barcas aportasse  
A essa Ilha, onde em paz segura e pia  
A fé christã manteve e a sua gente. —

Malicioso volveu um Cavalleiro  
Lido nos poemas da galanteria:

— A *Ilha de Avalon* já me parece!  
«A Ilha de Avalon? Aquella Ilha  
Para onde, arrebatado da batalha

Foi, mal ferido, o Rei Arthur? e d'onde  
Hade surgir lá em vindouros tempos  
Vindicando aos Bretões a liberdade?

Todos, crentes, reforçam a lembrança  
D'esse Cyclo da Távola Redonda;  
Do Santo Graal as lendas tambem vieram;  
Animam a conversa aos Cavalleiros  
Que da viagem vae tomando o tedio.  
Fallam da Espada magica chamada  
Escalibor, que o Rei Arthur brandia;  
A Espada do Condestavel lembra,  
Pelo armeiro de Santarem forjada,  
De tempera invencivel:

— Emquanto ella

Fôr brandida por mão leal, ah! nunca,  
A Patria nunca de outrem subjugada,  
Portugal sua independencia perde! —

Olha o Capitão-mór do mar sombrio  
O Doutor Martim d'Ocem, e contendo  
Um sorriso sarcastico, murmura:

«Não me temo de' uma invasão armada,  
Inda que pelo proprio rei pedida;  
Nem que abandone ao inimigo o povo!  
Mas Portugal só tem a arreçar-se  
Dos Tratados! d'essa ardilosa rêde!  
Doutores, Bachareis podem tudo hoje...

Ninguem comprehendera a ironia.

## VII

No entretanto o ár se purifica,  
Limpida a atmosphaera mais se acclara;  
Serenidade immensa pelo espaço!  
Era um gosto a viagem. Parecia  
Que a flux derrama o sol palhetas de oiro  
Pela amplidão oceanica; balançam  
A Frol da Rosa no seu ésto as vagas.  
Eis no horisonte esboça-se uma nuvem,  
Toma o aspecto de um Baixel! em breve  
Mais distincta, navega no sentido  
Da linha norte sul; já parecia  
Que vinha a aproximar-se! E' certamente  
Um Baixel? Ao olhar se representa  
Infunado o velame, audaz singrando...  
Que nação tem navio de tal grandeza?

— E' o *Baixel-Phantasma!* (O Mestre brada,  
Affrontando o terror da marinhagem.)

Quem ha que ignore essa medonha lenda?  
Errante anda nos mares o navio,  
Cujo piloto, solitario e mudo,  
Foi condemnado á maldição tremenda  
De poder atracar jámais á terra...

«Não terá fim tal fado?

— Dura, emquanto

Esse Piloto do *Baixel-Phantasma*  
Não encontrar um peito compassivo

De mulher, a quem dôa a negra sorte,  
Com desinteressada affeição pura,  
Com amor só piedade, e não desejo. —

«Mal de nós todos (exclamou o Mestre)  
Se o que vêmos n'esse horisonte, longe,  
E' o *Baixel-Phantasma!* andando sempre  
N'esta volta do mar, todo o navio  
Se acaso o encontra ficará perdido  
Irremissivelmente na tormenta!»

Nota o Capitão-mór do mar, com calma:

— Olhando bem, o nimbo se esvaece;  
Já de um baixel a fôrma não conserva!  
Que maravilha! Ia jurar que a Barca  
E' de San Brèndan...

«Mas que bom presagio!

— Desconhecidos mares sulca errante  
O santo Monge, das regiões do Norte  
A sós até ao Sul, contemplativo,  
Nas maravilhas do Creador absorto,  
Dôces psalmos resando ao som dos ventos,  
Das auroras boreaes á luz divina! —

Volve o Capitão-mór do mar:

— Ao menos

Não quererá San Brèndan que se perca  
Esta Náo Frol da Rosa. O escuro nimbo,  
Pelo que entendo, accusa no horisonte  
Signal de repentina tempestade!

Não ha tempo a perder para as manobras.



VIII

O mar se encrespa ; com aspecto plumbeo,  
 Pesado o ár, já se respira a custo ;  
 Desenfreado na enxarcia o vento silva.  
 Encastellam-se as alterosas vagas,  
 Cavando abysmos que de subito enchem !  
 Por grossas cordas de agua mais se torna  
 Horrida a escuridão que o dia obumbra,  
 Que o raio corta quando chispa e estala.

Falla o Capitão-mór do mar, sereno,  
 Homem experimentado n'estas fainas :

— Não era a *Barca de San Brèndan!* Menos  
 Esse *Baixel-Phantasma* pavoroso ;  
 E' signal a borrasca que se acalma  
 Proximo ás costas de Inglaterra estarmos! —

N'isto, como se alampada suspensa  
 Dos céos baixando viesse lentamente,  
 Como as linguas de fogo, que desceram  
 No Cenaculo, illuminando as frontes  
 Dos Apostolos, — sobre os altos mastros  
 Da Frol da Rosa poisam sobre os tópes  
 Duas ambulas de uma luz suave!  
 Com espanto bradou a marinhagem :

— E' Santelmo! é o fogo de Santelmo!  
 Salve, sacro prenuncio da bonança! —

Torna o Capitão-mór do mar :

— Bem disse ;

Podeis estar seguros, que a passagem  
Pelo Canal terrível de Inglaterra  
Hade ser venturosa. —

Martim d'Ocem,

Todo cheio de erudição antiga,  
Observando o phenomeno, explicava :

— Pagãos poetas contam que o Santelmo,  
Como lhe chamam hoje os mareantes,  
Eram os dois Irmãos Castor e Póllux,  
Que apparecendo dos baixéis nos tópes,  
As viagens tornavam favoraveis. —

Interrompe-o o Capitão, querendo  
Mostrar quanto conhece as maravilhas  
Que se contam do mar :

— Na voz do povo,

Dois Irmãos hão de um dia dirigir-nos  
A's maritimas, grandes descobertas,  
Se as empresas do Amor, que pelas Damas  
As vidas sacrificam, se mudarem  
Pelo ideal da ditosa Patria terra. —

## IX

O sentido das nitidas palavras  
Não foi n'aquelle instante comprehendido ;  
Que a attenção de todos quantos vagam  
Sobre o convés, ao mar, ao mar converge !

A' prôa do navio anda fluctuando  
Pequeno objecto, que nem todos vêem,  
Que uma curiosidade immensa excita!

Era um frasco arrojado ao mar, acaso,  
Com mão angustiada! Já se empenham  
Em apanhar o exiguo objecto estranho.  
Conseguiram; é certamente um frasco!  
Bem rolhado, não penetrado da agua.  
Abriram-no: um papel continha dentro,  
Com vacilantes letras mal traçadas  
Em lingua ingleza! Lêem com espanto:

«Deixou por mim a formosissima Anna  
    Familia, e com confiança  
Ambos buscamos pelo mar a França.  
    A tempestade insana,  
    Os ventos insoffridos,  
Nos levam para inevitavel morte!  
    Ninguem deplore a sorte  
Que ameaça aos já de tanto amor perdidos.»

Essas palavras commoventes enchem  
De assombro os Cavalleiros! Que aventura  
Bem singular esse papel revela!  
Não está assignado; quem penetra  
Da realidade o inesperado enigma?  
Mais a imaginação ardente exalta  
O caso, áquelles que ora em Inglaterra  
Vão sustentar do Amor galante Empreza,  
Quando a Europa se affunda em crassa idade  
De interesses burguezes, legaes, chatos.  
O que ha que exceda essa surpresa enorme  
Que a mente enleia a todos...

## X

— Terra! terra! —

Lá do cêsto da gávea, jubiloso

— Terra! — brada o gageiro, olhando ao longe.

«Terra!» cada qual clama alegremente

Por vêr que vae findar a travessia;

A' amurada se encostam prescrutando.

Falla o Piloto:

— E' terra! e conhecida;

Costas de Cornouailles avistamos.

Breve iremos surgir a salvamento

Na barra de Plymouth. E que distancia

Entre Plymouth e Londres não medeia!

São noventa e tres leguas, por estradas

Em que ha ladrões... O mar é mais seguro.

CANTO VIII

O VOTO DO MAGRIÇO





## I

EMQUANTO singra ufana, mar em fóra  
Veleira a Frol da Rosa a todo o panno,  
Do voto fervoroso, que fizera,  
Em cumprimento, a pé e só, por terra  
Parte Alvaro Gonçalves, o Magriço.  
Certo, o Rei lhe outorgou Salvo-conducto;  
Mas, quem na crise hodierna desconhece  
O perigo de estradas, mãos encontrados?

Quantos viam passar o peregrino  
N'um pensamento piedoso absorto  
De visitar o augusto Sanctuario  
Ao pé dos montes Guadalupe sito,  
De contemplar a milagrosa Virgem,  
Com commovente sympathia exoram  
Que os encomende á radiante imagem!  
A Virgem! de ineffavel suavidade,  
De um mundo novo era a ideal aurora,

Para os Sabios, como Raymundo Lullo,  
Para os Poetas, em hymnos exaltados,  
Para os Artistas em estatuas bellas,  
Da Humanidade o symbolo perfeito!  
Emquanto esta expressão de graça e magoa  
Enleva as almas simples, degladiam  
Sordidos mendicantes Franciscanos,  
Contra os Dominicanos prégadores,  
Intransigentes, furibundos, rubros,  
Do Immaculatismo impondo o Dogma!  
O sentimento religioso e puro  
Longe estava da Egreja; vivo brilha  
Na popular e ingenua singeleza.

## II

Pisa Magriço o territorio hispano;  
Na região de Cáceres entrava,  
Que fez parte da Lusitania, a antiga.  
A leste, á falda de alterosos montes  
De Guadalupe, alastra-se a cidade  
Que d'elles toma o nome; já se avista  
Rica Abbadia de Hieronymitas,  
Fundada para ser o Sanctuario  
Da perstigiosa e singular imagem  
Desde o tempo dos Mouros escondida,  
Por crédulos pastores descoberta!  
Ao entrar na cidade ao Cavalleiro,  
A multidão os passos lhe embaraça!  
Era a indomita, a curiosa turba,  
Que escutava um jogral. Magriço pára,  
Quer ouvir as corrandas, as rondenas,



Cantar, que vagamente lhe recorda  
 Cousas de Portugal: A Canção anda  
 Pelas côrtes de Hespanha repetida;  
 Compôl-a um poeta portuguez fidalgo,  
 João Lourenço da Cunha, por vingança  
 Contra o Rei Dom Fernando, quando a esposa  
 Leonor Telles lasciva lhe raptára.

## III

Sobre a intriga da côrte, largos annos  
 Tem passado; que voltas dá o mundo!  
 Lembra-se o povo do fidalgo ainda  
 Que trazia por timbre cónos de ouro;  
 Todos folgam de ouvir a Canção velha.

Ao som da sanfonina o Jegral canta;  
 Com malicia as estrophes accentúa:

*Ay, Donas! Por que tristura  
 Hay tomado por empreza  
 Cuernos d'oro en la cabeza  
 Juan Lorenzo d'Acuña?*

*Ay, Donas! La Flôr de altura  
 Hermosa Dona Eleonor,  
 Tomól-a el Rey su Señor  
 A Juan Lorenzo d'Acuña.*

*Tienen la misma hechura  
Ambas las coronas d'oro;  
Pues tienen equal desdoro,  
Ay, Donas! Por qué tristura?...*

A multidão rompera em estridentes  
Ondas de gargalhadas; percebia  
As ironias do Jogral, e ignora  
Que acceso é o odio entre as duas Côrtes!  
Imperturbavel, seu caminho segue  
O peregrino, e chega ao vasto alpendre,  
Galilé da Abbadia sumptuosa,  
Onde em tropel os férvidos devotos  
De remotas regiões aguardam mudos  
Que do Sanctuario as portas se franqueiem.

## IV

A multidão irrompe. Quando os passos  
Lá para o altar da Virgem dirigia  
Fervoroso Magriço, a prestar culto,  
Cumprindo o voto, que de longe o move,  
Profano pensamento a alma lhe assalta:  
Um tumulo soberbo e portentoso  
Vira á entrada da egreja, com letreiro  
Todo em ouro, dizendo:

SEPULTURA

DE DOM DINIZ...

E affirmando a vista

Lê: REI DE PORTUGAL. =

Que estranho caso!

Riu-se Magriço com desdem do embuste  
Que assim explora a Historia com mentira.  
Veiu o Rei Dom Diniz, quando criança,  
Em visita ao Avô Affonso, o Sabio,  
Para alcançar do feudo a Castella  
Libertação do portuguez Estado.  
E contemplando a sumptuosidade  
Do tumulo real, que tanto o intriga,  
Foi ajoelhar-se do altar-mór em frente,  
A face em terra, humilimo, constricto.

Feita a esmola, descerra-se a cortina  
Que velava da Virgem o semblante  
Que Magriço adorou, maravilhado  
Da belleza, que suavidade infunde  
Na mais vehemente dôr! Alli se lembra  
Da Divisa, que em sorte lhe coubera,  
Que em si encerra um mystico sentido:  
— *Plus est, belle qu'ymage!*

Não se cansa

De contemplar o rosto compassivo,  
Plena expressão de amor e de piedade;  
E meditando na coincidencia  
Da mysteriosa letra, o peregrino  
Em extasi ineffavel permanece;  
N'um rapido momento se affigura  
Que a Virgem com sorriso lhe fallava  
Na tacita linguagem sobrehumana,  
Vago segredo e melodia pura:

«De longe, a visitar o meu Sanctuario  
Vieste; eu quero em paga do teu culto  
E devoção ardente, que em tua alma

Leves a segurança e fé, que — *Nunca  
Portugal a Castella seja unido!*  
Debalde, sobre os campos de batalha,  
Quer pelos casamentos principescos,  
Juramentos de herdeiros desde o berço,  
Felonia do Clero ou da Nobreza,  
Debalde essa junção será tentada!  
Dois monarchas de Portugal e Hespanha  
Em epoca vindoura ao meu Sanctuario  
Em romagem apparatusa vindo,  
Para encobrir dynastico conluio . . .  
Improficua traição — *Portugal nunca  
Será unido ao Reino de Castella.»*

Magriço acorda do extasis ; successos  
Que se esboçam na tela do futuro  
Sobre as duas Corôas não penetra.  
E terminada a oração piedosa,  
Agradecendo á Virgem tel-o ouvido  
Ao ser eleito no serão de Cintra  
Um dos Doze, que vão ao Passo honroso  
De Inglaterra, contempla com assombro  
A riqueza de innumeradas offertas  
Que as paredes adornam do Sanctuario!

## V

N'isto, sae da penumbra um Cavalleiro  
De catadura austera, e até maligna,  
De um recanto onde estava ; ao seu encontro  
Vem n'um tom provocante, assim clamando :

— Peregrino! Que riso em vós suscita  
O tumulto real com que topastes  
Aqui á entrada d'este Sanctuario?

« Um embuste, que não erro de Historia!  
(Volveu Magriço, em lingua portugueza.)  
Nos Chronicões ainda os menos lidos,  
Sabem que a DOM DINIZ, REI, que a cultura  
De Portugal levou a grande extremo,  
Só portugueza terra os ossos cobrem.»

O Cavalleiro de sombrio aspecto  
Respondeu com rancor:

— Vindes de longe,  
De Portugal, talvez? Ah, não me admira  
Que ignoreis factos d'estes, importantes.  
Esse Rei Dom Diniz, que ahi jaz perto,  
E' meu irmão; como eu tambem foi filho  
Do Rei Dom Pedro, dito o Justiceiro,  
E da formosa e sempre lamentada  
Morta e Rainha Dona Inez de Castro,  
Que o mundo proclamou *Collo de garça!*  
Primogenito filho, Diniz era  
Lídimo herdeiro do glorioso throno  
De Portugal, roubado infamemente  
Pelo Mestre de Avis, bastardo, á sombra  
De uma revolução do povo ignaro.—

Depois de pausa suffocante, brama  
Em colera espumando, irrefreavel:

— São os bastardos sempre uns intrigantes.  
Sei que o Mestre de Avis para manter-se

N'um throno, que de herança me pertence,  
Morto El Rei Dom Diniz, vilmente busca  
Hoje a alliança de Inglaterra, a preço  
De abjecto feudo que a nação deslustra...  
Emquanto ando eu no exilio, na indigencia! —

Magriço ouvira com espanto o caso,  
Mas, resolute e bruscamente inquire :

« Ah, sois vós, Cavalleiro, ao que deprehendo,  
Aquelle Infante Dom João, que em tempo  
Assassinou a innocente esposa  
Dona Maria Telles ? em Subripas ?  
No seu paço, em Coimbra ! e só movido  
Pelo empenho de um outro casamento  
Que o approximaria mais do throno ! »

As palavras pausadas de Magriço,  
Como chuva de fogo cáem sobre  
O infamissimo Infante, ora indeciso  
Na expansão que hade dar ao vão despeito.  
Um duello de morte á mente occorre !  
Melhor, assassinar o peregrino  
Nos desertos caminhos que atravessa !  
N'este rancor, que a indecisão exalta,  
Mais o incita agora o vêr presente  
Um fidalgo da côrte do glorioso  
Mestre de Avis, que tanto, tanto odeia !  
O que fará ?

Fortuita circumstancia  
Vem dar remate á collisão violenta.

## VI

Um joven Cavalleiro, tez morena,  
De um olhar que a fascinação infiltra,  
Com expressão de seductora graça,  
Appareceu no limiar do templo!  
Quem era ?

*Dom João d'Eça!* assim chamado,  
Por ter da assassinada mãe nascido!  
Eça funerea lhe serviu de berço;  
Por aventuras loucas já nomeado  
O moço em mil amores desenvoltos,  
Pela vida de crápula, que leva!  
Um demonio da sensualidade!  
*Dom João!* este nome é já no mundo  
Symbolo da volupia irresistivel.

O pae, ao vê-lo, avança ao seu encontro,  
Tem n'elle o exclusivo pensamento;  
Sem levantar os doéstos de Magriço  
Sae do templo, entre dentes murmurando:

— Bem castigado estou com este filho,  
Para deshonra eterna do meu nome.—

E sahiram os dois do Sanctuario  
De Guadalupe, por impulso estranho  
De um desvario indomito levados.

## VII

Para memoria da Romagem santa,  
Obtem Magriço em troco de uma joia  
De gram valia, um lirio da Corôa  
Da Virgem, murcho embora, e resequido;  
Crê n'elle ter um talisman sagrado  
Que de incertos perigos o defenda !

Cumprido o voto, ao Cavalleiro occorre  
Que a Cidade do Porto é designada  
Por popular e pia antonomasia  
A Cidade da Virgem ! De lá partem  
Galeões e urcas com mercadorias  
Para Inglaterra ; para o Passo honroso  
D'alli seguir viagem promptamente  
Poderá. De mais, consta que no Porto  
Vive santa mulher *Emparedada*,  
Que nas orações suas tem virtude  
De propiciar a sorte.

Leva os passos  
A' Cidade da Virgem ; para o Porto  
Caminhava Magriço noite e dia.  
Mal transpoz uma ponte, ainda perto,  
Subverteu-se-lhe instantaneamente !  
Não o aterra o successo, attribuindo  
A salvação ao talisman do lirio  
Da Senhora de Guadalupe ; e segue  
Com mais coragem na veloz jornada,  
Por caminhos asperrimos, desertos.



## VIII

Torre altaneira ao longe que negreja.  
Irá pedir alli pousada? Marcha,  
Vae avançando, a aproximar-se; acaso  
Passava uma serrana, conduzindo  
Brancas ovelhas pelo atalho; inquire:

«Que Torre é essa além, no alto do monte?»

A serrana responde, e aponta a medo,  
Com o rifão que diz na voz do povo:

— *A Torre da Madorna;*  
*O que lá vae não torna.*—

Magriço considera:

« Ah, não tivesse  
Eu praso certo para estar em Londres!  
Embrenhava-me aqui n'esta aventura.  
Para a idade da Burguezia vamos,  
Que o bom senso á Cavalleria incute;  
Mas nunca faltará no mundo ensejo  
De arrojadas, intrepidas emprezas!  
Admiram-se hoje as Grandes Companhias.»

## IX

Proseguindo o caminho, um outro encontro,  
Um Cavalleiro de jovial semblante;  
Já vira em qualquer parte aquelle rosto!  
Aonde?

Reconhece-o:

Dom João d'Eça,  
Que em Guadalupe quasi a furto vira.  
Que fará por tal ermo o Cavalleiro?  
A caça das mulheres é que o agita;  
Aventuras de seducções o absorvem.

Fallou-lhe:

— Vou correr esta aventura  
Da Torre da Madorna, que imagino  
O Castello de Klingsor afamado  
Por Minnesingers da Allemanha, estancia  
Onde existe o prazer que se deseja,  
E o desejo que nunca mais se applaca.

« Mas, reparae, senhor! (Volve Magriço)  
Que aquelle que lá fôr, nunca mais torna!

— Por isso mesmo eu tento esta aventura.  
Sou como o Caçador feroz da lenda,  
Sigo no mundo uma outra caça; é bella  
Mais, quanto a morte inesperada a ameaça.  
Caço mulheres. Não me escapa uma!

Na Torre da Madorna, como contam  
Até da infima gente as aravías,  
Uma Dama ha, por nome de Gayarra,  
Que attrae os homens, a quem faz amantes,  
E do prazer no cúmulo os degola ;  
Quer a ejaculação do horrendo transe !  
Requinte de voluptia, que eu ignoro.  
Desde o atrio á setinosa alcôva,  
O palacio da insaciavel Dama  
Está cheio de ossadas alvacentas  
Dos homens, que em seu thalamo fruira.  
Não sou eu Dom João ? por isso quero  
Sentir essa emoção desconhecida ;  
Provar ahi o meu lethal perstigio. —

Dom João d'Eça separa-se em delirio  
Do peregrino em direcção á Torre !  
Para o mal o guardava o *Diabo-Venus* ;  
Que de lá tornou breve, todos sabem  
Pelas mil aventuras pelo mundo  
De amores de uma erotica nevrose.

## X

Sem inquirir das terras que atravessa,  
Na faina da jornada preocupado,  
Pelo curso do Douro dirigido  
Na Cidade do Porto entrou Magriço ;  
Cuida présto embarcar para Inglaterra.

Quer consultar primeiro a *Emparedada*.

N'uma gruta, na encosta das Virtudes,  
D'onde se alcança a barra, o mar immenso,  
Era grande o perstigio da creatura  
Em vida sepultada!

Que peccado,  
Ou que pesar a trouxe a tanto extremo  
De renuncia completa? Ninguem sabe.

Magriço foi uma oração pedir-lhe,  
Bem crente na efficacia; elle deseja  
Chegar a Londres no prescripto praso;  
E contando, que vem de Guadalupe,  
Dá-lhe o lirio da Virgem, que trouxera.  
A *Emparedada* beija o lirio secco,  
E tornando-lh'o a dar, Magriço vira  
Um rosto de mulher encantadora  
De inegalavel distincção, que a medo  
Se occulta na soturna e escura gruta.

A *Emparedada* ouviu contar-lhe a Empreza  
Que convocara á Côrte de Inglaterra  
Os Doze portuguezes Cavalleiros;  
Com intensa amargura ella exprobava:

— Para que servem essas aventuras  
De amor profano? Os nossos Cavalleiros  
Não sabem, não, em que gastar o heroismo.  
Sobre este territorio das Hespanhas,  
Os contrarios da Cruz vencidos quasi,  
Resta ir bater os mesmos inimigos  
No seu reducto natural, destruindo  
Na Africa adusta todas as mesquitas. —

Ficou Magriço mudo e pensativo  
 Com a vehemente suggestão; e vendo  
 Que um nevoeiro espêssô do mar vinha,  
 Cerrando tudo em volta, e a estreita barra,  
 Pergunta á *Emparedada*:

« Se do Porto

Conviria partir para Inglaterra  
 No primeiro navio?... »

Ella responde:

— Pelo poder da Oração te digo,  
 Quatro a seis dias o nevoeiro dura,  
 Nenhum navio a barra sâe; perdido  
 Será todo esse tempo. O mais seguro  
 E' o Caminho de San Thiago; parte,  
 A Compostella chega, e em penitencia;  
 De lá terás todo o caminho franco.  
 Mas, recordo-te o popular ditado:

*Se vaes a San Thiago  
 Não te esqueça Padrão,  
 Para alcançar o pago  
 Da peregrinação.*

Ahi, n'essas campinas viridentes  
 Entre o Sar e o Ulla, existe a penha  
 Sobre a qual o Apostolo prégava,  
 Quando se viu rodeado, repentino,  
 Pelos soldados do pagão Philetro.  
 A penha abriu-se o Apostolo escondendo;  
 Junto d'ella é a bocca da Caverna,  
 O consagrado azylo, aonde se desce  
 Em vigilia de expiação constricta.  
 Ou na vida ou na morte todo o homem  
 Tem de entrar na Caverna mysteriosa!—

## XI

Assombrado por tudo quanto ouvira,  
 Para a Galliza o peregrino segue,  
 Entre ranchos alegres, que á romagem  
 De San Thiago, em canticos, caminham.  
 Um d'entre elles abeira-se a Magriço,  
 Atalho indica, que a jornada encurta;  
 Mettem-se ambos por elle, é noite escura,  
 Vão dar a Salamanca, celebrada  
 Pela Universidade sapiente,  
 Mais ainda pelas medonhas *Covas*  
 Onde os Pactos diabolicos se assignam  
 Com o sangue do braço.

Em horas mortas,  
 A tuna turbulenta de Escolares  
 De intrepidos Sopistas, passa rindo.  
 Fingindo os cathedrauticos entonos  
 Da lição ostentosa e pedantesca,  
 Canonista fanhoso, em tom de mofa,  
 Com gravidade doutoral recita,  
 Como Apostilla ao Mandamento nono:

Um Franciscano, grosso e corpulento,  
 Prégando sobre o nono Mandamento,  
 Atacava o peccado  
 Horrendo do Adulterio!  
 Diante do auditorio embasbacado,  
 Pespega um casuistico argumento  
 Em tom convicto e sério:

— Irmãos meus! (alto brada;  
 E erguendo mais a voz de cada vez,  
 Com unção vocifera):  
 — Antes peccar quizera  
 Com dez, vinte donzellas cada mez,  
 Seria a expiação menos severa,  
 Fôra-me a culpa menos carregada,  
 E faria á minha alma menos damnos,  
 Do que uma só vez ter, dentro em dez annos,  
 Trato illicito com mulher casada! —

Entre a tuna imperterrita retumbam,  
 Quaes dos Deuses homericos no Olympo,  
 Gargalhadas, que a visinhança alarmam.  
 Era o gosto do tempo; estava em moda  
 O *Evangelho da roca*, e as leituras  
 Saborosas dos Contos de Boccacio,  
 Penetravam nos claustros mais soturnos  
 Como o remedio da aborrida accidia.  
 O mundo ecclesiastico dá thema  
 A vivos quadros de caricatura.  
 Outro escholar declama em tom faceto:

«Tem o rotundo Abbade uma ama ou Agapeta;  
 Como os Anjos com Deus, vivem; nada os inquieta.

Divergem, quando muito, em peccados de gula;  
 E se a Ama resinga, o Abbade gesticula!

Por que é que a paz do lar por tão pouco se perde,  
 Se ambos conformes são, quanto ao maduro e verde?

Sempre o obeso Abbade achar quer á modorra  
 Repleto o cangirão, que na sêde o socorra;

E do outro lado a Ama o somno nunca vinga  
Emquanto se lembrar que o cangirão tem pinga.»

N'um côro das estridulas risadas  
Da Estudantina desvairada e louca,  
O Companheiro de Magriço aventa  
Que ao rancho se misturem ; d'esta feita  
Têm nas *Covas de Salamanca* accesso,  
Onde verão com trémula surpresa  
Cerimonias que a horas taes celebram :  
Como é que alli o homem *perde a sombra*,  
E torna á vida o *Escholar das Nuvens*,  
Como se espalha a tempestade e a peste !

Magriço, horrorisado, se recusa  
Ás propostas do estranho companheiro,  
Que insistia :

— Não perdes o teu tempo.  
Transporto-te pelo ár aonde queiras ! —

Magriço encara o audaz desconhecido,  
Procurando nos pés ou sobre a fronte  
Do Anjo decahido os signaes certos  
Por Demonologistas bem descriptos.

— Não me attendes ? (prosegue com voz cava.)  
Eu me atravessarei, com embaraços,  
Que n'esse dia do Torneo de Londres  
Só faltes tu... por covardia o tomem ! —

Do seio seu tirou Magriço o lirio  
Da Corôa da Virgem, beija-o crente ;  
Desapparece a incognita figura,  
Como um sapo, que pelo chão se esgueira  
Por entre as urzes e revoltas fragas.



## XII

Desaffrontadamente proseguindo  
 Na jornada, eis diante de seus passos  
 Novo prodigio se lhe ostenta :

Um lago

Esverdeado e extenso, de aguas mortas ;  
 Vem de lá som de vozes rumorosas,  
 Como de gente em feira os alaridos !  
 Magriço escuta o ruido de taes vozes,  
 Uma ou outra palavra quasi alcança,  
 Mas nada entende ! Horrenda maravilha !  
 Seguindo triste, e crendo aquillo um sonho,  
 Não longe um Ermitão encontra ; indaga  
 Do lago esse phenomeno espantoso !  
 O Ermitão responde :

— N'esse lago,

Que está situado em terras de Galliza,  
 Foi a *Cidade de Lucena* outr'ora ;  
 Por castigo do céu ficou um charco.  
 Nossa Senhora andava pelo mundo  
 Em trajos de Mendiga, e em seu nome  
 Esmolando, melhor reconhecia  
 Quem devoção lhe tinha ! Pela porta  
 De um ferreiro passou, e esmola pede ;  
 Vendo a pobre mulher, brutal a empurra  
 Com doestos, imprecações malvadas.  
 Então n'um charco se afundou Lucena,  
 Ficando apenas por memoria o ruido  
 Das vozes de toda essa infanda gente! —

## XIII

Caminha. Um outro grupo de romeiros,  
Que alternavam piedosas cantilenas,  
No espirito de unção e de aventura  
Com Magriço entra alegre em Compostella.  
Em Compostella! Esplendorosas festas  
Consagram-se ao Patrono das Hespanhas,  
O Apostolo San Thiago! Nas batalhas  
Feridas contra abjectos Sarracenos,  
Entre as refregas, mysteriosamente  
Sobre um cavallo branco apparecia!

Os Cavalleiros Espatharios vinham  
Consagrar a memoria dos milagres  
Do santo heroismo, que se perpetúa  
Nas egrejas de Hespanha por offertas,  
Feudo que pagam todas as cidades,  
Denominado os *Votos de San Thiago!*  
Da Cathedral em frente, os Cavalleiros  
N'um guerreiro bafordo, simulavam  
O Tributo das Cem Donzellas, pago  
Pelo rei Mauregato a Abderrahman;  
E o rapto audacioso, que impoz firme  
Remissão do infamissimo tributo.

Magriço observa do bafordo o quadro.  
Um Alferes da Espatharia Ordem  
Vendo a avidez com que contempla, explica:

— Foi no Campo de Las Figueras, longe  
Uma legua da aldeia de Betanzos,  
A duas leguas da Corunha, junto  
Do rio Sarandones, que a Façanha  
Heroica se passou! N'aquelle sitio,  
A que *Peito Bordelo* dão o nome,  
Annualmente o Khalifa alli mandava  
A' cobrança do insólito tributo  
Para o harem de Cordova; reunidas  
Cinco Donzellas eram já, chorosas,  
Para essa ignobil paga; duas d'ellas  
De nome Dona Sancha e Memoranda,  
Do Alcaide de Lugo, Fernão Pérez  
E de Dona Maria Soares Ulloa  
Eram filhas, ternissimas e bellas.  
N'aquelle instante angustiado, os Mouros  
Tratavam de leval-as; de repente  
Cinco irmãos ao encontro d'ellas sáem;  
Com mangoaes esgalhados das figueiras  
Que alli vegetam, desancaram rudos  
Os Mouros, e as Donzellas libertando,  
A chamma ateiam da feliz revolta!  
Isto mesmo vereis representado  
No Escudo do Solar dos Figueirôas;  
Lê-se em Nobiliarios largamente...

Entre-rindo, Magriço lhe devolve:

« Tambem em Portugal muitas cidades  
Estes *Votos de San Thiago* pagam;  
Andam na voz do povo eguaes proêzas  
Praticadas por Goesto Ansures! contam  
Que libertou sósinho seis Donzellas,  
Onde ia aquella, que elle tanto amava.

N'estas questões de amor e de heroismo,  
Portugal não encontra quem arroje  
Mais longe a barra.»

O Alferes de San Thiago,  
Maravilhado por ouvir a lenda  
De Goesto Ansuers e das seis Donzellas,  
Volve então :

— Peregrino ! Sois por certo  
Um Cavalleiro portuguez ? Bem vindo. —

Falla Magriço da estremada Empreza  
Que anda a cumprir ; d'alli se passa a França,  
E transposto o Canal para Inglaterra,  
Ver-se-ha no praso do Torneo de Londres.  
Do Alferes de San Thiago, descendente  
Dos Barões do Solar dos Figueirôas,  
Não acceta a hospedagem.

Com empenho  
De descer á Caverna de San Thiago  
N'esta vida, de preferencia á outra,  
Faz confissão geral ; e lá n'esse antro  
Na prova expurgatoria dos peccados  
Em nocturna vigilia passar cuida !  
Para Padrão constricto se despede.

#### XIV

A Caverna do Apostolo é situada  
Na vertente de um monte sobranceiro  
Ao valle, aonde está penhasco bronco  
Que defende a entrada. O povo conta

Que se abrigava o Apostolo n'esse antro,  
Quando ao prégar o Evangelho, brutos  
Os refeces pagãos o apedrejavam !  
A Caverna é amplissima e profunda ;  
Só pode entrar-se por garganta estreita,  
Em meandros, que as carnes dilaceram.  
N'aquella escuridão que aterra e gela,  
Vapores entorpecem os sentidos,  
E os penitentes que lá velam, sentem  
Pezadellos terrificos, que egualam  
Paroxismos de morte, atroz angustia !

O que alli na Caverna de San Thiago  
Sentiu Magriço, elle a ninguem contara ;  
De lá saíu contente ; a visão bella  
Do destino da Patria, nobre e grande,  
Teve excepcionalmente, e da nova éra,  
Quando o *Mar Tenebroso* devassando  
Continuará no Mundo o *Quinto Imperio* !

Quando este quadro á mente se affigura,  
O Diabo com risadas repugnantes  
Segreda-lhe ao ouvido :

— E' isso tudo

Vento e fumo de imaginação louca !  
Núa e crúa a verdade te apresento :  
A Portugal de tão gloriosos feitos  
Nada aproveita a ôca, esteril fama ;  
Outra Nação mais habil se apodera  
Das vastas Descobertas e Conquistas,  
E a Portugal fará seu feudatario !  
Oh, não vás a Inglaterra, Cavalleiro ;  
Abandona as galantes aventuras ;

São caricatas n'este nosso tempo!  
Vende a bravura ás Brancas Companhias,  
Faze-te espadachim, ou mercenario;  
Quem brande a espada tem rendoso emprego,  
Põe-se ao serviço do que melhor paga,  
Pois honra sem proveito, burla estulta  
Com que se fraudam animos sinceros. —

## XV

Surgindo da Caverna de San Thiago  
Viu-se Magriço da obsessão liberto;  
E informado das cousas da partida,  
Ao Caminho francez se mette, á estrada  
Que vem de toda a Europa a Compostella.

Infestam de continuo os salteadores  
O caminho; mas não importa. Cumprem  
Conegos de San João Evangelista  
O voto de na estrada defenderem  
Todos os peregrinos; elles guiaram  
A' fronteira de França o Cavalleiro  
Que encontraram cahido, e manietado,  
Nu sobre a estrada! Conheceram logo  
Que era um portuguez e peregrino,  
Que vae ao Passo honroso de Inglaterra.  
Deram-lhe roupa, e ricos atavios  
Proprios da gerarchia a que pertence.

## XVI

Passado o transe duro, emfim Magriço  
Entra em França.

Paris estava em festa,  
A maior festa que ha no mundo inteiro.  
A' Cidade, de toda a parte vindos,  
A' Feira enorme de *Lendit* accodem  
De todas as nações os mercadores !

A Abbadia de San Diniz celebra  
Em cada anno o *Indictum*, em que ao povo  
No mez de Julho, expõe, em quatro dias  
De onze a quatorze as divinaes Reliquias  
Da Corôa de Espinhos, e os Cravos  
Com que o Salvador foi em Cruz pregado.  
Não é só o commercio, que congrega  
Tanta gente em Paris; sempre a piedade  
Mantém sincera crença com que affirma:  
Quem contempla esse Espinho, perde á morte  
O terror, que acompanha a hora extrema.  
Da bemaventurança attinge o goso!  
Ao enorme concurso, vem cantores,  
Instrumentistas, volantins, que agradam  
A' multidão que applaude e paga á farta.  
Alli se escutam Menestreis e Bardos  
Da Bretanha e da Escossia recém-vindos,  
Trovador occitanico, seguido  
Por Jograes, Minnesingers da Allemanha,  
Com os Scaldos da Scandinavia;  
Os Segreis e Singlerehrs da Suabia,  
Troveiro franko e hispano Romancista,  
Muito Improvisador italiano.

Como na Grecia outr'ora as Pan-Hellenias,  
 Elementos poeticos da Europa  
 No sentimento as almas unificam.  
 Função social, missão suprema da Arte!

Em certâmes exaltam os cantores  
 Ora a Roland, o heroe de Roncesvalles,  
 A Arthur com os da Tavola-Redonda,  
 O Santo Graal, e os Reaes de França,  
 Sigurd, o Cid, Antar e Carlos Magno;  
 Todo o Cyclo de Troya é memorado!

## XVII

Magriço escuta os Cantos religiosos,  
 Que a Abbadia de San Diniz premeia:  
 Ouvem-se ahi Lollards, a recitarem  
 De um Evangelho apocrypho os versetes:

### I

#### CALIX ISTE

N'esse momento extremo  
 Em que ia ter inicio  
 De Christo o sacrificio  
 Supremo;  
 Como antevendo o mal  
 Nos seus juizos sabios,  
 Ao Pae universal



Submisso, humilde pede,  
Que dos sedentos labios  
O Calix da Amargura  
Lhe arrede:

— Negra visão futura!  
Agora no momento  
Do Sacrificio extremo,  
Eu tremo  
Ante este pensamento:  
Vou morrer na intenção  
Mais pura  
De ás almas dar união  
Na terra;  
Mas a Religião  
Converte isto em loucura,  
Accende uma outra guerra!  
Raças irmãs separa,  
A ruina prepara  
Do Imperio romano;  
Pelo mystico engano  
Da Grecia então se apaga  
A luz;  
E lavra  
Com a minha Palavra  
A Loucura da Cruz,  
Que os animos embriaga.  
N'um combate fremente,  
Conflagra  
O Occidente e o Oriente.  
Horrendo pezadello!  
O assombro d'estes males  
Como não heide tel-o?  
Eis da Amargura o Calix! —

Antevendo a impotencia  
Da religiosa fórma  
    Ser norma  
Da humana consciencia,  
De si afastou Christo  
O Calix! Não quiz isto:

## II

## O OSCULO DA TRAIÇÃO

Quando ao Hôrto Judas chega,  
Beija a face de Jesus,  
Com esse signal o entrega  
A cohorte que conduz.  
Eis sobre a face sem luz  
Ficou impressa uma préga,  
Incomprehensivel, fria  
Como expressão de ironia!

Quem tal mysterio explicasse!

Foi esse rictus da face  
Que a doçura ideal lhe vela,  
O que sinistro revela  
Ao poder de Constantino,  
A Gregorio e a Loyola,  
Ao Torquemada ferino,  
Que a Lei de augusta verdade  
Não quer doutrinas de Eschola,  
Mas perfidia e auctoridade  
De um terror, que fixe eterno  
Nas almas o seu governo.

A face que Judas beija  
Foi a que adorou a Igreja,  
E a que sanguinarios monges  
Preferiram para o culto,  
Fazendo da sombra uns longes  
De Mysterio ou Dogma-occulto!  
E' d'esse rictus medonho  
Que deriva o immoral sonho  
De quantos levam a vida  
Apáthica, consumida  
    No ascetismo  
Do beatifico egotismo.

## III

## LENDA DA ANDORINHA

Quando Jesus,  
Palido, exânime,  
Ensanguentado  
Pende da Cruz,  
A turba unanime  
Ergueu um brado,  
Que reproduz  
Immenso espanto,  
O terror santo,  
Do Sacrificio!

E pelo ár viu-se  
Que a ádejar vinha  
Uma andorinha  
Como sentida  
Do atroz flagicio,  
De um soffrer tanto  
Que excede o pranto.

E condoida,  
Trémula vôa  
Com ancia e pressa  
Junto á Crôa  
Que na cabeça  
Do Redemptor  
Mil picos crava!  
Com que carinho,  
Com que amor,  
Subtil lhe arranca  
Espinho a espinho  
A ave branca!  
A' gente ignava,  
Antes escrava  
Do odio cego,  
A avesinha  
Do puro affecto  
Que em si continha,  
Que exemplo dava  
N'aquelle emprego  
Ao bando abjecto!

\*

Jesus, abrindo  
Magoados olhos,  
Vendo como a ave  
Mansa e suave  
Ia extrahindo  
D'entre a Corôa  
Os crús abrolhos,  
Mudo a abençoã.

Com que bondade  
Em graça a banha,  
Ante a impiedade  
E a bruta sanha  
Da multidão!

\*

Ah, desde então  
Não ha pessoa  
Que á andorinha  
Que se avisinha,  
Não tenha amor,  
Uma affeição!  
Bem longe, ausente  
O inverno passa ;  
Chega o calor,  
Nova estação ;  
De valle em val,  
Eil-a, annualmente,  
Leda esvoaça,  
Volta ao casal  
Que ha muito a espera ;  
Na redondeza  
Doida volita,  
Da longa viagem  
Dando a mensagem  
Da Primavera,  
Da *Natureza*  
*Que resuscita.*

## XVIII

O que mais encantara o Peregrino,  
E de sua alma crente se apodera,  
Foi a Lenda piedosa, que narrava  
Pobre Lollard errante, que alli chega.  
Magriço escuta compungido a Lenda  
Do *Barizel*, que em expressão ingenua  
O poder de uma Lagrima revela :

## BARIZEL

Da Lagrima santa  
A Lenda que encanta,  
Já ponto por ponto  
Aqui vol-a conto :

## I

Fero e destemido, audaz, iracundo,  
O Barão feudal vae por esse mundo ;

De Deus, mesmo, ou do Rei  
Quebra a ordem, a lei.

Tal se o mundo fosse crua e vasta liça,  
Confiado na espada, faz por si justiça.

Com senhorial desdem,  
Confunde o mal e o bem.

Anda commettendo taes atrocidades !  
Lança o fogo a um Cenobio de frades.

Violou moças solteiras,  
E conventos de freiras.

Até uma romeira, uma nobre donzella,  
Na estrada atacou, vinda de Compostella.

A um padre a dizer missa  
Tambem seus cães atiça.

Na caça estraga com phrenesins brutos  
Aos trabalhadores, prados, hortas, fructos.

Do Barão tanto crime  
Narral-os a alma opprime!

## II

Sem ter contra quem mais fazer maldades,  
O Barão fugiu por fim das cidades.

Junto do Eremiterio  
Passou, sombrio, aério.

A' bocca da gruta viu o Anachoreta;  
Seu sinistro aspecto não o inquieta.

Lembrou-se tortural-o;  
E arroja-lhe o cavallo.

— Queres ouvir, monge, minha confissão? —  
Abre o monge os braços: « Vinde aqui, irmão.»

Redobrou de sarcasmo,  
Vendo do monge o pasmo.

O Barão refere prompto os crimes todos ;  
Que infernal orgulho mostra nos seus modos !

Piedoso o monge escuta,  
E a alma se lhe enluta.

O Barão pergunta, vendo terminada  
Sua confissão, e com a mão na espada :

— Se a morrer te resolves,  
Por certo não me absolves ? —

Logo interrompendo breve Padre-nosso,  
Disse o Anachoreta: « Dar-te o perdão posso ...

Terás do céu a graça,  
Se encheres esta taça.»

### III

O Barão do monge riu-se, escarnecendo,  
Pois que alli bem perto agua vê correndo.

Trépa da rocha ao topo,  
Para ir encher o copo.

Agua a jorros mana, é tanta a abundancia !  
Não se enchia o cópo ; sente uma atroz ancia.

No valle corre um rio ;  
Já para lá seguiu.

A' caudal corrente chega ; é gigantesca,  
Mas não se enche a taça com essa agua fresca !

Ao longe o mar rebrama ;  
Corre á voz que o chama :



Busca encher o côpo no mar que além via ;  
Toda a agua do mar nem sequer o enchia.

N'aquella obstinação,  
Cahiu em si, então.

Tendo a consciencia intima do mal,  
A alma lhe illumina um fulgor moral.

Correndo sobre abrolhos,  
Lagrimas vêm-lhe aos olhos.

Uma só, na taça, casual cahira ;  
De uma vez a enche, trasbordou ! Suspira.

Contricto vem de longe  
Trazer a taça ao monge.

Compungido o velho, sereno o abraça :  
« Lagrimas dão sempre celestial graça ! »

## XIX

Espectaculo extraordinario e novo :  
Era o dia do levantar da Feira !

Paris aguarda o epilogo da Festa,  
É do *Lendit* o quadro surprehendente.  
Uma hallucinação contagiosa  
Os mais sérios espiritos invade,  
Vertigem da Farândula, da Trisca,  
Uma dansa de cascavel infinda,  
Formada por milhares de Estudantes.

Bandos negros, sem numero, enchamêam  
Nos Geraes da Garlandia, nome grato  
Da Universidade parisiense !  
Os Escholares em Nações se agrupam,  
França, Inglaterra e Normandia á frente,  
Apoz é a Nação italiana ;  
A terceira a Teutonica ; e a quarta  
Provença, Hespanha e Catalunha a fórmam,  
Os Decretistas e os Codecistas,  
Os das Escholas baixas, que vozêam  
As Summulas e as Regras de Donato,  
Aguardam o momento, em que a cadêa  
Gigantesca a cidade inteira cerque.  
A hora sôa ! a alegre gente irrompe,  
N'esse exodo febril chamado a Trisca,  
De mãos dadas, cadeia ininterrupta,  
Desfilando n'uma carreira doida !  
Na cabeça do Cascavel avançam  
Os *Dupondios*, Novatos atrevidos,  
Bacchantes, Caçadores alcunhados ;  
Interminos anneis desenrolando  
Vão *Edictales* e *Papinianistas*,  
E os *Lytæ*, a que chamam Pés-de-banco,  
Os *Prolytæ*, ou graves quintanistas,  
E atraz, fechando a cauda, o Cancellario  
Da estudantesca federação chefe !

E emquanto a Trisca, a desvairada dança  
Alarga-se sem fim pela cidade,  
Como onda, ou indomita enxurrada,  
N'um tropel arrastando quanto encontra,  
Que impressões ficam para toda a vida !  
Refugio de suavissima lembrança.

## IN GARLANDIA

N'um diluvio de anhelos incessante,  
Olhos fitos no azul da immensidade,  
Sobre o mar da illusão — a Mocidade,  
Na Arca fluctuante ;

Ella vae á procura  
Dos horisontes de um paiz ideal,  
Em um convivio alegre, fraternal,  
Sem conhecer da vida a amargura !

Da Arca alguns virão fóra,  
Mas descorçoados da realidade,  
Regressarão a ella sem demora,  
Da apathica tristeza na anciedade.

Outros, irão de vez ;  
Não mais voltam á Arca ; e como o abutre  
De corpos mortos se repasta e nutre,  
Fazem o mesmo que o abutre fez :

Vagando n'esta róta,  
Lisongêa-os mais galerno vento,  
Os mimos que o Poder corrupto bota,  
Com que amordaça o não vulgar talento ;

Da ingenua consciencia  
Dissolve a energia, a dignidade,  
O ascendente moral, essa potencia  
Que destitue a iniqua Auctoridade !

Ficarão algemados  
Ao serviço de Symbolos já mortos ;  
Nos europeis da honraria absortos,  
Rindo dos puros ideaes sonhados.

Na evolução das cousas,  
Borboletas argenteas, deslumbrantes,  
Convertem-se em lagartas ascorósas,  
Em putridos fermentos repugnantes !

## XX

Fôra grande o certâme d'aquelle anno.  
A Feira de *Lendit* não tem no mundo  
Cousa a que se equipare. E quando immerso  
Em tanta admiração Magriço andava,  
Apprehensão de espirito o assalta :

« Em Inglaterra os Onze Companheiros  
Deverão estar já! Se lá me esperam ?  
Se o Torneio se faz antes que eu chegue !  
Quanta vergonha cobrirá meu nome!... »

Dormir não lhe é possível; não descança,  
Tumultuando os negros pensamentos.

Ao contemplar extactico as reliquias,  
O Santo Espinho, entre a multidão, ouve  
Magriço um rumor vago, que dizia :

= E' de Paris, que hade saír um dia  
Um Cavalleiro audaz, que desprezando  
As futeis praxes da Galanteria,  
Da Santa Obediencia sob o mando  
Estabelecerá nova milicia  
Que vise ao bem até pela malicia. =

Presta Magriço ouvido ao rumor vago,  
Que assombrado escutou, e mal percebe,  
Sem saber d'onde vinha, nem que labios  
Revelação estranha proferiam :

= Só depois de ferido e estropeado  
Esse galante Cavalleiro apôsto,  
Achando-se ridiculo, o desgosto  
O faz fugir da Côrte desolado ;  
Ante a Virgem, n'um extasi ineffavel  
Presentiu a missão incomparavel. =

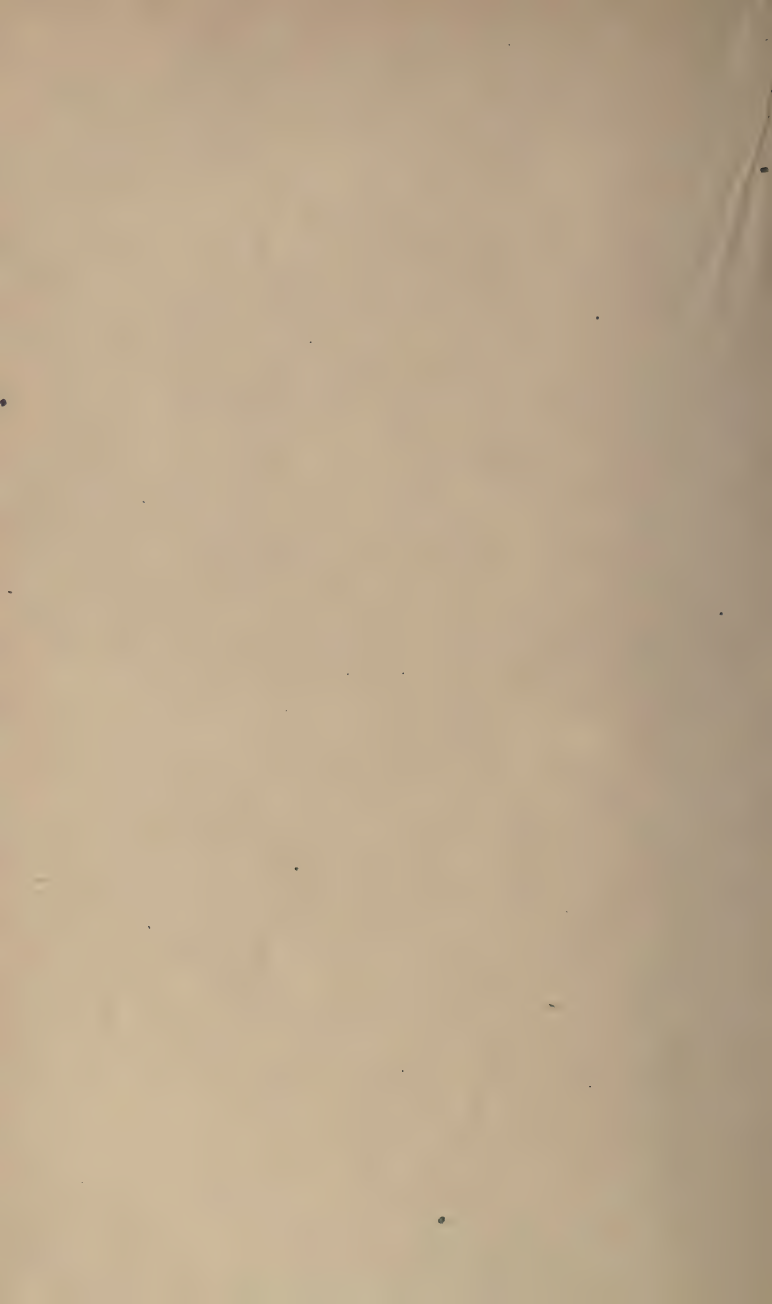
Magriço meditava ; não se atreve  
D'esse vago rumor o objectivo  
A encarnar em si. De longe, ás vezes,  
Os vindouros successos mal se esboçam ;  
Quem comprehende de um seculo as tendencias !  
Cheio de enthusiasmo e de esperança,  
Ao embarcar para Inglaterra pensa :

« N'esse Torneio esplendido de Londres  
Se eu cahisse ferido ! Era o triumpho . . . »



CANTO IX

NA CÔRTE INGLEZA







## I

NA barra de Plymouth a Frol da Rosa  
Tinha surgido a salvamento, içado  
No mastro real o pavilhão das Quinas ;  
Saúda a terra com estrondo e alardo !  
Bergantins e bateis a não rodeiam,  
Com acenos festivos cumprimentam.

Os Onze Cavalleiros portuguezes  
Galhardamente são acompanhados  
Por quinhentos inglezes Cavalleiros,  
Que a guarda de honra formam deslumbrante  
De Ricardo Segundo, o mais faustoso  
Dos monarchas da Europa. Dos perigos,  
Dos ladrões ardilosos e atrevidos,  
Que as estradas da Gran-Bretanha infestam,  
Vêm resguardar os bravos Paladinos  
Em defeza das Damas convocados.

Fazia gosto vêr a comitiva  
Garbosa, ardente, junto á qual seguiam  
Os dois Embaixadores, que enviava  
O bom Mestre de Avis, a quem poderes

Secretísimos dera... Que entusiasmo!  
Que saborosos ditos vão trocando;  
São como irmãos perante a Ordem santa.  
Notam que os Cavalleiros portuguezes  
Se ataviam com novas armaduras  
Da recente estrategia, realçando  
Nos animos o sentimento puro  
Da confraternidade heroica e bella!

Fez Grantham uma appresentação franca  
Dos Onze Cavalleiros, que se abraçam;  
E do rei de Inglaterra á audiencia os leva.

## II

As noventa e tres leguas são passadas;  
Não as sentira a Cavalgada alegre.  
Pelas ruas de Londres com ruido  
Corre em um festival apparatuso;  
Agglomera-se o povo, contemplando  
A parada brilhante, que saúda  
Com acclamações doidas, delirantes,  
A nota viva, que só tem o povo!

Os dois Embaixadores, não querendo  
Dar nas vistas do vulgo, se destacam  
Do sequito donoso que desfila;  
E pela rua de Gracechurch foram  
No hotel do Falcão, sempre afamado,  
Hospedar-se. Ahi esperam com descanso  
Que Ricardo Segundo marque o dia  
Reservado á politica audiencia.

## III

Ao saber a noticia da chegada  
Dos Cavalleiros portuguezes, logo  
Ao seu encontro o Duque de Lencastre  
Com todo o esmero e estado de grandeza  
Caminhara! Que saudações de affecto!  
Condul-os ao Palacio de Saboya,  
Onde os hospéda principescamente!

## IV

Tambem o favorito do monarcha,  
Robert de Vere, já Duque de Irlanda,  
Tratou de congregar em seu palacio  
Os Doze Cavalleiros, que os aggravos  
Contra as Damas inglezas manter juram!  
Eram moços de gentileza extremos,  
De opulentas familias, mas nem todos  
Tem por bellicos feitos illustrado  
Os nomes seus, por modo que a memoria  
Na memoria dos outros sobreviva.  
O que mais d'entre todos se salienta  
Pela provocadora petulancia,  
Pelo arrojo, era *Austin*, cuja divisa  
Reflectia um character plenamente,  
No simples mote: *Refuser d'avance*;  
Mote proposital para o Torneio,  
Applaudido e a sabor interpretado.

*Athelard* é quem conta mais idade,  
 Mas os trinta annos nem sequer attinge;  
 Ninguem como elle altivo corcel doma,  
 Ou faz saltar da mão rival a espada.  
 O mote — *Générosité effraie*,  
 Traduz o seu character duro e frio.  
 Nos perigos o segue um companheiro  
*Blundell*, inseparavel, destemido;  
*Toz jors sans repantir!* eis a divisa  
 Que bem define esta alma turbulenta.

*Lovedey*, apesar da herculea força,  
 Não é por isso menos requebrado  
 Em amores, mas sem ideal; confessa-o  
 A divisa — *D'amors joïr*, que escolhe.  
 Ou em Torneios, mesmo nos banquetes,  
 Dos outros Cavalleiros hão de os nomes  
 Distante resoar: a espada ou o garfo,  
 Revelarão ao mundo egual pujança  
 Em *Argenton*, *Clarency*, *Corleville*,  
*Otenel*, *Turneville* e *Reginald*,  
*Morley*, *Glaston*, que o troço audaz completam.

## V

Hoje as Damas inglezas alarmadas  
 Estão por vêrem quem por amor puro  
 Vem defendel-as através dos mares,  
 Como Lohengrin, o ideal Templista,  
 Guiado pelo Cysne, em barca argentea,  
 Pela honra ultrajada a verter sangue!

Sobre o balcão dos paços de Saboya  
 Katterina Rouet, a amante bella  
 Que o Duque de Lencastre fez esposa  
 Já em terceiras nupcias, acompanha  
 As Damas aggravadas; donairoza  
 Vae fazendo notar a galhardia,  
 O ár marcial dos Onze Cavalleiros,  
 E esse olhar que enlouquece, que subjuga.

— Mas, Onze Cavalleiros, só? (Notara  
 Uma das Damas, que a mirar insiste.)  
 «Contámos mal, por certo serão Doze!  
 (Dizem as Damas umas para as outras.)  
 Tem algum por acaso adoecido?...  
 Ou morrido no mar?»

Conjecturando:

— Qual de nós ficará sem Cavalleiro?  
 Sem um heroico braço que a defenda? —  
 Logo Ethwalda quedou-se pensativa.

Adhelm e Egberte ficam assustadas;  
 Confessaram Oswalda e Jorceline  
 Terem contado bem os Cavalleiros,  
 Onze e não mais... e pávidas insistem!  
 Luce, Florence e Egwin mostram  
 Ao casual accidente indifferença,  
 Que a Gotslina, a Gerlanda e Ailmer suggere  
 A lembrança de ir inquirir do caso  
 Ao generoso Duque de Lencastre.  
 Approvado o alvitre, parte adiante  
 Tatwine; a curiosidade incita  
 Mais que o susto. Conhece Johan de Gaunt  
 O coração femineo fundamente,

Por acenos da bella Katterina,  
Ou por impulso proprio, vem o Duque  
Conferenciar solicito co'as Damas,  
Sustos que as apavoram attenúa :

— Um dos Doze estremados Cavalleiros  
Voto solemne fez de vir por terra,  
Em romagem por Guadalupe. A escolha  
Do nome seu para esta empreza julga  
Devel-a á Virgem ; cumpre o sacro Voto. —

Entre-rindo-se as Damas maliciosas,  
Segredavam com suaves ironias :

« Oh ! deve ser um coração ingenuo ! »

Uma outra conjectura com empenho :

« Qual será a Divisa, traduzindo  
O sentimento d'aquella alma pura,  
Mais do que Galaaz ? »

## VI

Era no mundo  
A Côrte de Ricardo de Inglaterra  
A mais faustosa, esplendida e brilhante,  
De uma intérmina pompa que deslumbra.  
Logo que os Cavalleiros portuguezes  
Da fatigante e rapida jornada  
De Plymouth até Londres descançaram,

Por lei de cortezia foram todos,  
Todos paramentados, conduzidos  
A' presença do Rei em homenagem,  
Com ceremonial polido e grave.

O Rei os convidou no mesmo instante  
Para o serão da Côrte.

Que delirio  
N'essa noite; e que apparatusas dansas!

## VII

As aggravadas Damas remirando  
Os portuguezes Paladins, anceiam  
Por saberem que par e que patrono  
Desde o serão pertença a cada uma.  
Ao Duque de Lencastre, que influisse  
No Rei pediram, para que conceda  
Que as Divisas dos Onze Cavalleiros  
Que a defendel-as vêm, tirem-se á sorte.  
Assim ficam sabendo, qual d'entre elles  
Será o Cavalleiro que as exalte  
Com fé em campo raso ou estacada.

O Rei sabia a tempo ser galante.  
Por sua mão quiz elle que as Divisas  
Fossem tiradas, quaes Grantham lh'as dera,  
Authenticadas no serão de Cintra.  
Como um bando de pombas sobre um campo  
Recem-semeado, as Damas gentis chegam,  
Pressurosas, contentes, perturbadas,  
E as Divisas da mão do Rei recebem.

Foi Ethwalda a primeira; com surpresa  
 Leu a Divisa que tomou; dizia:  
*Plus est belle qu'ymage!* E um transporte  
 De alegria duplica-lhe a belleza,  
 Assômo de uma graça incomparavel.  
 Todas notam que exprimem as Divisas  
 Um delicado sentimento, e as Damas  
 Relação moral intima presentem  
 Que n'esta Empreza as liga aos Cavalleiros.

*Cuer dolant*, leu Adhelm, compassiva  
 Por essa alma que ainda não conhece;  
 E leu Egberte em mysterioso enleio  
*Fait penser*. Jorceline se sorria  
 Pelo encanto do que escolher soubera:  
*Rêve au quel on s'attache.*

E assim foram  
 Lidas e interpretadas as Divisas,  
 Sem se saber os nomes dos que as trazem.  
 Continúa o mysterio; pelas salas  
 Com que magia as musicas resôam.  
 Vae dansar-se a Pavana estonteadora,  
 Cadenciada por flascidas medidas,  
 Essa dança de Hespanha! agora os pares  
 Sómente pela letra das Divisas  
 Hão de ser preferidos; entre as Damas  
 Vae cada Cavalleiro procurando  
 A que fixou seu Mote sobre o peito.

E com presteza os Onze Cavalleiros  
 O braço dando ás Damas, conhecidas  
 D'esse rapido instante do sorteio,  
 Vêm ao meio da sala; a dança irrompe.



## VIII

Unica Ethwalda alli se vê sósinha !  
*Plus est belle qu'ymage!* Esta Divisa  
Que tanto a encantara, n'este instante  
Vê que pertence ao Cavalleiro ausente.  
Pertence áquelle, que fizera o Voto  
Da romagem por terra ! No seu rosto  
Indizível tristeza se reflecte,  
Lagrimas lhe rorejam pelas faces,  
Quasi desfalecida cae, magoada  
Por este desfavor da sorte iniqua.

De desolação tanta o Rei condõe-se ;  
Quer confortal-a o Duque de Lencastre,  
E junto de Ethwalda meigamente  
Segreda :

— Não ficaes sem Paladino.  
No Hotel do Falcão dois portuguezes  
Pelo Mestre de Avis ao Rei enviados  
Em especial missão, alli se encontram ;  
Qualquer d'elles, se fôr preciso, toma  
Com prazer a honorifica defeza.

Chorosa Ethwalda anciada lhe responde :  
« Não é o que sustenta esta Divisa  
*Plus est belle qu'ymage!* Não é esse,  
Que eu só queria e quero . . .

Então o Duque

Com o Rei combinava, que o Torneio  
Espere mais um dia; por ventura  
N'este intervallo chegaria a Londres  
O Cavalleiro Alvaro Gonçalves  
Da estirpe dos Coutinhos, conhecido  
Pela chistosa alcunha de — Magriço,  
Mais por esta demora celebrado.

## IX

Facil foi dispender o dia em jogos  
Na Côrte ingleza, em festival perenne;  
A linda Ethwalda a nada comparece.  
Na capella da Virgem refugiada,  
Concentrou-se na prece fervorosa  
Que, trémula, em desmaios balbucia:

## LÔA

«Virgem! Mãe de piedade,  
Da sorte a iniquidade  
Que a tua mão suste-a!  
Sem quebra da pureza  
Da minha mocidade,  
Agora esta incerteza  
Mata-me em tanta angustia!

---

Acode á que delira ;  
Contra mim a mentira  
Não seja triumphante !  
A dôr é sem limite,  
Succumbo a esta dôr ;  
Ah ! piedosa, permite,  
Salvar-me em breve instante  
Venha o meu Defensor . . . »

E na Capella, n'um deliquio infindo,  
Nem ouve os eccos dos clarins e trompas,  
Pregões de arautos, e os corceis nitrindo  
Já do Torneio annunciando as pompas.



CANTO X

O TORNEIO DE LONDRES





## I

Foi toda a santa noite de vigilia ;  
Lá ficaram na Cathedral de Londres  
Os Onze Cavalleiros portuguezes ;  
Na capella do Duque de Gloucester  
Os doze inglezes, seus rivaes. Ouvida  
Ao outro dia a missa, depozeram  
Offerendas no altar, que mudos beijam.  
Vestindo cotas, ricas armaduras,  
A cavallo precípites sahiram  
Para a vasta esplanada aberta em frente  
Do soberbo palacio de Westminster.

## II

Já Ricardo Segundo apparecera  
Nos balcões ; muitos Duques e Prelados,  
Damas, Bispos, e Embaixadores, juntos,  
Vêm assistir á apregoada Lide!

Os Cavalleiros portuguezes foram  
Beijar as mãos das Damas que defendem,  
E colher o sorriso que os anima  
Bem mais que tantos balsamos fallados.  
Antes que a árdua Lide se comece,  
Cada um Cavalleiro jurou — Que entra  
N'esse Campo em defesa da verdade,  
E em prol da Dama cujo nome invoca!  
Os Doze inglezes bradam, que sustentam  
Pelo sangue que em suas vêas corre,  
Terem inglezas Damas esquecido  
Dos bons avoengos os exemplos nobres!

### III

O Rei Ricardo ao Duque de Lencastre  
Dá-lhe a missão difficil da escolha  
De Vinte e quatro Cavalleiros, dignos  
De serem Fieis da Lide; e armar mandara  
Quinhentos Cavalleiros, firmes guardas  
Do Campo em volta, na maior largueza.

Surge então o Arauto, que proclama,  
Depois de ouvida a estrídula trombeta:

— Que ninguem tirasse arma, ou alvoroço  
Fizesse em prol de um d'esses Cavalleiros;  
Senão, morra a garrote no pescoço!



Que ninguem gestos ou signaes ligeiros  
Faça, ou profira phrase que pareça  
Influir na contenda!  
Que a mão do algoz o apprehenda,  
Decepe-lhe a cabeça. —

Isto dito, logo os Fieis da Lide  
Cumprindo a lei estricta do combate,  
Que chamam *Correr pontas*, na estacada,  
Mandam achar-se dois de frente a frente,  
Os dois primeiros Cavalleiros chamam.

## IV

Avançaram até ao meio do campo  
Com garbo os destemidos Justadores;  
Dos cavallos descendo, sobre o peito  
Pondo os braços em cruz, oração fazem  
A Deus, qual melhor pôde. Depois sobem  
Para os corceis de novo; e antes mesmo  
Que se afastem para iniciar o assalto,  
O Cavalleiro portuguez murmura:

— Vereis, que não é grande valentia  
Melindrar Dama fraca e delicada. —

Devolve-lhe o inglez em tom de mofa:  
« Qual falla o prégador de vida airada,  
Ou frade goliardo, é o motejo  
Que me jogaes; em vez das vossas missas  
Commungareis da minha espada o gume.»

Mal escutara o portuguez o doêsto,  
 Deu de esporas ao seu cavallo, e prompto  
 Sobre o inglez se arroja; o inglez o imita.  
 Do balcão do palacio o Rei observa,  
 Com homens de honra, que com elle estavam;  
 Pelos telhados vê-se a gente meuda,  
 Pelas muralhas, barbicans suspensa.  
 Tanta era a multidão, que vêr deseja  
 O desenlace da porfia insigne!  
 Uns confiam na corpulencia e força  
 Do rude inglez; com viva sympathia,  
 Vendo a serenidade imperturbavel  
 Do portuguez, crêem outros no triumpho.  
 Pela serenidade só, consegue-o,  
 Aproveitando um rapido momento,  
 Em que da mão de *Austin* a espada salta,  
 Por um golpe só d'elle conhecido.

Ordem foi dada pelos Fieis da Lide,  
 Que os dois Campeões da arena se retirem;  
 Do triumpho inequivoca é a prova.  
 E dizem entre si:

— E' invencivel

O Cavalleiro portuguez, que a força  
 Tira da convicção que intima o anima! —

E concluem:

— Este homem só por terra  
 Cahirá, quando consentir que o matem,  
 Ou se vir cahir morto um Irmão de Armas. —

Logo entre os Cavalleiros portuguezes  
 Redobra o enthusiasmo, a esperança  
 Com o primeiro e inclyto successo.

Havia um ár, aspecto sobrehumano  
Na figura do campeão, caracter  
Que uma ideia arrebatada até á morte!  
Todo o seu sêr revela-o a Divisa:  
*Li porteraí foi.* Como ella contrasta  
Com a de Austin, que a frio e provocante  
Trouxera o mote: *Refuser d'avance!*

Dos seus balcões as Damas acenavam  
Com alegria louca! Mas, quem era  
O Cavalleiro portuguez, que admiram?  
Alvaro Vaz de Almada, esse era o bravo  
Que a historia guardará seu nome vivo!

## V

Dado signal de novo pelo Arauto,  
Outros dois Cavalleiros já se investem  
De lança em riste; no recontro brusco,  
Parte o mantenedor inglez a lança!  
Descem a terra, e sacam das espadas,  
Florêam golpes, rapidos, violentos,  
Ininterruptos de alto a baixo, a fundo!  
Inesperadamente o inglez ajoelha  
N'uma perna ferido! E' evidente  
Que a victoria compete ao que de longe  
De *Justador* a alcunha merecera.  
Está radiante a Dama, que a Divisa  
*Trop haut penser*, no peito traz escripta.

Mas, entre as Damas falta a bella Ethwalda,  
Que se occultara triste na Capella,  
Palo seu defensor sempre esperando!

## VI

Vae seguindo o Torneio; as lançadas,  
Fintas, assaltos, botes estrondosos,  
Sucedem-se indefessos, com surpresas  
Conforme os Cavalleiros se defrontam;  
Descrevêl-os, só um Froissart soubera  
Em pittorescas paginas vividas.

Chegado era o momento angustioso!

Já Ruy Mendes da Silva, o Cavalleiro  
Undecimo, se achava frente a frente  
Do campeador inglez Glaston; terçavam  
Com gentileza, graça e mocidade,  
Eram eguaes na edade e na bravura.  
Se é a sorte das armas indecisa!  
Mas, Ruy Mendes da Silva viu de longe  
De Gotsline acenar véo alvejante,  
Que lhe lembra a Divisa suggestiva:  
*Rève au quel on s'attache!* Porque o Silva,  
Como bom portuguez apaixonado,  
Amava já Gotsline doidamente;  
Faz recuar Glaston; domina o campo.

## VII

E' terrifico o instante! Entra na arena  
O derradeiro lidador, o altivo  
Reginald, elegante, corpulento,  
Com sarcastico aspecto, pois se encontra  
Sósinho, alli, sem vêr agora em frente  
Um Cavalleiro com quem juste.

E todos  
Olham com anciedade; Johan de Gaunt  
Que á lucta presidia, talvez possa  
Dar solução ao caso inopinado  
Em que sem defensor fica uma dama!...

Ante o gelido pasmo e incerteza,  
Um Cavalleiro esbaforido, á pressa  
A linha dos Quinhentos Cavalleiros  
Que circumdam o campo, rompe e chega  
Junto dos Vinte e quatro Fieis da Lide,  
Clamando:

— O meu logar! Meu posto, dae-m'ó.  
Sou Alvaro Gonçalves, derradeiro  
Dos Doze Cavalleiros portuguezes;  
Venha ao prazo! ao appello me appresento. —

Da poeira das estradas vem coberto,  
Como mostra de quem atravessara  
Grandes trabalhos da jornada immensa!  
A' voz do Arauto, que sonora chama

O derradeiro justador, Magriço  
 Avança resoluto e vae postar-se  
 De Reginald em frente. Os dois se medem  
 Com olhares de espanto; um desdenhoso,  
 De alta estatura, e do vigor seu conscio,  
 O outro enxuto de carnes, e nervoso  
 Confiando nos intimos impulsos  
 A que obedece irresistiveis, sempre.  
 Emquanto as lanças enristaram ambos,  
 As Damas mandam dar aviso a Ethwalda,  
 Absorta em oração:

— Que era chegado  
 Ao prazo o Cavalleiro que a defende.  
*Plus est belle qu'ymage!* traz por mote.

### VIII

As lagrimas Ethwalda á pressa enxuga,  
 Mas, traz os olhos de chorar magoados;  
 Febril vem ao balcão, desvanecida  
 Vendo em acção o apôsto Cavalleiro  
 Cavalgando contente, por tal guisa,  
 Que a vista sua confiança infunde,  
 Por uma amavel e gentil presença,  
 E galhardia com que brande as armas.  
 Presto os dois Cavalleiros se approximam,  
 Quanto os cavallos o permittem, jogam  
 Golpes grandes de lança, que certos  
 Os escudos falsaram; e bastara  
 Tanto para que mortos ambos fossem,  
 Se nas lorigas fortes fracassado

As lanças não tivessem. Ora, o encontro  
Dos cavallos foi de violencia tanta,  
Que estropeados cáem sobre a terra  
Sem mais se erguerem, como semi-mortos.

Os Fieis da Lide vieram promptamente  
Para os dois Cavalleiros, que esvaídos  
No chão estavam; chegam agua aos labios,  
E salpicando os rostos com borrifos,  
Já cada qual á pressa se alevanta  
Cambaleante, metendo mão á espada!  
Os escudos embraçam; recomeçam  
Um contra o outro o árdido combate.  
Avançando, na intrepidez fremente  
Reginald fallou-lhe com firmeza:

— Pela ultima vez, varão, eu rogo  
Que a chimerica empreza que defendes,  
Pela Dama que nem sequer conheces,  
De quem nunca escutastes uma falla,  
Abandoneis! Digo isto condoido  
Da vossa idade nova, inexperiente,  
Para que finde em riso e não em sangue. —

Desde a cabeça aos pés mede-o Magriço;  
E sem dizer palavra, para a frente  
Deu um passo; o inglez assalto fórma,  
Atirou-lhe tres botes successivos.  
E um quarto, em que o corpo atraz recúa,  
Não o fez tanto a tempo, que Magriço  
Que sabia melhor da esgrima as fintas,  
Lhe não tolhesse um braço, com o golpe  
Que fez da rude mão voar-lhe a espada!

Magriço então tornou :

«Dom aleivoso,  
Foste em mão ponto descortez com Damas;  
Falsa tornas a jura que fizeste.»

Viu Ricardo Segundo o decisivo  
Lance. A lei da Galanteria vence!  
Honrados homens, que n'essa hora formam  
O sequito real, com o monarcha  
Felicitar as Damas vão, e aquella  
Que por se vêr sem defensor chorava,  
Pois que, mesmo sem vêl-a ha quem no mundo  
Pela honra do seu nome empenhe a vida.

## IX

Apoz momento breve de descanso,  
Magriço foi beijar a mão de Ethwalda;  
E sabendo que lagrimas amargas  
Chorara a bella por demora tanta,  
Enternecido diz :

— Perdão já peço  
Por quanto vos eu fiz soffrer, senhora!  
De todo era impossivel na minha alma  
Que o Voto á Virgem quebrantado fosse!  
Para hoje vêr-me n'este honroso Passo,  
Propicia a Virgem fez caber-me a sorte...

«Cavalleiro! ( Diz com ternura Ethwalda, )  
N'este momento a comprehensão me é dada  
Do intimo sentido da Divisa



Que trazeis por cimeira. A alta Senhora,  
Da terra e céos Rainha, ella sómente  
*Plus est belle qu'ymage!* Lemma simples,  
E' com tal luz verdade irrefragavel.

— Esta Divisa mysteriosa e linda  
Quiz, entre tantas, reservar-m'a a sorte;  
Não a desmente hoje a visão terrena! —

Ethwalda fitou Alvaro Gonçalves,  
E quanto elle era apaixonado sente  
Na lisonja subtil. A sós murmura:

« Louca esperança a minha! cri-me objecto  
D'esta Divisa, que me leva aos sonhos.»

## X

Retrôa no ár o ecco das trombetas!  
De quatro a quatro a lucta recomeça;  
Os vencidos do anterior encontro  
Pela desforra anceiam, e no influxo  
Dos companheiros uns nos outros fiam  
Do Torneio no triumphal desfecho.  
Nova pujança audaz se manifesta!

Dos quatro Cavalleiros portuguezes  
Nunca a linha se rompe, nem se quebra,  
Vão os troços deixando livre o campo;  
Chega o ultimo grupo...

Olha o Magriço

Para Ethwalda, que do balcão acena;  
Baixando a espada faz mesura e preito,

Com a mão ella um beijo lhe arremeça.  
Esse inconsciente gesto febril, logo  
Da bravura ao delirio o arrebatada,  
Que as victoriosas palmas d'esta lide,  
São empolgadas pelos Portuguezes!

## XI

Resta a terceira parte do Torneio,  
Termo ás Justas imposto, o do recontro  
Como n'um campo raso de batalha,  
Dos Doze Cavalleiros portuguezes  
Com os inglezes em tropel confuso,  
No lance decisivo da refrega!  
Tudo attento contempla o quadro extremo,  
Em que a gloria e a morte se aproximam  
N'um connubio que o heroismo gera.  
No derradeiro esforço a Arte da Guerra  
Pela arma branca simples patentêa  
Imprevistos, innumerados recursos!  
Um mundo de bravura que se extingue,  
Brilhante e ultimo adeus da espada e lança,  
Que irão nas mãos da plebe posta a soldo  
Pela escopeta e arcabuz armada,  
Perder o heroico e poetico lampejo.

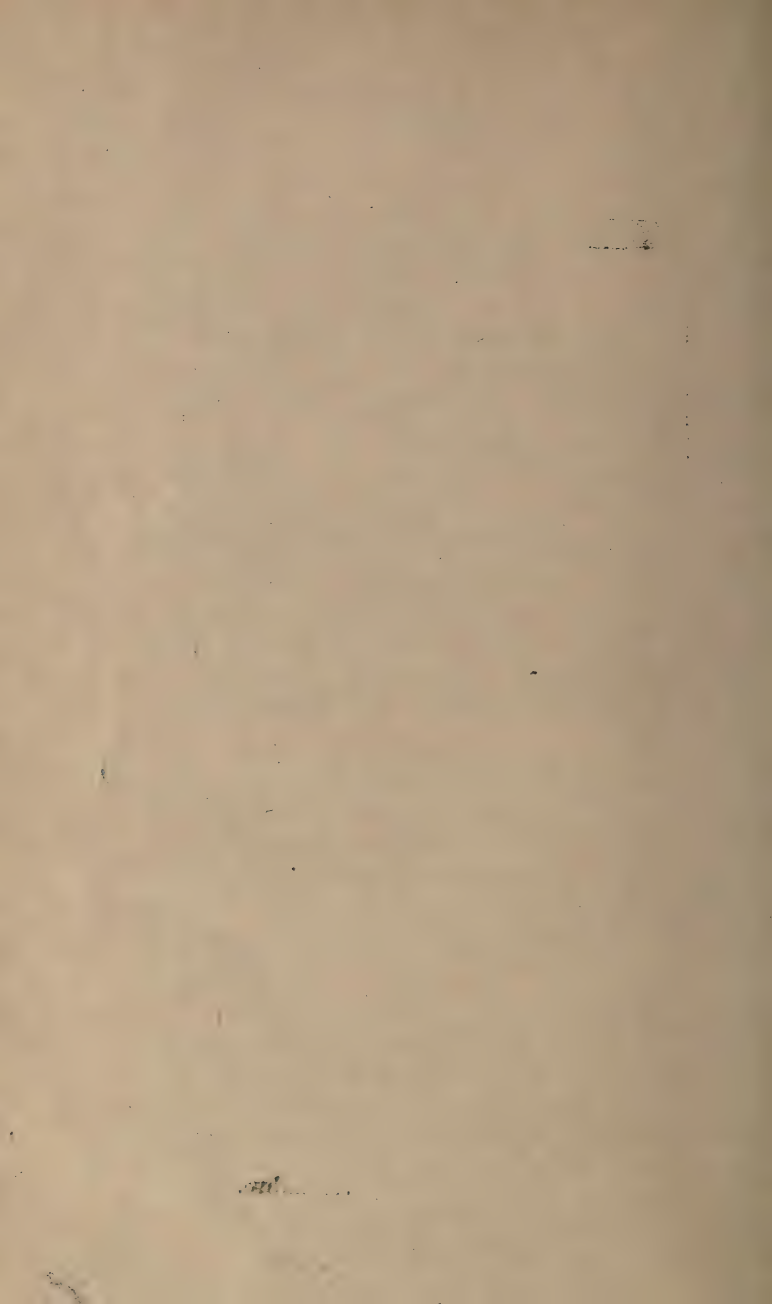
A valentia pessoal termina!  
Quem sabe aonde a força bruta um dia  
Hade levar da guerra o nobre impulso!  
Se o heroe, que na acção se immortalisa,  
Defensor, não labéo da humanidade,  
Se torna o monstro da carnificina!

## XII

Em cerrada columna os Portuguezes  
Conservaram-se, a posição mantendo,  
Contra os inglezes, qual muralha firme.  
No solo recalçado vão cahindo,  
No assalto tentado por tres vezes,  
D'entre os que formam a britana cohorte  
Quantos á lucta imprimem desespero!  
Era attingido o término da Lide.  
A trombeta, que a côr azul e branca  
Do estandarte portuguez ostenta,  
Fez-se ouvir, assenhoreando o campo  
Que aos Doze intemeratos Cavalleiros  
Pertencia. Triumpho indisputavel!  
De inglezas Damas pleno desaggravo.

Com que sinceridade, jubiloso  
Applaudes o Rei Ricardo esse triumpho,  
Que dignifica a Côrte sua tanto!  
As Damas vêm á arena; ternamente  
Os defensores inda ensanguentados  
Gentis abraçam, levam-os graciosas,  
E cada uma, a cada Cavalleiro  
Que por si se bateu, pensa as feridas!

Era a *curée* dos beijos da façanha,  
O alalí venturoso, com que finda  
Hoje de Londres o immortal Torneio.  
Agora, quando a *Jacquerie* intenta  
Pelo numero bruto impôr-se ao mundo,  
Harpas, glorificae a galhardia,  
Da Cavallaria o ultimo vislumbre.



CANTO XI

OS GABS DO BANQUETE





## I

Todos os Cavalleiros, que na lide  
Do Passo honroso em Londres floream,  
Para um festim no Paço de Saboya  
Em fraternal convivio, convidados  
Foram pelo alto Duque de Lencastre.  
Era ao dia seguinte ao do Torneio ;  
Os Vinte e quatro Cavalleiros juntos  
Congrassam-se na sala do banquete,  
Generosos, sem odios, francos, lisos,  
Como valentes uns dos outros dignos.  
Espontaneos, sem mescla de melindres,  
Trocam-se abraços calorosos, largos  
Com lealdade mascula, que encanta.

O Duque está radiante de alegria.

## II

O poeta Chaucer, sempre malicioso,  
E usando a liberdade de poeta,  
Ao vêr agora unanimes á mesa  
Os mesmos que na véspera terçaram  
Golpes de morte em prol das gentis Damas,  
Entre dentes murmura :

— Aqui veremos

Se os vencidos da Lide ao correr pontas  
Triumpharão ao emborcar das taças !  
As mãos, que não venceram pela espada  
Brandindo-a com pujança, por ventura  
Alcançarão desforra pelo garfo.—

Quem, a Chaucer, ao Poeta mais querido  
De toda a Inglaterra, antiga e hodierna,  
Não perdoará tudo ? Deu-lhe o genio  
O dom de vêr em estranho aspecto as cousas ;  
E' o Bello uma das fórmulas da verdade.

## III

O que seria o opiparo banquete  
No palacio ducal no fésto dia,  
Só poderá suppôl-o, quem conheça  
De Joham de Gaunt o animo, a largueza,  
O genio apparatuso, perdulario,



Que eguala mesmo na sumptuosidade  
A Ricardo Segundo, o real sobrinho,  
Dos Reis da Christandade o mais faustoso,  
Que assômos taes ao tio não perdôa.

Ao Duque de Lencastre lhe chegaram  
Pela Náo Frol da Rosa grandes caixas  
Com prata rebatida, joias finas,  
Baixellas de lavor incomparavel,  
Que o bom Mestre de Avis lhe offerta. Nada  
Póde saciar-lhe a ancia da opulencia!  
A' mesa estavam assentados todos,  
Na cabeceira o Duque de Lencastre,  
E frente a frente os ledos Cavalleiros  
Em ordem tal como na Lide entraram.

#### IV

N'isto, emquanto as conversas mais se animam,  
Entrou na sala um Menestrel já velho,  
De longas barbas brancas, com uma harpa  
Sobraçada, que lembra antigos Bardos,  
Taliésin, Aneurim; foi collocar-se  
Da sala ao fundo, mesmo em frente ao Duque.  
Dizem, que o Menestrel conserva puras  
As tradições dos Bardos hoje extinctos,  
E o prophetico dom que Merlin teve?  
E' com assombro e religião ouvido  
Como alma do passado. Um Lai dolente,  
Que arrebatava os sentidos, em linguagem  
Mysteriosa, por poucos entendida,  
Começa em commovente melopêa:

## TRÍADA :

— Sobre a Torre redonda de Kildar  
A geração dos Bardos de outra éra,  
Na pedra insculpiu Triada sem par :

Contém das *Tres Victorias* o mysterio,  
Que a vulgar comprehensão julga chimera,  
Tendo um ideal sentido intimo e sério.

Das *Tres Victorias* são a plena essencia  
A *Força*, quando pela acção impera  
No espirital intuito da *Sciencia*;

Por saber e poder, que o homem comporte,  
Sómente o *Amor* harmonico pondéra  
A ideia e acção para vencer a morte. —

.....  
O velho Bardo as Triadas explica :

— Dos Dananianos, audaciosa raça,  
Pelo Mar tenebroso navegando  
Ao oeste, a leste, á America, á Chaldêa,  
Hu-avank a Civilisação leva !  
Era a Força guiada pela Sciencia.  
Faltara-lhes o *Amor*, que as almas liga ;  
E assim a Raça iniciadora e grande  
Caíu na servidão sob os Quirites.  
Veiu a gente Lusonia destemida,  
Que a tradição atlantica prosegue,  
Pelo impulso do *Amor*... O *Amor* eleva  
Sobre os mais povos a alma portugueza  
Aos inauditos feitos, realisando  
Prodigios tantos de pessoal bravura !

Hoje é a Cavalleria agonisante,  
Mas o Ideal do Amor é infindo, eterno;  
Será eterno quanto o Amor inspira!  
Os Portuguezes sempre apaixonados,  
Tomando o Amor por unico incentivo  
Ao fazerem de um territorio exiguu  
Essa ditosa Patria tanto amada,  
Hão de tornal-a primacial na Historia!  
Do Quinto Imperio proseguindo o Sonho,  
Qual não pôde Alexandre e Carlos Magno,  
Unindo pelo Amor Sciencia e Força,  
Darão á Humanidade a posse do orbe! —

Como seriam bellos esses versos  
Ao commentar as Triadas sereno,  
O Menestrel sincero, que exprimia  
Tão generosos pensamentos, quasi  
Um oraculo! Infelizmente á mesa  
Ninguem entende a vaga melopêa.

## V

O Duque de Lencastre então declara  
Aos Cavalleiros portuguezes :

— Esse  
Menestrel pobre, que ora ouvis, possue  
Dom prophetico! Algum de vós deseja  
Solevantar o véo do seu destino,  
Que lhe acene. —

A' direita está do Duque  
Alvaro Vaz de Almada, que sorrindo  
Sem terror do futuro, anda liberto  
Da crença popular da *buena dicha*;  
Despreoccupado ao Menestrel acena.

O velho Bardo fita-o com surpresa;  
Preludiando, a custo diz na estrophe  
Que o Duque ia explicando :

— Sereis Conde

Por premio na defeza da justiça  
Opprimida, e da terra patria longe...  
Mas, preferis morrer na patria terra  
(Hesitou por momentos, como oppresso)  
A's mãos da vilanagem, sustentando  
O juramento da Irmandade heroica. —

Interrompeu o Duque á pressa o Bardo,  
Que o vaticinio lugubre se torna,  
E do banquete as alegrias turba.  
Nenhum dos outros Cavalleiros teve  
Minimo empenho em desvendar a sina  
Que o percurso da vida lhe accentúa.

## VI

Animado o Banquete se prolonga;  
Mais exaltavam capitosos vinhos  
As imaginações ferventes, quando  
Um Cavalleiro inglez propõe ao Duque :

«Senhor! Como sabeis praticamente,  
Praxe foi da Cavalleria antiga,  
Na hora da alegria, os Justadores  
A' mesa, na expansão franca, alardeavam  
Seus *Gabs*, blasonando valentias,  
Façanhas de pujança sobrehumana!  
Cabem hoje aqui bem os *Gabs* feitos  
Por estes Cavalleiros portuguezes;  
Queremos vêr se as obras gloriosas,  
Que vae no mundo a fama dilatando,  
Sabem *gabar*, depois de praticadas,  
Ou carecem de poeta que as exalte.»

O Duque de Lencastre, rindo, applaude  
O singular alvitre; e affavelmente  
Aos Cavalleiros portuguezes pede,  
Que fossem delineando o heroico feito  
Que cada qual de realisar blasona,  
Da phantasia na área infinda e livre!  
Citou-lhes para exemplo os Doze Pares,  
E os *Gabs*, themas da Canção de Gesta  
Que ainda encanta e encantará quem lêa.

Entre-olharam-se os Doze portuguezes,  
E comprehendendo o lance, decidiram  
Mostrar, que além da força de seu braço,  
Na imaginação têm maior força.  
E cada um por sua vez, sem ordem,  
Sem manter precedencias, appresenta  
O *Gab*, o mais descommunal e altivo!

## VII

Diz um, com ár convicto, imperturbavel :

«Vou descobrir as *Ilhas Encantadas*  
 Pelo Mar Tenebroso semeadas!  
     Singrarei para ellas,  
     N'uma galera ufana,  
     Sem mirar as estrellas,  
 E sem nunca perder a Tramontana!»

A gargalhada foi geral, abrupta  
 Redobrou, expansiva, irrefreavel!  
 Certo, era a Empreza mais do que espantosa,  
 Não realisada por constante esforço  
 De Phenicios, de Jonios e Normandos.

Logo outro portuguez audaz proclama :

— Eu, cá, resolvo pela minha parte  
 Ir ao Reino do *Preste João das Indias*,  
 A assentar com elle uma alliança!  
     E riquezas, que farte,  
     Tenho boa esperança  
 Que este braço ao thesouro luso guinde-as.—

Mais estrondosas gargalhadas rompem,  
 Ouvindo o ousado sonho alardeado;  
 Interrompeu-as outro Cavalleiro :

= Eu acho pouco aquillo!  
 Pois no Reino do Preste João, sem guerra,  
     Abatendo uma serra  
 Vou *desviar o curso do rio Nilo!*»

Os Cavalleiros de Inglaterra pasmam  
Da protentosa imaginação lusa;  
Pelos *Gabs* é tanto o interesse, alto  
Pedindo mais com insistencia.

Escutam.

A sério um outro portuguez exclama :

— « Eu o digo a valer, porque não mango,  
Pois é cousa mui certa !  
Cedo, farei por mar a descoberta  
Da grande *Antilia*, ou melhor *Cypango*. » —

Tocam os *Gabs* já quasi o delirio ;  
Mas, prompto um outro Cavalleiro brada :

« — Acho aqui pouca luz ;  
E eu entrevendo esplendido arrebol,  
No animo propuz  
Ir ao *berço do Sol*. — »

Eis, sem dar tempo á impressão causada  
Para a descarga das risadas grandes,  
Sobre o que este blasona, um outro grita :

— Eu heide *dar a volta inteira ao Mundo*,  
Sem achar atropello  
N'essas Zonas do fogo, ou do gelo,  
Que transporei jocundo ;  
Dos Antipodas vendo a jazida,  
Virei surgir ao ponto da partida. —

## VIII

Cada vez se tornava mais ruidoso  
 O prazer dos jactanciosos ditos;  
 Os Inglezes perguntam impacientes  
 Aos Cavalleiros que inda não fallaram,  
 Qual o *Gab* que a audacia sua empreehende.

«Tómo a Estrella polar,  
 E a toda a parte a levo em uma caixa,  
 N'essa *bitácula* me aponta a faixa  
 Roteiros certos através do mar!»

Falla um outro com ár mysterioso :

— E eu? Vou dar um furo  
 No grandioso Thesouro de Veneza,  
 Em proximo futuro!  
 E de longe, seguro,  
 Hade tanta riqueza  
 Escoar-se, por fórma que em tal dia,  
 Findará o Poder da Senhoria! —

Com voz firme exclama outro Cavalleiro :

— «Nada do que ouço agora me enthusiasma;  
 Sem recear a morte,  
 Nem do mar os terrores,  
 Metendo a pique esse Baixel Phantasma  
 Que fecha o *Mar do Norte*,  
 Vou patenteal-o aos Navegadores!» —



Retruca logo mais intrépido outro :

= E eu ? Sem affrontar nenhum espectro,  
 Heide empunhar o sceptro  
 Do Quinto Imperio, esse *Mundo novo*,  
 Que era um conto de velhas entre o povo ;  
 Tornal-o-hei real !  
 E ao pregão de um incomparavel Plectro,  
 Entre as Nações modernas sem rival  
 Erguerei Portugal. =

Outro affirma :

— Pois eu,  
 Reforçando essa ideia :  
 Para que immortal  
 A nossa portugueza gloria seja,  
 Tomo a Lyra de Orpheo,  
 Do mar, n'ella tecendo uma Epopêa  
 Sem aos Cantos de Homero ter inveja.  
 Será o assumpto d'esse Poema ingente  
 A alliança do Oriente e do Occidente. —

## IX

Faltava um *Gab* apenas ; quando se ergue  
 João Pereira da Cunha, o derradeiro  
 Para fallar, logo impetuoso berra  
 O Cavalleiro Austin, e impaciente  
 Com tanta audacia que o irrita, exclama :

— «Para que te cansar mais, Cavalleiro !  
 Esses feitos, que ambicionado tendes,  
 Se realisados forem, certamente  
 A Portugal darão fumos de gloria ;

Será tudo em proveito de Inglaterra!  
De Inglaterra, da qual é feudatario,  
Servindo-a com galés em guerra armadas  
Dez, e por mezes seis consecutivos,  
E defendendo-lhe a Corôa ingleza  
De ameaças de Castella — a independencia.» —

As palavras de Austin foram um raio  
Que coriscou na sala do banquete;  
Instantaneo o assombro!

Sem dar tempo  
A' reflexão e ás peias do bom senso,  
João Pereira da Cunha arremessava  
Logo á cara de Austin argenteo cópo  
Pesado e grande! e com a mão certa.  
Austin cahiu, banhado em sangue, inerte,  
Inânime, convulso, estertoroso.

## X

O Banquete tragicamente finda!

Foi em braços, de alli, Austin levado;  
Na macerada fronte se revela  
Da congestão mortal o atroz collapso.  
Dispersam-se em tumulto os Cavalleiros,  
Lamentando que os *Gabs* imprevisto  
O deploravel termo motivassem!

Vae n'aquella hora o Duque de Lencastre  
Fallar ao Rei, contar o accidente  
Do segredo de Estado já sabido...  
Que é o que mais que tudo o impressiona.

CANTO XII

A EMPREZA TINGITANA





## I

NA Camara Estrellada, em Westminster,  
Nos paços reaes reune-se o Conselho;  
Vae Ricardo Segundo de Inglaterra  
Assignar o Tratado, que secreto  
Hoje o Mestre de Avis renova e amplia.  
Alli estão de Portugal presentes  
Os dois Embaixadores; testemunham  
Nobres Duques, Senhores, Cavalleiros,  
Com venerandos Bispos, personagens,  
Todos quantos esse Tratado juram:  
= Que Portugal, além dos já prestados  
Serviços das galés em guerra armadas,  
Considera-se sempre da Inglaterra  
O mais *fiel alliado*; consentindo  
Que a Gran Bretanha desembarque forças  
No territorio seu todas as vezes  
Que a acção continental conveniente  
Ao interesse inglez seja; e por troca  
Tem protecção a Dynastia contra  
Qualquer hostile ameaça ou tentativa  
De conquista por parte de Castella.=

Uma clausula tacita exarada  
No Tratado — é que a situação descripta  
Se conserve de pé, inquebrantavel  
Mesmo através dos seculos, emquanto  
Não fôr solemnemente revogada. —

## II

Mal acabara o Rei, sobre o diploma  
Que ouvira ler meditativo e ledô,  
De pôr sua chancella, quando inquieto  
O Duque de Lencastre entrou na sala.  
Vem verdadeiramente angustiado!  
Tanta perturbação o rei conhece,  
Sendo o primeiro a inquirir do caso.  
Na Camara Estrellada o pasmo é enorme.

## III

Relata o Duque, e a custo, o accidente  
Acontecido á mesa do Banquete,  
No seu palacio de Saboya, e a morte  
De Austin, um grande amigo do monarcha,  
Que resultara pávida, imprevista.  
Mais que a morte do grato cavalleiro,  
Da ingleza aristocracia orgulho,  
Impressiona-o a causa da repulsa  
De João Pereira... E logo, pensativo,  
Diz Ricardo Segundo ao seu ministro :

— Esta desgraça agora me revela  
Que se os tratados de *Fiel Alliado*  
A Portugal obrigam manietando-o,  
Interessam sómente á Dynastia  
Que o Mestre de Avis funda. N'este ponto  
Hade existir antinomia surda  
Entre a Nação pequena e os que a governam.

« E' por isso, Senhor, que estes Tratados  
(Observou-lhe o ministro com cautella)  
Celebram-se, mas são secretos sempre. »

Os dois Embaixadores, comprehendendo  
A situação da especial reserva  
Obtemperam :

— Tambem aqui viemos  
Na viagem da Frol da Rosa, enviados  
Co'a Expedição dos Onze Cavalleiros  
Ao Torneio de Londres, sem suspeita  
Dos Reis de França, de Castella e Escossia. —

#### IV

O joven Rei Ricardo claramente  
Alcançou como n'esse instante acaba  
De assegurar á intrepida Inglaterra  
A acção continental entre os mais povos,  
Defendida na sua isempção de Ilha!  
Observa para o Duque de Lencastre,  
E aos demais Cavalleiros que o rodeiam :

— Sobre a morte de Austin todo o silencio !  
E hoje mesmo em recepção eu quero  
Que os Doze portuguezes Cavalleiros  
Conjunctamente com os leaes Inglezes,  
E a Côrte plena á noite se reunam  
Por felicitação d'esse triumpho.—

## V

Um escandalo, um caso clamoroso  
Na Côrte se espalhara, que trazia  
Intrigadas as inclytas familias !  
Da Côrte, ha tempos, desaparecera  
Uma dama gentil, recém-casada . . .  
Não se sabe quem era, nem o nome  
Do audacioso amante que a raptara !  
Era esta intriga o assumpto das conversas  
Mais animadas entre inglezas Damas ;  
Contrastando na essencia com o effeito  
Do desaggravo do Torneo de Londres,  
Debalde inquirem pelo personagem  
Do sensacional drama amoroso.

Na Camara Estrellada á noite é assumpto  
De conjecturas mil ; não se fallava  
De outra cousa : da fuga das amantes,  
Da invejada aventura deliciosa,  
Que da etiqueta a rigidez quebrando  
Faz que a emoção o sentimento exalte.



O Doutor Martim d'Ocem se recorda  
Do que se deu no mar durante a viagem  
Da Frol da Rosa, em mares de Inglaterra :  
Do frasco fluctuante recolhido  
Pela agitada marinhagem, dentro  
D'elle um bilhete, em que se lia um nome...

Um nome? A curiosidade augmenta!  
Quer o rei conhecer o conteúdo  
D'esse bilhete mysterioso; entrega-o  
O Doutor Martim d'Ocem, que o destaca  
D'entre os papeis que o acompanham sempre  
Como bom servidor de el-rei seu amo.

A meia voz o rei balbuciando :  
« Deixou por mim à formosissima Anna... »

A's primeiras palavras este nome  
Apenas proferido, o espanto incita ;  
As Damas se entreolharam penetrando  
O recondito caso! inconveniente  
O Cavalleiro Lovedy, aquelle  
Que ao Torneio trouxera por divisa  
*D'amors joïr*, brada inconsiderado :

— Anna d'Arfet ... —

A impressão foi grande ;  
Não eram conhecidos seus amores.  
Os outros Cavalleiros, Corleville,  
E Morley, vendo a letra do bilhete  
Dizem um para o outro, surprehendidos :

— Confirmam-se as suspeitas que formámos!  
 « E' letra de *Machin*! E que felizes  
 Serão por esse mar, a sós, entregues  
 A um amor profundo e absoluto!  
 E quem tem medo á inevitavel morte,  
 Quando se vae em tanto amor perdido?»

Chaucer sorri:

— Tornou-se realidade  
 O sonho encantador que anciava o Dante  
 Com os *Fieis do Amor*: n'um mar infindo  
 A's tormentas incolumes vogando,  
 No goso da existencia sempre unidos...

## VI

Emquanto alli o escandalo amoroso  
 De Anna d'Arfet e de Machin se assoalha,  
 Da intentada fuga para França,  
 Da perda de ambos no Oceano, entregues  
 A morte inexoravel, conversava  
 Com Alvaro Gonçalves o Magriço  
 A bella Ethwalda impressionada e triste:

« Quanto invejo um amor igual ao d'elles,  
 Ou antes, uma morte assim!

— Quem falla  
 Em morte, quando a mocidade brilha?  
 (Volve Magriço, ardente, repassado  
 Do doce olhar com que Ethwalda o inunda.)

E' possível, eu creio, que os amantes  
Machin e Anna d'Arfet sejam levados  
Do mar pelas correntes invencíveis  
A's mysteriosas Ilhas mal perdidas  
Pelo Mar Tenebrôso ! e lá, sosinhos,  
N'esse elysio e afortunados sitios  
No éden de uma natureza virgem,  
Como remate de perigos tantos  
Suas almas sedentas unifiquem !

« Fallaes, senhor, como um apaixonado,  
Ou como Portuguez, melhor diria ! »  
(Observa Ethwalda.) Respondeu Magriço :

— Como Portuguez, sim ; embora traga  
O coração liberto.

« Não o creio !

(Prompta, volve a donzella com surpresa.)  
Não tem coração livre o que a Divisa  
*Plus est belle qu'ymage* traz consigo.  
Ah, por essa Divisa eu mesma posso  
Penetrar o segredo da vossa alma . . . »

Enleado quêda-se Alvaro Gonçalves  
Por vêr a gracilissima donzella  
Querer conhecer tanto os sentimentos  
Que o animam.

Ethwalda continúa :

« Ha em vós, no vosso ár uma tristeza,  
Não condiz com a situação obtida  
No Torneio de ante-hontem. Vós, sómente  
O unico cavalleiro não ferido,  
Com a alma golpeada sois indemne. »

A taes fallas, Magriço se recorda  
Do que em Paris, nas mysteriosas vozes,  
Da grande Feira de Lendit ouvira :

— Para mim é por certo uma tristeza  
Não ter sido ferido no Torneio . . .  
Perdi uma esperança ! a prophecia  
Faz de um ferido o Fundador glorioso  
De uma nova Ordem, que avassalla o mundo  
Com força ignota, a inteira Obediencia.

« Encobris, vejo, os sonhos do amor vosso  
Com a chimera do Poder. Embora !  
Pasmareis observando como eu leio  
Da Divisa o implicito segredo. »

## VII

Sobre o semblante de Alvaro Gonçalves  
Expressão de curiosidade intensa  
Transluzira ; nem vê que as damas param,  
Que os grupos que perpassam lentamente  
Na Camara Estrellada, vão notando  
O colloquio animado.

Insiste Ethwalda :

« *Plus est belle qu'ymage !* Sêde attento.  
Muitos Lords e inglezes Cavalleiros  
Que pelo continente têm viajado,  
Quadro singularissimo conhecem  
Denominado — a *Bella Portugueza.* »

D'entre um grupo intervem uma outra Dama,  
A donairoza Egberte :

= E' um retrato

A *Bella Portugueza!* Maravilha  
Do pincel de Van-Eyck ; eu vi-o, quando  
Estive com meu pae ha pouco em Flandres.  
E' sem egual aquella formosura,  
Não sonhada, mas real. Assombra e encanta  
Com expressão suave, sobrehumana.  
Vão lá de todo o mundo para vê-la.

Outra exclamava com vaidoso intuito :

— « Que vida tem a *Bella Portugueza!*  
E' um retrato ; mas ha quem duvide ?  
Quando esteve na côrte de Lisboa  
Van-Eyck, ahi pintou esse retrato . . .  
Quem fosse a dama ignora-se . . .

Magriço

Maravilhado fica ante o que escuta ;  
Manteve-se em reserva cautellosa,  
Não quer que se conheça a ignorancia  
Que tem d'essa obra prima, proclamada  
Pelo titulo « *A Bella Portugueza.* »  
Suscitado pelo intimo sentido  
Da Divisa, que deparara a sorte,  
No seu animo crente delibéra :

— Irei vêr tal assombro de arte a Flandres ! —

## VIII

De subito, um murmurio se propaga  
 Pela extensão da sala. Qualquer cousa  
 Vae passar-se de extraordinario . . . Consta  
 Que um Entremez por Chaucer inventado  
 Expressamente para o Serão regio,  
 Se representa agora; o Argumento  
 Dizem que é de Amor.

Da sala ao fundo  
 Vê-se ondear a cortina. Tudo aguarda  
 O espectáculo novo, inesperado.  
 Senta-se o Rei, as Damas; já se agrupam  
 Cavalleiros e altos personagens;  
 Mudez attenta. O proprio poeta Chaucer  
 Vem recitar o Prologo da Scena:

## ENTREMEZ DA CAMARA ESTRELLADA

*Corrida a cortina do fundo da Sala, vê-se sobre um estrado sentada em cadeira de espaldar a Condessa MATHILDE DE FALKENSTEIN, ladeada de suas Damas, de pé; próximos d'ella, de cada lado, estão os dois Minnesaenger HENRIQUE DE OFFTERDINGEN e WOLFANG VON ESCHENBACH, convidados para lhe explicarem ou melhor definirem o que é o Amor.*

## PROLOGO

O POETA CHAUCER, expondo a situação:

Embalada n'um sonho de candura,  
 Como no conto a *Belle au bois dormant*,  
 Da Condessa Mathilde a formosura  
 Se entreabre como a rosa da manhã.

N'esse enlevo encantado  
Lhe escolheram seus paes um desposado.

Sem que ouvida ella fosse, o casamento  
Com o Conde de Falkenstein se faz ;  
Da alta estirpe é por certo apuramento,  
Pois que é joven, é generoso e audaz ;  
Pela conveniencia  
Da familia dos dois fez-se a violencia.

Era o Conde inda novo, homem já gasto,  
Nas caçadas, torneios, correrias ;  
Dos prazeres mais loucos busca o rasto,  
E, longe do solar dias e dias,  
O socego aborrece  
E até da esposa, do seu lar se esquece.

De Mathilde á gentil graciosidade,  
Torna-se totalmente indifferente !  
Redobra-lhe a belleza a flor da idade ;  
Em aventuras anda o esposo ausente,  
E agitado passa  
Longe do fóco intimo da graça.

Do Castello na solitaria estancia  
Cantando estrophes de Canções antigas,  
Com que fôra embalada em sua infancia,  
Busca apoio em recordações amigas  
A terna e meiga esposa,  
Que nem mesmo increpar o marido ousa.

Canções de Trovadores da Provença  
Que espalham os Jograes pela Allemanha,  
Embalam-lhe a alma em emoção intensa,  
Elevam-na a altura ideal, tamanha !

E assim passam-se os annos,  
Sem que ella sinta os frios desenganos.

Eis, que o Conde de Falkenstein se inscreve  
Com outros Cavalleiros na Cruzada  
Da Terra Santa ; vae partir em breve,  
N'essa onda impetuosa, hallucinada,  
Que leva a Europa ao embate  
Contra a Asia, do Sepulchro ao resgate.

No esplendor de tanta formosura  
A solidão deu-lhe expressão de magoa,  
No rosto de Mathilde mais se apura  
O sobrehumano aspecto n'essa frágua ;  
Mas, foi então que viu  
Que ha na sua existencia atroz vasio.

Deu-lhe a sorte belleza e opulencia,  
Singular graça, excelso nascimento,  
De admirações bordou-lhe a existencia,  
Tem lucilante vôo no pensamento ;  
Da vida passa a aurora ;  
Mas, o que seja o Amor, o Amor ? ignora.

Tarde conhece não ter sido amada !  
E ao tornar-se mais bella cada dia,  
N'essa anciedade vive desolada ;  
Quem do Amor no mysterio a inicia ?  
Como o Amor na alma lavra,  
Quem o pode explicar ? Com que palavra ?



## CÔRO DAS DAMAS:

Não vos faltam conselhos de prudentes;  
 Convidae da Allemanha os grandes Poetas,  
 Porque os Poetas são de Amor scientes,  
 Almas do indefinivel inquietas!

O Amor é eterno thema  
 A que dão sempre uma expressão suprema.

## UM GRUPO:

Convidae Offterdingen, que segundo  
 Consta, foi ao Castello de Klingsor,  
 Do Magico afamado em todo o mundo,  
 Pelos mysterios do prazer no Amor!

O Minnesaenger ledo  
 Não ignora de Amor nenhum segredo!

## OUTRO GRUPO:

Convidae Eschenbach, que já esteve  
 Lá no Monte-Salvat! E' sem rival;  
 No seu coração puro como a neve  
 Guarda os segredos mysticos do Graal!

Quem haverá como elle  
 Que a emoção do Amor ideal revele?

## CHAUCER, terminando o Prologo:

E' o Solar de Falkenstein em festa!  
 De Mathilde ao poetico Torneio  
 Offterdingen sollicito se apresta,  
 Logo Eschenbach pressuroso veiu...

Que alegria completa!  
 Interroga a Condessa a cada Poeta.

MATHILDE, propondo o problema aos  
dois Minnesaenger :

O que é o Amor ? que torna o Heroe forte;  
Que ao Poeta dá a alta visão do Bello ?  
Que accalma a dôr, e vence mesmo a morte ?  
Que une as almas em secretissimo élo ?  
    Não o sei n'este momento !  
Explicae-me o ineffavel sentimento.

OFFTERDINGEN :

Para mim, e por quanto eu entrevejo  
    Na vida do Universo,  
    O Amor — é o Desejo !  
Submette o Céos revoltoso, adverso;  
    Funda a Ordem illeza  
Na harmonia immanente á Natureza.

E' o Desejo o Amor irresistivel  
Que a Tristão e Yseult ardentes liga ;  
    Quem ha que melhor diga  
Do poder da anciedade indeffinivel,  
    Que aquelles dois amantes  
N'este Colloquio, que tiveram d'antes :

*Dialogo entre Tristão e Yseult*

Yseult :

Fatal engano ! Desde que nos labios  
Tocou a Taça que me deu Brengienne,  
    Um incendio perenne  
Ateou esse philtro, de que os sabios

Não percebem a acção maravilhosa!  
Um fogo no meu sangue,  
Que me quebra a vontade e torna exangue,  
Poz-me n'alma este Amor, que tudo ousa.

Amor louco, Amor cego, irresistivel,  
Que nem já me conheço!  
Por ignoto processo  
O odio, que a Tristão votara, incrível!  
Converteu-se na subita paixão,  
Na sympathia ignava,  
Que me faz de rainha ser escrava  
Do indomito desejo de Tristão.

Não é o absurdo o que me torna triste,  
Por vêr, que uma estranha paridade  
Entre Odio e Amor existe!  
Mas, subjuga-me a atroz fatalidade,  
Desvario, a que o espirito obedece,  
E impéra no meu sêr,  
Quando a esposa as ternuras do Dever  
Por um delirio repentino esquece!

Affrontando o Dever mesmo com gosto,  
Calquei os attributos do pudor  
Por este ardente amor;  
Se alguma sombra vem toldar-me o rosto,  
Tristão! Tristão! é quando te não vejo!  
Então se me revela  
Que o Amor a existencia me atropella,  
E' o bárathro horrivel do Desejo.

D'este Amor, que me encanta e tanto opprime  
Não haverá prestigioso carme  
    Que possa libertar-me,  
Que o torne puro, sem labéo de crime?  
Bem sei, Tristão, o que a tua alma sonha!  
    Tu de amar-me não deixas!  
Nem de um Amor assim sequer te queixas,  
Mais o exalta o remorso e a vergonha!

Tristão :

Feliz engano! e não fatal, digo eu,  
Quando por tua mão libei a Taça!  
    Relampago de graça  
    Me abriu patente o céu.

Transformou-se-me o mundo em visão nova;  
E o fóco d'aquella infinda aurora,  
    Que fostes vós, senhora,  
    Meu extasis o prova!

Como aquelle, cahindo em mar immenso,  
As algas envolvendo-o dão-lhe a morte,  
    No Amor, da mesma sorte  
    Affundo-me; assim penso.

Amor involuntario, irresistivel,  
Manietou-me; eu já não sou quem era:  
    Absorto na chimera  
    Affrontei o impossivel.

A' minha guarda fôras confiada,  
E quebrantando a honra, eu cavalleiro,  
    A tal despenhadeiro  
    Te trouxe, oh doce amada!

De tanta dôr tudo isto foi inicio!  
Fatidico, absoluto o amor se impoz!  
Tudo esqueci por vós;  
Que Amor, sem sacrificio?

Sêr degradado e vil! por este preço  
O Amor é um constante soffrimento,  
Oceano turbulento,  
Para o qual me arremesso!

Desejo irrepessivel que em mim arde,  
Insanavel, intérmima ferida  
E' para mim a vida;  
De tal dôr faço alarde.

D'esse Amor, que me vence e me traz cego,  
Da ferida que sangra sempre aberta,  
Que philtro me liberta,  
Se a deshonra renego?

Yseult:

Tenho ouvido dizer, que o mal de Amor  
Com o mesmo amor se cura!  
Que dôr sinto, que dôr,  
Ter-se perdido a Taça, em que á mistura  
Com tanto Amor libámos a loucura!

Do Amor irresistivel, por ventura,  
Libando mais um trago,  
Nos faria esquecer tanta amargura,  
Do Dever e da Honra o cruento estrago,  
N'este viver aziago.

Cahiríamos na inconsciencia,  
Na beata plenitude  
Da insensibilidade na desgraça !  
Onde achar a maravilhosa Taça  
D'esse philtro de uma affectiva essencia ?  
Nunca mais outra vez achal-a pude !

Tristão :

Do Magico Klingsor lá no Castello,  
Onde quem ahí entra  
De lá nunca mais torna,  
Está guardado esse thezouro bello,  
A Taça que concentra  
Philtro de Amor, que a existencia adorna.

E' o Castello um pélago de gosó,  
De prazeres arrôbo,  
Um edênico enlêvo !  
Fez da Taça do Amor arteiro roubo ;  
Mas, furtal-a animoso  
Mesmo affrontando a morte hoje me atrevo.

Yseult :

Nós ao Castello de Klingsor sigamos ;  
De mais gosos não imos á procura !  
Se a paz, a paz que para sempre dura  
No fundo d'essa Taça a deparamos ?

Tristão :

A intensidade d'este Amor revela  
O remedio onde está, e de que sorte ;  
O Amor é irmão da Morte !  
O soffrimento que duas almas sela

Mão grado Honra e Dever, n'essa união,  
Da angustia do Desejo  
Insaciavel, bem vejo,  
Só pela morte obtem libertação.

Yseult :

E' um suicidio misero e covarde?...

Tristão :

Não! Que a chamma que em duas almas arde  
Através da mais intima amargura,  
Dá-lhe a morte a fusão :  
Da vontade o lampejo que inda resta  
Pela renuncia é que se manifesta,  
E' a renuncia uma delicia pura !

Yseult :

Comprehendo agora! Ah, quando te entreguei  
Taça lethal do Odio, que envenena,  
Eu senti logo o Amor, que me dá pena,  
Que affronta toda a lei ;  
Só bem tarde notei,  
Que ha no fundo da Taça  
Precipitadas fezes,  
Que agitadas no ultimo momento  
Accalmam os revezes,  
Supplantam a desgraça,  
Têm o poder do apaziguamento.

Ambos :

A Taça que incitou este Amor forte,  
E' da libertação ditosa nuncia!  
Dá-nos no trago ultimo — a renuncia,  
Identifica o Amor na união da Morte.

Já no Castello de Klingsor entrámos!  
De mais gosos não viemos á procura;  
Nós no fundo da Taça deparámos  
A paz, a paz, que imperturbavel dura.

ESCHENBACH, dirigindo-se por sua vez  
serenamente a Mathilde:

Para mim, ai, revela-m'ò a existencia,  
O Amor é a Piedade!  
Conflagra-se a Materia com violencia;  
Só a rasão descobre a immanencia  
Da latente unidade.

Pela Piedade a alma em nós se apura,  
Sublima o soffrimento!  
Lá do Monte Salvat no ethereo assento,  
E' que existe do Amor a noção pura,  
Ideal conhecimento.

N'esse perenne culto do San Graal,  
A seu filho Lohengrin  
N'um Monologo explica Percival  
Do Amor-Desejo o louco phrenesim;  
Falla extatico assim :



Percival :

Espectaculo immenso do Universo,  
A Dôr! a Dôr! em tudo, em toda a parte!  
Homem! que tens da Dôr consciencia, immerso  
N'esse pélagos, a Dôr torna ideal da Arte.

As forças todas que se manifestam,  
São resultantes de immanente lucta  
Interminavel, bruta,  
De elementos que activos se detestam!  
Não se aniquillam, não, mas decompõem-se,  
E como n'um ludibrio,  
Sobre ellas, novas formas contrapõem-se  
Tentando outro equilibrio.

N'este desdobramento successivo,  
N'esta fusão em um lethal cadinho,  
Onde vae tal caminho?  
Inda procura a Dôr maior miseria:  
Pela organisação fixa á materia,  
Quer que sinta o sêr vivo!

A vida pela Dôr tem a consciencia,  
A' sensibilidade predisposta!  
Quem attingiu moral delicadeza,  
Buscando do Universo na immanencia  
A harmonia em si, na Natureza,  
Ordem, ou pensamento,  
Só com a Dôr arrosta!  
Não encontra senão o soffrimento.

Leva o conhecimento,  
 Da Dôr universal á condolencia :  
 Nova forma da sensibilidade,  
     E' o que nos eleva  
 Acima d'esta atroz fatalidade,  
     E oppõe á angustia séva  
     Uma benevolencia,  
 Dôr pela Dôr dos outros — a Piedade.

N'este cahos revolto, infindo, mudo,  
     De uma Dôr indistincta,  
 Que no sêr vivo indomita requinta,  
 E' o Amor, o Amor unico escudo !  
 Da mesma Dôr acorda a sympathia,  
 Na defeza os desalentados liga !  
 E dos éstos da ancia que profliga,  
 Faz religião e ideal da Poesia.

Do Universo na lugubre voragem  
     Escancarada, aberta,  
 A renuncia com intima coragem  
 De esperanças, de gosos, da miragem  
 Da psychose illusoria nos liberta !  
 O Amor é da renuncia porta aberta.

\*

Do Universo n'esta horrorosa trama  
     E interminavel lide,  
 Os que soffrem, a Dôr mais os divide  
 No grupo estranho -- *Aquelle que não ama.*  
     Esse vae arrastado  
     Pela corrente cega  
 Por paixões e appetites dominado,  
     E toda a vida emprega

Sem outra luz ideal  
Na sensualidade do animal,  
Vaidade do talento,  
Orgulho do Poder ou formosura,  
Na riqueza, ou na gloria de um momento,  
No odio do interesse...  
Tudo por fim perece  
Arrojados á paz da sepultura!

*O que não ama!* Esse entra e sae da vida  
Movido unicamente pelo espinho  
Cravado no seu sêr  
Do estímulo da cousa appetecida!  
E a final no cansado desalento  
Do illudido prazer,  
A morte o elabora em seu cadinho,  
Dá-lhe apaziguamento,  
Sem que, atterrado, a possa comprehender.

Os outros são *Os que amam!* Fazem esses  
Do Amor o ideal da vida;  
Amam o Bello, o Bem sem interesses;  
Das emoções, deliciosas mèsess,  
A Dôr é supprimida!  
O puro ideal os leva ao sacrificio,  
E então a Morte é-lhes da vida o inicio.

Esse Amor tem a expressão completa,  
Se á condolencia a alma nos conduz;  
A existencia da Dôr sempre repleta  
Foge á fatalidade,  
Aureolada de indefinida luz,  
Pela emoção suave da Piedade,  
Como a sentiram Budda e Jesus!

E' nossa mãe commum a Humanidade,  
 Em seu seio nos trouxe  
 Da civilisação á enorme altura!  
 Symbolo augusto e doce,  
 D'essa angustiada e ideal maternidade  
 A Virgem-Mãe é sempre a imagem pura.

A Virgem-Mãe, trazendo nos seus braços  
 Esse votado ao sacrificio, o Filho,  
 Que na renuncia funda a liberdade,  
 Com que célico brilho  
 Seu amor illumina os nossos passos,  
 Ensinando da condolencia o trilho!  
 Oh Mater Dolorosa! és a Piedade.

*(Cerra-se a cortina)*

## EXODIO

O POETA CHAUCER:

Dos Minnesaenger o Torneio é findo!  
 Do Magico Klingsor pelo prestigio  
 Sentiu Mathilde estranha obsessão:  
 Desejou vêr o seu Castello lindo!...  
 De tal fascinação,  
 Só do Santo Graal pelo prodigio,  
 De Percival liberta-a a expressão,  
 Restitue-lhe a alma á plena liberdade;  
 Longe da seducção que a hallucina,  
 Reconheceu que o Amor é a Piedade,  
 Condão, essencia da alma feminina;  
 Que só a mulher hade  
 Guiar o mundo á felicidade  
 Por esse dom de uma emoção divina.

*(Exit.)*

## IX

Terminado o espectaculo, eis se ostenta  
Logo a *Dansa das Tochas* delirante,  
Quasi como em festim esponsalicio.  
Cavalleiros e Damas se entrecruzam,  
N'um tropel em freneticos volteios,  
Passando o acceso facho, retomando-o,  
De mão em mão seguindo com presteza,  
Em convulsivos, incessantes risos,  
Buscando-se, envolvendo-se, fugindo  
Ao rodopio, quando é extincta a chamma,  
O serão real termina em desvario.

## X

Para Avranches, a singular combate  
Partiu Alvaro Vaz de Almada. A Flandres  
Vae Magriço levado pelo empenho  
De descobrir no genial quadro a Dama  
Que na côrte de Dom João Primeiro  
Retratará Van-Eyck, ignota imagem  
Denominada a *Bella Portugueza*.  
Como n'um vago sonho, o embala a ideia  
De entrevêr no semblante a realidade.  
Chegando a Flandres, soube facilmente  
Pela voz popular a egreja aonde  
O esplendido retrato se conserva,  
Sob a guarda de fervoroso culto.

Quantos a Flandres vêm, vão contemplal-o.  
Em maré de felicidade estava  
Magriço; soube aonde era a officina  
De Van-Eyck, e contente se dirige  
A' officina do immortal artista.

Subito sob impressão viva pára !

Pintava o artista o quadro religioso  
*Fons Vitae*, designado; fita os grupos  
Que estão da Pia baptismal á volta:  
Conhece o vulto de Dom João Primeiro,  
E os inclytos Infantes, que enumera.  
Ouvindo-o proferir aquelles nomes  
E o accento do portuguez idioma,  
Deixa o pincel Van-Eyck, e interroga  
O forasteiro, cuja voz desperta  
De Portugal lembranças jubilosas.  
Conta Magriço que motivo o trouxe  
Agora a Flandres, vindo de Inglaterra,  
Do Torneio dos Doze Portuguezes  
Em que tomara parte; aqui intenta  
Vêr, admirar a *Bella Portugueza*,  
Proclamada do genio a obra prima.  
Van-Eyck aperta a mão ao Cavalleiro,  
E diz cheio de alegre confiança :

— Eu mesmo irei mostrar-vos esse quadro.

## XI

Sáem. Perto era o templo, visitado  
Por quantos estrangeiros vêm a Flandres.  
Magriço escuta attentamente o artista :

— Muitos viajantes bem desejariam  
Conhecer de quem é esse retrato  
Que a todos impressiona. Eu só me lembro  
Que na Côrte do Mestre de Avis vira  
Uma Dama de ideal physionomia,  
Rosto oval de archangelica pureza,  
Quando lá estive pela vez primeira.  
Essa expressão suave de Piedade  
Revelaram-me as linhas do seu rosto,  
E assim fixei na tela todo o enlevo  
Do hieratico estylo! Oh não me esquece  
Que foi de Portugal, que eu de lá trouxe  
Novo processo de pintura a oleo,  
Que dá á côr os tons indefiniveis,  
Que fazem da Pintura a Arte suprema  
Sobre todas as outras formas da Arte. —

## XII

Magriço, todo absorto, não se farta  
De contemplar o quadro; e reunindo  
Reminiscencias vagas, que completam  
Situações que passaram, mal sabidas,  
Rompe o silencio em que estivera immerso,

Disse para Van-Eyck :

« Eu conheci-a

A *Bella Portugueza* ! Abandonara  
 A côrte... Ah, vós não o sabeis por certo ;  
 E' um drama tremendo, que impressiona !  
 Essa Dama gracil, e a mais fidalga,  
 Com ardor era amada ; o namorado,  
 Surprehendido a fallar-lhe á gelosia  
 No paço real á noite, fóra de horas,  
 Foi pelo rei Dom João Primeiro á morte  
 Condemnado ; e no pateo era cumprida  
 A sentença verbal no mesmo instante !  
 Deixou a Dama a côrte, desolada,  
 Ninguem soube mais d'ella. Referiam  
 Que a internara o rei em um mosteiro  
 De regra austera de severas Donas ;  
 Outros contavam com maior verdade,  
 Que em completa renuncia de si mesmo,  
 Foi ser *Emparedada* ; aonde ? ignoram. »

Contemplava Van-Eyck esse retrato  
 A nova luz ; outra expressão lhe encontra ;  
 E murmurando como alheio á vida :

— Vi-a radiante em plena formosura  
 A *Bella Portugueza*...

E espontaneas

Mudas lagrimas sulcam-lhe o semblante :  
 — Eu bem posso affirmar-vos, Cavalleiro,  
 Que era ainda mais bella que o retrato,  
 Que os longes fixa da visão etherea.



## XIII

Possue Magriço a comprehensão completa  
Do sentido d'aquelle mote vago  
*Plus est belle qu'ymage!* Então se lembra  
De já ter visto casualmente e a furto  
Traços vivos da ideal physionomia  
Na *Emparedada* humilde das Virtudes,  
Ao passar em romagem pelo Porto :

— Como eu a amara, se ella ao mundo ainda  
Pertencesse ! Não pode já ser minha.  
Diante d'este retrato renuncio  
Ao amor de mulher ; e d'ora em diante  
Voto o meu peito a um amor mais alto,  
Alentando-me o generoso impulso  
Pela ditosa e tanto amada Patria. —

## XIV

Teve Magriço em Flandres a noticia,  
Que á côrte de Inglaterra era chegada  
Uma carta do rei Dom João Primeiro,  
Chamando á pressa e com instancia viva  
Os Doze Cavalleiros portuguezes  
Que na Estacada de Smithfield foram.

O motivo ?

Dizia-se que o Mestre  
 Organizava expedição guerreira  
 De occupação da costa Tingitana.  
 Quer dar campo da honra a esses Doze  
 Inaltecidos no Torneo de Londres,  
 Provando agora em Africa suas lanças ;  
 Que os Algarves de áquem, na lusa terra,  
 Por além-mar em Africa se estendam,  
 E que as Columnas de Hercules baqueiem.

Ah ! se n'essa phalange generosa  
 De Alvaro Vaz de Almada o nome falta,  
 Certo é que pela Europa alastra a gloria  
 De Portugal em estrondosos feitos.  
 E se o Magriço não accode ao brado  
 Que a lusa mocidade chama a Ceuta,  
 Forçado é hoje a prolongar a ausencia  
 De Portugal, da patria, em nobre causa :  
 Da Condessa de Flandres em serviço,  
 Que um desaggravo á sua espada exora,  
 Honra e justiça o nome lhe eternisam.

## XV

Pouco antes do momento da partida  
 Dos Cavalleiros portuguezes, gratos  
 A's distincções da Côrte de Inglaterra,  
 No grupo alegre o Duque de Lencastre

A João Pereira busca, a João Pereira  
Vem fallar, e á presença conduzil-o  
Do soberano que o ouvir deseja :

«Quer Ricardo Segundo, que perdôa  
O accesso de colera indomavel  
Que vos fez derrubar Austin por terra,  
Quer saber qual o *Gab* interrompido  
Pelo fatal successo do banquete  
Nos Paços de Saboya! Empenho grande  
Tem em reconhecer o enorme arrojô  
Que reflectir deveis na phantasia.  
Condescendei em vir communicar-lhe,  
Para ser agradavel ao monarcha,  
O *Gab* interrompido.»

João Pereira

Por juvenil, e genio resolutô;  
A' presença do Rei segue contente.  
Affavelmente o acolhe, e entrerindo,  
O Rei jovial o escuta bondadoso.

— Senhor! já que me honraes com vosso empenho,  
Appresento o meu *Gab*; é a bitola  
Com franqueza da phantasia minha:

Abyla e Calpe! de Hercules Columnas  
Postas á audacia humana por limite,  
Em epoca de trevas importunas,  
Abaterei em uma e outra plaga!  
A Divisa do *Non plus ultra* apaga  
Minha mão! Tal ameaça não permite!

Em eccos prolongados  
 Sôe em pregão grandiloquo e profundo:  
 Vou alargar o Mundo  
*Por mares nunca d'antes navegados! —*

Ouvindo o Gab ingente, que o encanta,  
 O Rei sorriu-se, e pede que o repita;  
 De enthusiasmo em amical transporte  
 Dá-lhe um amplexo, e espontaneo exclama:

= Por mim os Companheiros teus abraça  
 Na sincera emoção da despedida. =

## XVI

Ao voltar ao saudoso grupo, o Duque  
 Felicitou alegre os Portuguezes,  
 Pela alta Empreza em uma carta expressa,  
 Que El-Rei Dom João Primeiro communica  
 Ao soberano inglez:

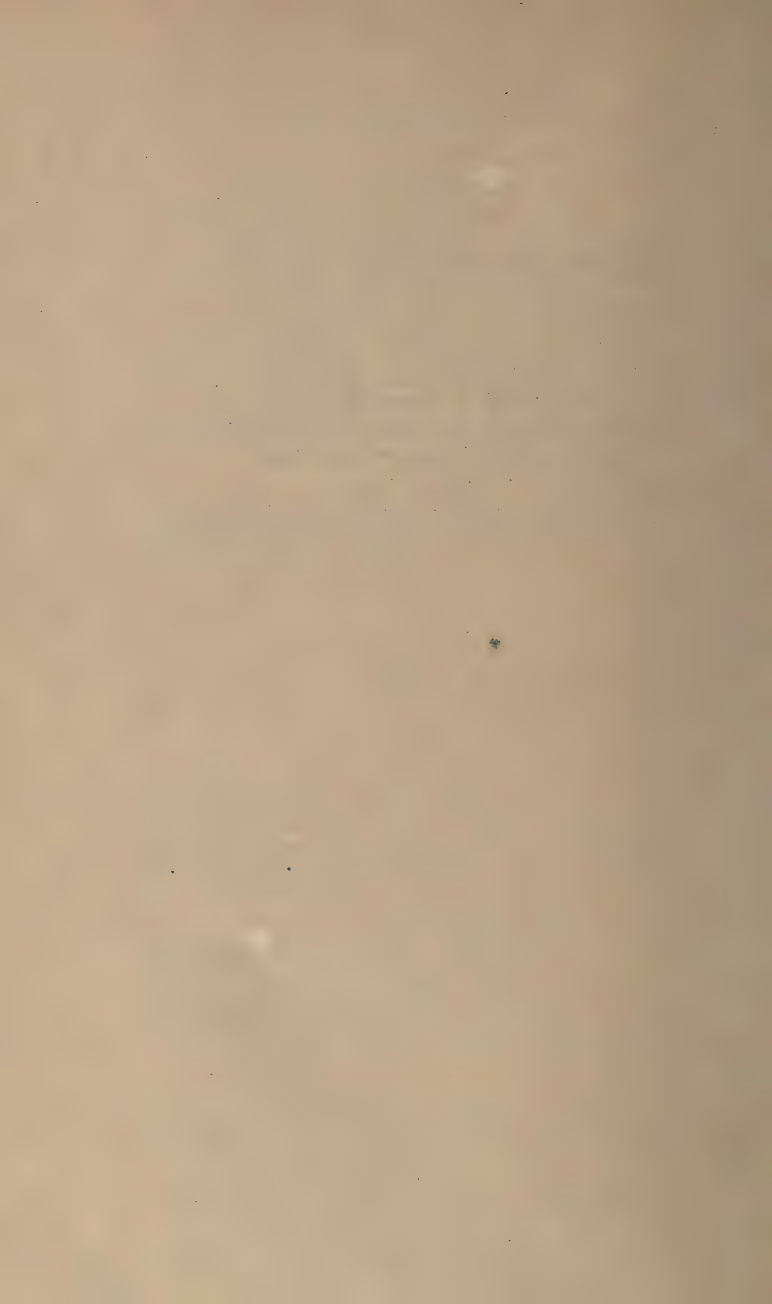
«Arde em desejo  
 De ir provar os valentes Cavalleiros  
 Na Jornada de Ceuta, para onde  
 Quer estender de Portugal o Imperio!  
 Presto organisa a Empreza Tingitana.»

Por enthusiasmo louco arrebatados  
 De irem bater-se em Ceuta:

---

— Gloria ao Mestre!—

Gritam Alvaro Mendes de Cerveira  
E Martim Lopes de Azevedo ; crentes  
Na conquista gloriosa que entrevêm  
Já Ruy Gomes da Silva e João Pereira  
Com Soeiro da Costa renunciãem  
A's aventuras do amor, jurando  
Nas muralhas de Ceuta alçar as Quinas,  
E derrubando todas as mesquitas,  
A' cidade do réfece Agareno  
Dar-lhe no proprio sangue o seu baptismo.



EPILOGO

O CREPUSCULO DA HISTORIA







SARPA a Náo Frol da Rosa, e faz-se ao largo,  
Singrando, mar em fóra a todo o panno,  
Na róta de Lisboa. O nobre Troço  
Dos Cavalleiros portuguezes volta  
A' Patria pelo Amor dignificado,  
A' Patria, pela Acção, de ora em diante  
Na generosa Empreza engrandecida,  
De dilatar á Humanidade o mundo.

Eil-a a missão do Peito lusitano.

E emquanto vão sulcando o Oceano vasto,  
No saudoso regresso, sobre as aguas  
Viu-se um clarão como suave e esparso  
Phantastico luar. A marinagem  
O luminoso ponto contemplando,  
Que espalha discos de palhetas de ouro,  
Cuida vêr uma LYRA que fluctúa !

Não-é só do fulgor que vem o assombro,  
Irradiando como Estrella Nova ;  
Escutava-se no ár a resonancia  
De uma equórea harmonia immensa, um canto  
Na linguagem humana intraduzivel !  
Attentos, tudo escutam com surpresa,  
Nada alcançam da infinda melodia.

Alto mysterio aos seculos se ostenta.  
Era a LYRA DE ORPHEO, illuminando  
O Mar que abrange os Continentes ambos,  
Patenteado á acção consciente do Homem ;  
Era o cantico novo, suggerindo  
Mais bello Ideal aos Poetas de uma edade  
Em que a lucta pacifica triumphava :

## PLUS ULTRA

(RHAPSODIA)

### I

O élo que prendia  
O homem moderno ao Mundo antigo, um dia  
Quem quebrantal-o ousa ?  
E' de um pequeno Povo a valentia,  
Como anjo ao revolver sepulchral lousa,  
D'onde o immortal espirito irradia.

De um Mar exiguo e interior nas bordas  
Sobre o Mediterraneo, como pharos,  
Lyra das Sete cordas  
Em um concerto ideal,  
Ergueram-se Nações e Imperios claros:  
O Egypto, Aram, Phenicia e a Judeia,  
Grecia, Roma, Carthago, a acção e a ideia,  
A Civilisação Occidental!

A prolongar-se veiu este alto impulso  
Pelo prestigio excelso do passado  
A's Nações do Occidente subjugadas!  
De quem será o pulso  
Que se atreva a romper o ambito estreito?  
Ah, qual será na terra o Povo eleito  
Mais que os outros ousado,  
Transpondo no orbe as regiões sonhadas!

## II

E' Portugal! que rompe audacioso  
Esse Mar interior quasi sagrado,  
Pelas Columnas de Hercules fechado!  
Para o Mar Tenebroso  
O panno ás Nãos desferra,  
E altivo toma posse denodado  
Do Oceano universal que cinge a terra.

E' Portugal! — esse pequeno Povo,  
Que patentêa a arena  
A' actividade ingente do homem novo!  
Em não sulcados mares lança a antenna,  
E unindo agora a um o outro Hemispherio,  
Um pensamento o absorve:  
Dar ao expulso do Eden o imperio  
Pleno e inteiro do Orbe!

## III

Exclama a Grecia — que sentiu primeiro  
O humano ideal do universalismo,  
Sem ter logrado dar-lhe realidade:

«Dei a expressão do Bello á humanidade,  
E a consciencia ao individualismo;  
Mas, terrivel nevoeiro  
Das bandas do Oriente,  
Sobre as almas espalha de repente  
A sombra de Mil annos de tristeza!

Ficando inerte, preza  
A contemplar a morte e a cova aberta,  
Da tremenda apathia se liberta  
A Humanidade pela Acção. Mas, como  
Poderá Portugal, que eu mal assômo,  
Realisar tal Empreza?»

Falla Roma, — que impavida fundara  
A Lei, dando a Justiça essa harmonia  
Sobre a concordia mutua das vontades :

«Fiz do Direito esplendida Poesia,  
Que trouxe os Povos ante uma mesma ára,  
Unificando todas as Cidades  
    Em uma Patria humana!  
De Paz e Ordem a grandiosa traça  
    Que eu construi ufana,  
    Toda caíu em ruina,  
    Quando o Dogma da Graça,  
Com a credulidade da rudeza,  
    A vontade divina  
Contrapoz sobre as Leis da Natureza!

«Como hade Portugal sahir agora  
Da religiosa cerração espêssa,  
    Que envolve o Velho mundo ?  
E da idade moderna que começa  
    Rasgar á nova aurora  
    Mar de trevas profundo ?  
Pequeno o Povo, e d'esse Dogma preza,  
D'onde haurir forças para tal Empreza ?»

Falla a França — que a continuidade  
Mantem do ideal hellenico e romano :

«Eu proclamei a Confraternidade  
Pela revolta contra o jugo insano  
Dos Barões sobre as raças expoliadas ;  
    Levou a união não vista

O Povo ao desvariò das Cruzadas,  
De um Sepulchro á insolita conquista!  
Do collapso lethal o homem se erga,  
Tornado de si mesmo Providencia;  
Um outro céu, outro horisonte enxerga,  
Em vez da Fé — a Sciencia.  
Com que recursos Portugal emprehende,  
Elle, pequeno, assim tamanho feito?  
Quem para a ousada aspiração o incita?  
Quem para amar propende,  
Por certo o Amor agita  
O lusitano Peito!»

## IV

Têm os pequenos Povos  
Sempre um Ideal que os fortifica e impelle:  
Vêde como Israel  
Trouxe ás consciencias uns consolos novos,  
No sonho de Adonai  
Dando ás raças um universal Pae!

Com audacia infinita  
A Portugal força intima o incita,  
Leva-o com espanto  
Como porta-estandarte da nova éra!  
Elle dá realidade á gran chimera.  
Poder do Amor! Amor da Patria santo.  
Do Mediterraneo o estreito berço  
Das Civilisações do mundo antigo  
Rompe, e affronta o perigo  
No tenebroso Mar sulcando terso.

E' pelo Amor, Amor da Patria immenso,  
Que Portugal affronta ousado os mares,  
    Vencendo mil azares  
    Do Oceano iracundo !  
Mais á gloria que a lucros é propenso ;  
Abre a rota do Oriente, e dá ao mundo  
Campo infindo de acção, esforço e vida  
Por onde a Humanidade ardente lida.

v

Ai, se este Povo, que o passado affronta  
E a veredas incognitas se arroja,  
    Se com o ouro defronta,  
    E na abjecção se roja !  
Toda essa valentia e tanto heroismo,  
Todo o vigor moral que ao tempo imprime,  
    Baquearão no desdoiro,  
    De que não se redime ;  
Se em vez do Amor da Patria, que sentia  
E lhe dava a humana hegemonia,  
Deixa absorver-se por venal Thesouro...

FIM





NOTA

SOBRE

OS DOZE DE INGLATERRA





No canto vi dos *Lusiadas* tratou Camões como episodio epico em vinte e sete bellas outavas a tradição graciosa da aventura cavalheiresca dos *Doze de Inglaterra*. O seu genio esthetico comprehendeu a belleza d'esse quadro, para synthetisar a epoca de D. João I, na qual estavam em voga as Novellas da Tavola Redonda e do Santo Graal, a ponto de terem os nomes dos personagens d'esses poemas das aventuras do Amor penetrado na vida civil da fidalguia portugueza, como *Tristão, Percival, Isêa, (Yseult) Viviana, Oriana*. O proprio D. João I equiparava-se diante dos seus Cavalheiros ao bom *Rey Arthur*, e via em cada um d'elles a imagem dos Companheiros da *Tavola Redonda*.

E' no meio dos enfados da viagem incerta da frota de Vasco da Gama, e quando o destino prepara novas catastrophes para os Navegadores vencerem, quando vigiam á amurada entre os silvos da rajada e o somno da fadiga que os accommette, que se lembram de procurar a distracção nos contos de amor e de bravura:

«Remedios contra o somno buscar querem, — Historias contam, casos mil referem.»

N'este quadro da epopêa figuram esses dois personagens lendários da Expedição de Vasco da Gama, o namorado Leonardo Ribeiro e o chistosissimo Fernão Velloso, que apparecem em outros logares dos *Lusíadas*. Do primeiro diz o Licenciado Manoel Corrêa: «Este soldado se chamava Leonardo Ribeiro, segundo me disse Luiz de Camões, perguntando-lhe por elle, mancebo desenvolto, dizidor e grande namorado.» (*Comm.*, Cant. VI, est. 40.) De Fernão Velloso fallam Castanheda e João de Barros em suas *Chronicas*, com o mesmo character com que o retrata o poeta, semelhante ao que apparece no *Roteiro de Vasco da Gama*. Quando os marinheiros queriam passar a vigilia tempestuosa com contos alegres:

Responde Leonardo, que trazia  
Pensamentos de firme namorado:  
— Que Contos poderemos ter melhores  
Para passar o tempo, que de amores?

«Não é, disse Velloso, cousa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do mar, que tanto custa,  
Não soffre amores, nem delicadeza;  
Antes de guerra fêrvida, e robusta,  
A nossa historia seja. . . . .»

Encarregam por isso a Velloso o contar a historia do genero que propoz, e elle obedecendo justifica o seu intuito:

. . . porque os que me ouvirem d'aqui aprendam  
A fazer feitos grandes de alta prova,  
Dos nascidos direi da nossa terra,  
E esses sejam os *Doze de Inglaterra*.

Seguem-se depois as bellissimas, galhardas e inimitaveis vinte e sete estrophes, em que relata Camões a aventura dos Doze cavalleiros portuguezes que foram em desaggravo das Damas inglezas á antiga patria dos paladinos de Arthur. Ariosto nunca foi mais feliz no *Orlando*, e quadros assim distribuidos por toda a narrativa dos *Lusiadas*, levaram Frederico Schlegel a considerar Camões muito superior a esse ultimo troveiro litterario de Italia.

D'onde colheria Camões esta tradição nacional que apparece pela primeira vez tratada por elle artisticamente? As chronicas do reino não alludem a semelhante lenda. Apenas Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda* (Cap. 46) traz uma referencia como a facto conhecido: «E em tempo del Rey don João de boa memoria sabemos que seus vassalos no cêrco de Guimarães se nomeavam por cavaleyros da Tavola redonda, e elle por el rey Artur. E de sua côrte mandou treze cavaleyros portuguezes a Londres, que se desafiaram em campo çarrado com outros tantos ingrezes nobres e esforçados, por respeito das Damas do Duque Dalencastro.» E' a referencia de Jorge Ferreira pouco posterior a 1554, quando Camões apenas iniciara o primeiro canto dos *Lusiadas*.

O licenciado Manoel Corrêa commentando o episodio, explica circumstancias que se não encontram apontadas no Poema, e como que seguindo uma Relação manuscripta: «Esta historia conta aqui Luiz de Camões, mas como no verso nunca se diz tão claramente que se excuse declaração, fiz aqui este breve discurso...» E commentando o ultimo verso da outava 43, diz: «A differença que ha entre a Relação e os versos de Luiz de Camões é, que na Relação se diz, que a briga foi a pé, com maças de ferro no principio e depois com es-

*padas*. Luiz de Camões diz que foi a cavallo. Mas não temos certeza, por ser cousa sem memoria; em Inglaterra dizem que a ha.» Pela parte que Pedro de Mariz teve na publicação dos *Commentarios* de Manoel Corrêa em 1613, pode-se inferir que elle mesmo lhe fornecera indicações contidas na *Relação* manuscrita a que o licenciado allude. Assim, nos *Dialogos de varia Historia*, publicados em 1594, Pedro de Mariz inclue uma narrativa da aventura dos Doze de Inglaterra, referindo-se a uma *Chronica antiqua hujus temporis*:

«Em tempo d'este rei (sc. D. João 1) aconteceu tambem aquelle grande feito em armas dos *Doze de Inglaterra*, a que o nosso Camões deu egual gloria á que mereciam. Porque sendo em aquelle tempo em Inglaterra algumas damas do paço motejadas pelos cavalleiros inglezes de muito feias, e pouco para amadas, e taes, que nenhum cavalleiro por força de armas lhes ousaria contradizer isso, e mostrando egual sentimento á magoa que tinham de não haver cavalleiros no reino, que com estes se ousassem combater, por serem os melhores e mais esforçados de todo elle. A isso acudiu o Duque de Lencastre, que presente se achava, a petição d'ellas, dizendo-lhe estas palavras:

« — Eu em minha côrte não acho cavalleiros, que se queiram combater com est'outros, porém dar-vos-hei um conselho se vós quizerdes, e é tal. Quando eu andei em Portugal, vi na batalha que El rei meu genro deu a El rei de Castella, muitos e bons cavalleiros em feitos de armas; se vós quizerdes, eu vos nomearei *Doze*, os quaes eu conheço, e escreverei a El rei meu genro, que lhes dê licença, se elles quizerem tomar esta Empreza, e vós escrever-lhe-heis a cada um sua carta, e eu tambem, e querendo elles vir, sereis satisfeitas de vossa injuria.

«Então fez logo o Duque escrever os nomes d'aquel-

les que lhe pareceram, cada um em seu papel, e os nomes d'ellas da mesma maneira; lançaram sortes, e aconteceu a cada Cavalleiro sua Dama, que eram doze as mais aggravadas; de maneira que, pelo nome sabia já cada Dama qual era o seu Cavalleiro pela sorte que lhe acontecera. Depois d'isto, fazendo ellas e o Duque a cada um sua carta, e havida a licença de El rei de Portugal, e por elles alegremente accedido o partido, todos se pozeram ao caminho; onze d'elles se embarcaram em a cidade do Porto, e um se foi por terra, para mais á sua vontade exercitar as armas, mas com protesto, que se a vida lh'o não atalhasse, elle seria com elles no dia aprazado, que era pelo Espirito Santo. Estes Cavalleiros, se affirma, que eram os mais d'elles dos logares que estão pelas faldas da Serra da Estrela, e que um se chamava Alvaro de Almada, outro Alvaro Gonçalves Magriço, outro Pacheco, outro Pedro Homem, e outros. Dos quaes chegados os Onze a Inglaterra, dois dias ante do Espirito Santo, todas as Damas estavam muito contentes com taes defensores de sua honra; senão aquella a que coube em sorte Alvaro Gonçalves Magriço, que era o que por França caminhava. Mas a esta tristeza acudiram os onze, promettendo-lhe, que quando a morte impedisse seu companheiro (porque só isso o podia fazer) elles se combateriam por todas e cada um d'elles tomaria á sua conta o desagravo d'esta dama. Estando n'estas desconfianças, chegou o Cavalleiro, e junto com os companheiros, assegurado o campo, e ordenadas as mais cousas em taes actos de armas costumadas, feitos grandes cadafalsos, em que grandissimo numero de gente estava presente em a cidade de Londres, metropole de Inglaterra, entraram os competidores, e de novo se desafiaram. Então começaram de se *combater primeiro com maças de ferro, e depois com espadas; de modo*

que a batalha foi mui cruel, e tão dura e bem pelejada, que começaram pela manhã, e á hora da terça descansaram; e quando veiu a segunda batalha, apertaram os portuguezes tanto com elles, que os lançaram fóra do campo, com outo d'elles mui feridos, em que fizeram grandes provas em armas, e se deram golpes, que puzeram espanto a todos os que os viam. E assim do Duque, como dos fidalgos, e mais gente foram os Portuguezes victoriosos mui louvados, e acompanhados com grande alegria e das Damas recebidos, como taes obras mereciam. Feito isto os nove se tornaram a Portugal, e os tres ficaram por aquellas partes; fazendo taes obras em armas, que um d'elles alcançou de el rei de França o Condado de Abranches em França, pelas obras que em seu serviço fizera. Este é o que depois veiu a morrer na Batalha de Alfarrobeira como adiante diremos.»

Vê-se pela circumstancia das *maças de ferro*, que tanto Manoel Corrêa como Pedro de Mariz tiveram presente a mesma Relação manuscripta; qual seria pode talvez inferir-se pelo documento, que existia na Livraria do Conde de Vimeiro, sob o n.º 94:

— «Miscellanea em que estão versos e Cartas curiosas: Poesias de Pedro Affonseca de Vasconcellos; Instrucções de Gaspar Gil Severim a seu filho, quando embarcava; *Catalogo dos Doze de Inglaterra*; dos Grandes de Hespanha, etc.»

Manoel de Faria e Sousa, no Commentario ao Canto VI dos *Lusiadas*, estancia 43, tambem allude á Relação: «Yo quando no hubiera visto un *Papel antiguo d'este successo*, le tuviera por verdadero, forçosamente, etc.» E accrescenta, ao commentar a estancia 50: «Ademas de los auctores conocidos, en que lo hallamos, siendo el ultimo Manoel Soeiro, en los *Anales de Flandres*, hubo en nuestro poder un *Papel antiguo*, en que



toscamente se referia este caso, que tienen por apocryfo algunos escrupulosos...» A forma tosca significa a simples indicação dos nomes dos Cavalleiros; Faria e Sousa consideraria como auctoridade historica o segundo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, (1614-1693) que teria conhecido o *Catalogo dos Doze de Inglaterra* da Livraria do Conde de Vimeiro, denunciado em 1724 á Academia da Historia, em uma Conta por um outro Ericeira. Manoel Corrêa e Pedro de Mariz citam os mesmos nomes de Cavalleiros, que foram depois completados em nota marginal á edição dos *Dialogos* de 1758. Escreve Manoel Corrêa, citando os nomes de cinco d'esses Cavalleiros: «entre os quaes era um *Alvaro Vaz de Almada*, que depois foi Conde de Abranches em França, e outro, *Alvaro Gonçalves Coutinho*, de alcunha o *Magriço*, filho do primeiro marechal Gonçalo Vasques Coutinho e irmão de D. Vasco Coutinho, primeiro Conde de Marialva. E outros diziam que se chamava *João Pereira Agostim*, filho de Gil Vasques da Cunha, senhor das terras de Basto e de Montelongo, e Alferes-mór d'el-rei D. João de Boa memoria. Os outros, um d'elles se chamava *Pacheco*, e outro *Pedro Homem*, e outros, que eram por todos doze e todos mui esforçados e valerosos Cavalleiros.»

Pelos nomes vulgarisados pelo *Catalogo*, espalharam os genealogistas do seculo xvii algumas noticias, illustrando as linhagens com referencias á parte tomada na aventura dos *Doze de Inglaterra*. Na *Pedatura lusitana*, inedito genealogico do seculo xvii, fallando-se de *Alvaro Vaz de Almada*, acrescenta: «e foi um dos *Doze Pares de Inglaterra*.» <sup>1</sup> Seria pela vaidade

---

<sup>1</sup> Tom. II, fl. 212, v. Ms. da Bibl. municipal do Porto.

genealogica que os nomes dos Cavalleiros foram-se augmentando além dos Doze. Nos *Parellelos de Principes e Varões illustres*, Francisco Soares Toscano cita um, que não apparece nas listas correntes dos Doze de Inglaterra; ao fallar de *Vasco Annes Côrte Real* escreve: «Foi o primeiro que teve este nome, que El rei D. João I deu pela facilidade com que se offerecera ao *desafio dos Cavalleiros de Inglaterra*, onde foi com onze Companheiros sobre o agravo das Damas inglezas, em que entrou *Alvaro Gonçalves*, o *Magriço* de alcunha. Foi este Vasco Annes fronteiro mór de Tavilla, grande cavalleiro, e de tão prodigiosas forças, que excedem o credito humano. — Este foi o Cavalleiro que em Inglaterra venceu um inglez em um desafio, que trazia por armas a cruz simples vermelha, que elle por memoria de seu vencimento applicou ás suas antigas armas dos Costas...» Em outros escriptores do seculo xvii é frequente a referencia aos Doze de Inglaterra, como vêmos no ascetico Bernardes. Quasi com o mesmo titulo que traz Toscano, publicou-se em Lisboa em 1732 um folheto, ou pliego suelto, com o titulo *Desafio dos Doze de Inglaterra, que na Côrte de Londres se combäteram em desagravo das Damas inglezas*, escripto por Ignacio Rodrigues Vedouro; ahi citam-se os nomes dos aventureiros completando-os com os cinco apontados por Manoel Corrêa e Pedro de Mariz: *Rui Gomes da Silva*, *Alvaro Mendes de Cerveira*, *Martim Lopes de Azevedo*, *Luiz Gonçalves Malafaia*, *Soeiro da Costa* e *Alvaro de Almada*, o *Justador*. Tem o folheto suas pretenções a chronica, mas é escripto em um estylo rhetorico que deixa a nú a intenção calculada; segue os *Lusiadas* na descripção do combate a cavallo, mas declarando que foram seus subsidios Manoel Corrêa, Faria e Sousa e o 2.º Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes; vulgarisou o que em 1724 constava

---

do *Catalogo dos Doze de Inglaterra*, da Livraria do Conde de Vimeiro. <sup>1</sup>

Da mesma forma que as Tragedias gregas foram o desenvolvimento scenico dos episodios da *Iliada*, assim na Epopêa de Camões procuraram os poetas dramaticos do seculo xvii assumptos tradicionaes; Jacintho Cordeiro escreveu uma Comedia famosa intitulada *Os Doze de Inglaterra*; na renovação litteraria do Romantismo tambem Garrett começou um poema digressivo sobre a lenda do *Magriço*, de que existem alguns fragmentos publicados por Gomes de Amorim nas *Memorias biographicas de Garrett*.

Na autobiographia de Garrett, publicada anonymamente no *Universo pittoresco*, falla do *Magriço e os Doze de Inglaterra*: «poema de um genero caprichoso, uma cousa entre o *Orlando* de Ariosto, e o *D. João*, de Byron; tinha por titulo e acção principal o *Magriço e os Doze de Inglaterra*; mas excentrico e indeterminado na sua esphera, abraçava todas as cousas antigas e modernas, e ora philosophava austeramente sobre os desvarios d'este mundo, ora se ria com elles;... Este poema, de que por intervallos sabemos que o auctor se andou occupando até ao anno de 1832 (nove annos de vida) em que tinha consignado as impressões de suas variadas viagens, e que era realmente uma rica e immensa collecção de variadissimos stylos poeticos, veiu a perecer, com muitos outros trabalhos litterarios e

---

<sup>1</sup> Na *Historia de Camões*, Parte II, de p. 429 a 434, tratamos esta tradição, estudada depois pelo Dr. João Teixeira Soares em um pequeno ensaio *Os Doze de Inglaterra*, publicado na nossa revista *Era Nova*, p. 448 a 466. Lisboa. 1881. N'esta nota completamos os dois estudos com as nossas ultteriores descobertas.

scientificos do auctor, na entrada da barra do Porto com a perda de um navio, que no fim d'esse anno vinha dos Açores, e ahí metteram a pique as baterias inimigas. Grandes fragmentos d'aquelle poema foram vistos por muitas pessoas de quem houvemos estas informações. E' uma verdadeira perda para a litteratura portugueza, que dos vinte e tantos cantos, que já estavam compostos e que levavam o heroe até á estacada de Smithfield em Londres (onde se pretende que fôra o combate dos Doze) é pena, dizemos, que não possa salvar algum a reminiscencia do auctor. Mas temos-lhe ouvido protestar, que nunca mais poderia achar-se nas diversas disposições de animo em que estivera ao compôr aquelles variados cantos.»

Em carta datada de Londres, de 17 de Janeiro de 1831, escrevia Garrett para um amigo em Hamburgo, descrevendo-lhe o trabalho da idealisação do poema, alludindo ao começo da acção: «Eu continuo ainda adoentado, porém muito melhor: mas, com os incomodos do *poeta* tem medrado os negocios do *Cura*; e observará a primeira vez que lhe apparecer essa alma branca, que hade vêr mais desassombrada e despenada. E comtudo, quanto ao despeno final, não sei quando será, nem como, porque o panno da obra tem dado de si e achò-me contra a minha espectação, com mais do que para mangas.» E depois de esboçar o elenco das aventuras de Magriço e dos Doze de Inglaterra, que tinham de estender-se por trinta cantos, torna a alludir ao episodio inicial: «Com que, meu bom amigo, por este *exposé*, que pode, se julgar conveniente, communicar ao *Cura* na primeira conferencia, — verá, que me faltam pelo menos bons cinco cantos para acabar a obra, e tirar do Purgatorio o *director da consciencia quixotina*. — Mas, ou muito me enganam esperanças ou por todo este mez, principios do outro, o

homem está no céu, e santo approved e confirmado como os que o são. Pouco espero, é verdade, que em se pilhando canonizado, o maganão do *Cura* lhe importe mais com o caritativo poeta que o despenou, e guarde de criticos e mordedores a obra que o salvou, mas faça a gente uma obra boa, e deixar ingratos por santos que sejam.» <sup>1</sup>

O amigo a quem endereçara esta carta poz-lhe a nota explicativa da referencia ao *Cura* no poema *O Magriço*: «Contava o poeta no 1.º canto, que estando elle uma noite de inverno ao fogão, lhe apparecera a alma do P.º Cura, que condemnara ao fogo os romances de Cavalleria que compunham a livraria de D. Quixote, e lhe revelara como por aquelle nefando desacato fôra por S. Pedro impedido de entrar as portas do céu, a que as suas virtudes lhe dariam sem isso facil accesso. Era preciso, segundo a declaração do divino porteiro, que um Poeta peninsular desaggravasse os nomes de tantos e tão donosos auctores condemnados pelo Cura á fogueira, escrevendo um romance de Cavalleria. Só então poderia o pobre Cura sahir do Purgatorio e recolher ao céu.» <sup>2</sup>

Quando em 4 de Fevereiro de 1899 commemoramos o Centenario do nascimento de Garrett, em sessão publica da Academia real das Sciencias, tomámos este quadro do Cura manchego imaginado pelo excelso poeta, como ponto de partida da nossa idealisação do thema tradicional dos *Doze de Inglaterra*, de que appareceu o primeiro excerpto. Foi a homenagem que mais significava a admiração pelo genio que soube fortalecer Portugal fazendo-lhe sentir as tradições nacionaes.

---

<sup>1</sup> Apud *Memorias biographicas de Garrett*, t. 1, p. 524.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 511.



# INDICE

---

	Pag.
RASÃO ESTHETICA. . . . .	V
PROEMIO . . . . .	1

## OS DOZE DE INGLATERRA.

INVOCACÃO . . . . .	9
Canto I. O agravo das Damas. . . . .	13
— II. No paço de Saboya. . . . .	33
<i>Percival errante.</i> . . . .	39
<i>O Perdão de Lohengrin.</i> . . . .	52
— III. Patria e Amor . . . . .	67
<i>A Ala dos Namorados</i> . . . . .	70
— IV. A Mensagem ducal . . . . .	81
— V. Na Sala das Pêgas . . . . .	91
<i>Crisauto de Amadis.</i> . . . .	106
<i>Amor e Morte</i> . . . . .	111

	Pag.
Canto VI. O Festival da Partida . . . . .	113
<i>Cantilenas de Roland:</i>	
I. A Irmandade heroica . . . . .	124
II. A guerra de Hespanha . . . . .	130
III. O Passo de Roncesval . . . . .	134
IV. O ecco de Oliphant . . . . .	137
— VII. A Não Frol da Rosa. . . . .	141
— VIII. O Voto do Magriço . . . . .	157
I. Calix iste . . . . .	184
II. O osculo da traição . . . . .	186
III. Lenda da Andorinha . . . . .	187
IV. Barizel . . . . .	190
In Garlandia. . . . .	193
— IX. Na Côrte ingleza. . . . .	199
— X. O Torneio de Londres. . . . .	211
— XI. Os Gabs do Banquete . . . . .	229
— XII. A Empreza Tingitana . . . . .	243
<i>Entremez da Camara Estrellada</i> . . . . .	254
EPILOGO: O Crepusculo da Historia. . . . .	279
<i>Plus ultra.</i> . . . . .	282
NOTA: Sobre os Doze de Inglaterra. . . . .	289
INDICE . . . . .	303





**THEOPHILO BRAGA**

*Visão dos Tempos* (Epo-  
pêa da Humanidade).  
Obras poeticas com-  
pletas. 4 vol. . . . . 2\$400

“Oggi finalmente tutti i  
poemi di Teofilo Braga cioè:  
*Visão dos Tempos, Tem-  
pestades sonoras, Torrentes,  
Ondina do Lago e Mira-  
gens seculares*, trovansi  
reuniti in quattro grossi  
volumi, sotto il titolo co-  
mune: *Visão dos Tempos*. I  
detti poemi, disposti per or-  
dine cronologico e filoso-  
fico, costituiscono l'Epopea  
dell'Umanità, nonchè uno dei  
più grandi monumenti poetici  
di tutti i secoli. Come ben di-  
ceva Anthero de Quental,  
rimane il dubbio, se que-  
gli episodii abbia scritto  
un poeta contemporaneo di  
essi, ovvero un poeta dei  
nostri tempi.”

Ant. Padula, *Camoens  
e i nuovi Poeti portoghe-  
si*, p. 59.

*Introdução e theoria da  
Historia da Littera-  
tura portugueza*. 1 vol. 700  
*Sã de Miranda e a Es-  
chola italiana*. 1 vol. . 700  
*Bernardim Ribeiro e o  
bucolismo*. 1 vol. . . . . 700  
*Gil Vicente e as origens  
do theatro nacional*. 1  
volume . . . . . 800  
*Eschola de Gil Vicente  
e desenvolvimento do  
theatro nacional*. 1 vol. 800  
*A Arcadia Lusitana*. 1 v. 1\$000

*Filinto Elysio e os dissi-  
dentes da Arcadia*. 1 v. 1\$200  
*Patria portugueza*. 1 vol. 600  
*Modernas ideias da Lit-  
teratura portugueza*.  
2 vol. . . . . 1\$500  
*Camões e o sentimento  
nacional*. 1 vol. . . . . 600  
*Lendas christãs*. 1 vol. . 700  
*As civilizações Semitas*.  
1 vol. . . . . 1\$000  
*Historia da poesia mo-  
derna* . . . . . 150

**ÊÇA DE QUEIROZ**

*A reliquia* . . . . . 1\$000  
*Crime do padre Amaro*. 1\$200  
*Minas de Salomão*. . . . 600  
*O mandarim*. . . . . 500  
*Os Maias*. . . . . 2\$000  
*In memoriam*. . . . . 2\$000  
*O primo Bazilio* . . . . 1\$000  
*Revista de Portugal* . . . 12\$000  
*A Cidade e as Serras*. . . 800  
*A Illustre Casa de Ra-  
mires* . . . . . 1\$000  
*Correspondencia de Fra-  
dique Mendes* . . . . . 600  
*Contos* . . . . . No prêlo  
*Chronicas* . . . . . ”  
*Echos de Paris* . . . . . ”

**BAZILIO TELLES**

I *O Problema Agricola* 600  
II *Estudos historicos e  
economicos*. . . . . 600  
III *Introdução ao pro-  
blema do trabalho  
nacional*. . . . . 400